

Ana Luíza Gouvêa Neto

**NA CAPA E POR DENTRO:
uma análise sociohistórica sobre a mulher evangélica em publicações
assembleianas**

Juiz de Fora
2015

Ana Luíza Gouvêa Neto

NA CAPA E POR DENTRO:

uma análise sociohistórica sobre a mulher evangélica em publicações
assembleianas

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, área de concentração Ciências Sociais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Emerson José Sena Da Silveira

Juiz de Fora

2015

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Neto, Ana Luíza Gouvêa.

Na capa e por dentro : Uma análise sociohistórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas / Ana Luíza Gouvêa Neto. -- 2015.

148 p. : il.

Orientador: Emerson José Sena da Silveira

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2015.

1. Assembleia de Deus. 2. Gênero. 3. Nosso Lar. 4. Mulher, Lar & Família Cristã. I. Silveira, Emerson José Sena da, orient. II. Título.

Ana Luíza Gouvêa Neto

NA CAPA E POR DENTRO:

uma análise sociohistórica sobre a mulher evangélica em publicações
assembleianas

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, área de concentração Ciências Sociais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Emerson José Sena Da Silveira

Prof. Dr. Emerson José Sena Da Silveira (Orientador)

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª. Drª Elisa Rodrigues

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª. Drª Sandra Duarte de Souza

Universidade Metodista de São Paulo

Juiz de Fora

27/02/2015

Dedico estes escritos aos meus dois rapazes, Monteiro e Fluffy, por tornarem minha vida mais alegre e leve.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que participaram de alguma forma desta etapa de minha vida. Aos meus pais, Rosana e Moacir por possibilitarem meus estudos. À minha avó, Maria Immaculada, por sempre contribuir de forma carinhosa e acolhedora em meus momentos mais difíceis. Às minhas irmãs Baby e Julia, sem as quais eu não saberia viver. Agradeço aos colegas de Mestrado por sempre estarem dispostos à discussões, contribuições e também, a risadas. Agradeço à Júlia por me apresentar e me colocar em contato com o Departamento. E, finalmente, agradeço ao professor Emerson Sena, sem o qual este trabalho não existira. Obrigada a todos por contribuírem de certa forma para a realização deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a relação observada entre gênero e religião no interior da Igreja Assembleia de Deus em seus 103 anos de história. A intenção é desvendar como a Igreja, a partir de seu contexto histórico e de sua mídia impressa, sobretudo as revistas *Nosso Lar* e *Mulher, Lar & Família Cristã*, constrói a representação de imagem de mulher. Torna-se de grande relevância compreender como tais relações são sustentadas e construídas dentro da Assembleia de Deus a partir do ponto no qual esta se torna criadora e mantenedora de identidades de gênero, ressignificando-as para o dia a dia do assembleiano. Cabe ressaltar que esta representação é transformada de acordo com o contexto histórico. A ressignificação da identidade de gênero é elemento constante. Para tanto, a pesquisa terá como referenciais teóricos Pierre Bourdieu, Judith Butler, Marilyn Strathern, os quais discutem teorias de gênero e possibilitam relacionar tais teorias à religião, como também ao contexto histórico.

Palavras-chave: Assembleia de Deus. *Nosso Lar*. *Mulher, Lar & Família Cristã*. Gênero.

RÉSUMÉ

Cette étude a pour but de comprendre la relation observée entre le genre et la religion au sein de l'Assemblée de Dieu dans ses 103 ans d'histoire. L'objectif est de découvrir comment l'Église à partir de son contexte historique et de son média imprimé, en particulier les magazines appelés *Nosso Lar* (en français Notre Foyer) et *Mulher, Lar & Família Cristã* (en français Femme, Foyer & Famille Chrétienne) construit la représentation de l'image de la femme. Il paraît fort indispensable de comprendre comment ces relations sont soutenues et construites à l'Assemblée de Dieu dès le moment où celle-ci commence à créer et maintenir des identités de genre en les portant un nouveau sens pour le quotidien des fidèles de l'Assemblée. Il convient de noter que cette représentation change selon le contexte historique. La redéfinition de l'identité de genre est un élément constant. Par conséquent, la recherche aura comme cadre théorique Pierre Bourdieu, Judith Butler, Marilyn Strathern, qui examinent des théories de genre et font possible la liaison de ces théories avec la religion et également avec le contexte historique.

Mots-clés: Assemblée de Dieu. Notre Foyer. Femme, Foyer & Famille Chrétienne. Genre.

LISTA DE TABELAS

População evangélica compreendida entre os anos de 1872 à 2010 – Brasil	28
Censo demográfico de 1980: religião.....	31
Distribuição de pentecostais por região – Brasil/2010.....	32
População pentecostal, por situação do domicílio e sexo – Brasil/2010	33
População pentecostal, por situação de domicílio e idade – Brasil/2010	33
População pentecostal por cor ou raça – Brasil/2010	33
População pentecostal de 5 a 70 anos, conforme alfabetização – Brasil/2010....	34
População pentecostal de 25 anos de idade ou mais, conforme grau de escolaridade – Brasil/2010	34
Expansão Assembleia de Deus 1915 – 1930 – Brasil.....	49
Assembleias Gerais da CGADB – 1930 à 2007	52
Tipos e números de publicações arquivados no CEMP	66
Oposições entre os sexos/gêneros	75
Nosso Lar: periodização.....	86
Seções fixas direcionadas às mulheres	87
Percentual de assuntos retratados nas capas.....	93
Relação de cargos no total de publicações	97
Relação de ocupações no total de publicações	98
Núcleo de profissionais	99
Núcleo de funções.....	99
Seções Fixas.....	99
Mulher, Lar & Família Cristã: periodização	105
Seções fixas direcionadas às mulheres	115
Percentual de assuntos retratados nas capas.....	123
Relação de cargos no total de publicações	124
Relação de ocupações no total de publicações	125
Núcleo de profissionais	125
Núcleo de funções.....	125
Seções Fixas.....	126
Matérias que evidenciam a participação da mulher no espaço público.....	131

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Organograma CPAD	64
Seção Entre Nós – 1992	88
Seção Entre Nós – 1993	88
Seção Entre Nós – 1995	89
Seção Entre Nós – 1996	89
Seção Passo a Passo – 1992	91
Capas da revista Nosso Lar – CPAD	96
Passo a Passo 1995	100
Seção Casa e Decoração – 1996.....	101
Seção Casa e Decoração – 1996.....	101
Seção Dicas – 1995	102
Seção Dicas – 1995	103
Seção Congelamentos – 1995	104
Seção Arte de Cozinhar – 2000	116
Seção Arte de Cozinhar – 2000	117
Seção Com Estilo – 2000.....	118
Seção Ela em Destaque – 2001	119
Seção Estética – 2003	121
Seção Feito por mim 2003	122
Mulher, Lar & Família Cristã – CPAD	127
Congresso da UFADEB	129
Seção Família – 2003	133
Entrevista com Marina Silva – Mulher, Lar & Família Cristã – 2003.....	136
Mulher, Lar & família Cristã – 2000	138

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL	11
-------------------------------	-----------

PARTE I

<i>Introdução</i>	<i>17</i>
-------------------------	-----------

1. MOVIMENTO PENTECOSTAL.....	20
--------------------------------------	-----------

1.1. Pré-milenarismo e pós-milenarismo	21
--	----

1.2. Herança norte americana	24
------------------------------------	----

2. PENTECOSTALISMO NO BRASIL.....	27
--	-----------

2.1. Reconfiguração do campo religioso brasileiro	27
---	----

2.2. A marca da distinção	30
---------------------------------	----

2.3. Proto-pentecostalismo.....	35
---------------------------------	----

2.4. Tipologias pentecostais	36
------------------------------------	----

2.5. Inserção midiática e política	38
--	----

2.5.1. A utilização da mídia	41
------------------------------------	----

2.5.2. A política como forma de garantia dos valores cristãos	43
---	----

3. IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS.....	47
--	-----------

3.1. A herança sueca	47
----------------------------	----

3.2. Formação histórica da Assembleia de Deus	49
---	----

3.3. Transformações e continuidades no interior da Assembleia de Deus.....	50
--	----

3.3.1. Assembleia de Deus: 1911 – 1946	54
--	----

3.3.2. Assembleia de Deus: 1946 – 1988	57
--	----

3.3.3. Assembleia de Deus: 1988 – 2011	58
--	----

3.4. Estruturação da CPAD: importância histórica, cultural e social.....	60
--	----

3.5. CEMP: memória e identidade.....	65
--------------------------------------	----

<i>Considerações</i>	68
----------------------------	----

PARTE II

<i>Introdução</i>	70
-------------------------	----

1. MARCOS TEÓRICOS	73
---------------------------------	----

1.1. A dominação masculina a partir de Pierre Bourdieu	73
--	----

1.2. A categoria de gênero à luz de Judith Butler	77
---	----

1.3. A possibilidade de relativizar a partir de Marilyn Strathern	80
---	----

2. REVISTA <i>NOSSO LAR</i>	84
--	----

2.1. Estruturação e organização da revista	85
--	----

2.2. Conteúdo da revista	99
--------------------------------	----

2.3. Análise da revista	105
-------------------------------	-----

3. REVISTA <i>MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ</i>	112
---	-----

3.1. Estruturação e organização da revista	113
--	-----

3.2. Conteúdo da revista	126
--------------------------------	-----

3.3. Análise da revista	130
-------------------------------	-----

<i>Considerações</i>	135
----------------------------	-----

CONCLUSÃO GERAL	137
------------------------------	-----

<i>Referências e Bibliografia</i>	141
---	-----

INTRODUÇÃO GERAL

O movimento pentecostal é caracterizado como fenômeno religioso muito bem sucedido nos últimos anos, nas três vertentes, propostas por Freston¹, a saber pentecostalismo, pentecostalismo neoclássico, neopentecostalismo, ao conquistar mais fiéis, através da promessa de solução imediata de problemas reais² do tipo financeiros, conjugais, familiares, saúde. O movimento vem se expandindo em toda esfera social e tem como base a conversão do fiel, o que possibilita a construção de uma identidade pentecostal por oposição ao catolicismo tradicional³.

Em um Brasil cada vez mais plural, no qual o mercado religioso se encontra de forma bastante diversificada, a religião como herança de tradição cede lugar à religião por escolha. A conversão marca a escolha do fiel e possibilita a construção de uma identidade nova, formada por iniciativa própria e mediada por novas comunidades. No entanto, a conversão como base se mostra de forma distinta entre homens e mulheres, colocando o tema gênero à tona.

Tendo em vista que a religião é um suporte para a vida e se baseia na garantia sobrenatural da salvação⁴, o pentecostalismo deve ser entendido como uma cultura religiosa, através de um sistema de símbolos. A relação entre gênero e religião deve ser levada em consideração. A religião, junto a outras instituições, exerce influência no modo em que os sexos se reconhecem socialmente.

Como sistema simbólico influi diretamente nas relações entre gêneros, portanto, faz-se necessário discutir como a imagem feminina é construída e apresentada dentro da instituição religiosa, a partir da análise de suas produções escritas, nas revistas *Nosso Lar e Mulher*, *Lar & Família Cristã*.

Desvelar qual o tipo de projeção de imagem feminina, moderna e cristã, proposta nas revistas trabalhadas, da Assembleia de Deus, torna-se o cerne deste trabalho. Apesar das mulheres serem o foco das revistas *Nosso Lar e Mulher*, *Lar &*

¹ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 66f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

² COUTO, Márcia Thereza. Gênero, família e pertencimento religioso na redefinição de ethos masculinos e femininos. *ANTHROPOLÓGICAS*, ano 6, v. 13(1), p. 19, 2002.

³ BIRMAN, Patrícia. Mediação feminina e identidades pentecostais. *Cadernos Pagu*, p. 205, 1996. Disponível em: <<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Media%C3%A7%C3%A3o-Feminina-e-Identicidades-Pentecostais/566077.html>>. Acesso em: 3 jun. 2013.

⁴ ROCHA, Maria José Pereira. Gênero e religião sob a ótica da redescrição. *Revista da Abordagem Gestáltica*, p. 103, jan./jun. 2008.

Família Cristã e redatoras de várias matérias, é interessante observar que a elas mesmas ainda são negados cargos dentro da própria instituição, como o pastorado.

O foco insere-se no tipo de imagem feminina que emerge das revistas já citadas e como a mesma pode ser interpretada segundo as teorias de gênero associadas a Butler⁵, Bourdieu⁶ e Strathern⁷.

Há, portanto, a necessidade de se discutir como se constrói a imagem feminina dentro da Assembleia de Deus a partir da análise das revistas, adotando uma perspectiva histórica. Relevante notar que nas publicações assembleianas pretendidas para o trabalho há uma projeção dual de mulher. Ao mesmo tempo em que tem-se uma mulher moderna, tem-se uma mulher centrada na moral cristã.

Ao analisar as publicações produzidas pela Igreja Assembleia de Deus, é possível contribuir para o entendimento de como a mulher é representada. O material proposto para pesquisa fornece base ao retratar a participação e ação da mulher na Igreja. O material ganha importância ao mostrar uma mulher moderna, mas com uma vida centrada na moralidade cristã, demonstrando que é possível ser moderna e atuante, em meio ao pentecostalismo.

Justifica-se esta pesquisa ao investigar como a imagem feminina construída através das publicações pode ser interpretada a partir das teorias de gênero, quais os valores associados a esta imagem, bem como o tipo de imagem que emerge destas publicações.

Para compreender como a imagem feminina é construída através das publicações da CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus), é necessária a compreensão de como se constroem e se fundamentam os conceitos de categorias de gênero. Por isso, a segunda parte deste trabalho traz uma breve elucidação das teorias de gênero utilizadas para análise das revistas.

Após a explanação das teorias de gênero utilizadas para criar base para o argumento, serão apresentadas as revistas *Nosso Lar* e *Mulher, Lar & Família Cristã*, as formas como se organizam os conteúdos e a análise do material.

Nas obras, será investigada a participação das mulheres na construção dos textos, quando ou se estas foram incluídas para tal tarefa. Sobretudo, a pergunta de

⁵ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

⁶ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

⁷ STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora UNICAMP, 2006.

maior importância, é: Qual a imagem feminina construída através da mídia impressa⁸ da Assembleia de Deus? A resposta para essa pergunta concentra-se na análise do material coletado no CEMP (Centro de Estudos do Movimento Pentecostal).

A proposta sempre foi identificar a imagem feminina a partir de periódicos impressos, não necessariamente os da Assembleia de Deus. Foram meses em busca de materiais impressos publicados por igrejas pentecostais. A tarefa de recolher e reunir material se mostrou difícil. As igrejas procuradas afirmaram não possuir esses materiais reunidos e arquivados. Através de uma colega de mestrado, teve-se o conhecimento de que a editora CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus) ligada a igreja Assembleia de Deus possuía um arquivo histórico em Bangu, no Rio de Janeiro, aberto ao público. Após o conhecimento sobre o arquivo, decidiu-se a partir de qual igreja seria realizado o estudo.

Durante os anos de 2013 e 2014, foram realizadas visitas ao CEMP, arquivo histórico da editora CPAD, com o objetivo de coletar fontes para a realização do trabalho. A primeira visita realizada teve como objetivo o reconhecimento do arquivo e das obras que se encontravam no acervo. Entre as variadas publicações arquivadas no CEMP, as revistas *Nosso Lar* e *Mulher, Lar & Família Cristã* destacam-se por se direcionarem ao público feminino. Entretanto, a escolha de tais periódicos para o estudo só foi feita após o exame de qualificação ocorrido em dezembro de 2013.

Após decisão sobre as obras publicadas, as visitas subsequentes tiveram o objetivo de coletar o material escolhido e de realizar entrevistas com os funcionários do arquivo. A coleta do material foi realizada através da digitalização das obras; algumas delas foram escaneadas e outras, fotografadas. No total, somam-se duas mil oitocentas e sessenta e quatro digitalizações. A última visita ao CEMP foi realizada em fevereiro de 2014. Os meses de março e abril foram reservados para a organização das digitalizações e análise do conteúdo delas.

Após análise do material, a dissertação foi ganhando forma. Optou-se por analisar separadamente as duas revistas, *Nosso Lar* e *Mulher, Lar & Família Cristã*, e por analisar todos os quarenta volumes. A escolha de não fixar a análise em alguns volumes específicos possibilitou identificar as linhas de pensamento dos

⁸ Revistas *Nosso Lar* e *Mulher, Lar & Família Cristã*.

corpos editoriais das revistas. Além disso, foi possível identificar possíveis mudanças de posturas e traçar um paralelo entre os dois periódicos.

Optou-se por construir o trabalho em duas partes, cada uma com sua introdução e com suas considerações. A primeira parte objetiva apresentar em linhas gerais a origem do movimento pentecostal, sua implantação no Brasil, a origem, organização e estruturas encontradas na Igreja Assembleia de Deus. Julgou-se necessária uma contextualização histórica, pois, em um trabalho acadêmico, não se pode supor que os leitores tenham a obrigação de conhecimento prévio sobre determinado assunto. A contextualização histórica da Assembleia de Deus fez-se necessária, também, para uma melhor compreensão da imagem feminina identificada a partir dos periódicos escolhidos.

A segunda parte destina-se à apresentação em linhas gerais dos marcos teóricos utilizados e à apresentação e análise de *Nosso Lar e Mulher, Lar & Família Cristã*. Dessa forma, a dissertação não segue o formato mais usual, baseado na divisão em capítulos. Ela é dividida em: Introdução Geral, Parte I (Introdução, desenvolvimento e considerações), Parte II (Introdução, desenvolvimento e considerações) e Conclusão Geral.

O desenvolvimento da Parte I é composto por três itens: *Movimento Pentecostal, Pentecostalismo no Brasil e Igreja Assembleia de Deus*. No primeiro item, tratar-se-á da diversidade inerente ao movimento pentecostal, da crença escatológica e das perspectivas milenaristas. A finalidade é relacionar tais itens à construção da identidade assembleiana. A trajetória e a origem do movimento pentecostal também serão pontos abarcados.

Em *Pentecostalismo no Brasil*, será abordada a maneira com que a implantação no Brasil do pentecostalismo modificou o campo brasileiro. Serão apresentadas algumas tabelas que objetivam sintetizar as informações relativas ao pentecostalismo no Brasil. A diferenciação dentro do campo evangélico terá seu lugar, juntamente com as tipificações pentecostais encontradas em Freston⁹ e Mariano.¹⁰ A inserção do pentecostalismo na mídia e na política são temas de bastante relevância para essas páginas e, por isso, constituem itens abordados.

⁹ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 303 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

¹⁰ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

No item *A Igreja Assembleia de Deus*, serão vistos a origem e influências sofridas no interior da igreja, na busca de compreender a formação da identidade assembleiana de acordo com a periodização feita por Alencar.¹¹ O terceiro item se encerra abordando as estruturas e organizações da editora CPAD e do CEMP, bem como a relevância desses para o trabalho.

O desenvolvimento da Parte II é composto por: *Marcos Teóricos*, *Revista Nosso Lar* e *Revista Mulher, Lar & Família Cristã*.

Em *Marcos Teóricos*, tratar-se-á das principais ideias sobre a teoria de gênero presentes nos autores escolhidos. As ideias contidas nas obras escolhidas de Bourdieu, Butler e Strathern serão abordadas nesse item, respectivamente. Questionamentos sobre rupturas e permanências da ordem social, do androcentrismo e da visão da teoria de gênero em caráter universal serão retratados.

Subsequentemente, serão abordados o conteúdo, a estrutura e a organização de *Nosso Lar* e depois de *Mulher, Lar & Família Cristã*. Central para o trabalho nesse item é a apresentação de imagens e trechos das revistas. A análise terá como base o conteúdo e as cores utilizadas no periódico. Associar a construção da identidade assembleiana, com base em uma investigação histórica de longo alcance do material analisado, possibilitará identificar a imagem feminina encontrada nas revistas.

¹¹ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 – 2011*. 2012. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

PARTE I

INTRODUÇÃO

A primeira parte dessa dissertação tem como finalidade expor o contexto histórico do movimento pentecostal relacionado à construção da identidade assembleiana ao longo da história. A partir da compreensão da formação da identidade assembleiana, torna-se possível a compreensão da imagem feminina projetada nas revistas *Nosso Lar e Mulher*, *Lar & Família Cristã*.

A primeira parte é dividida em três itens que se julgou necessário expor para demonstrar como e de qual forma a imagem feminina é projetada de uma certa maneira nos periódicos analisados. O primeiro item a ser tratado é o *Movimento Pentecostal*. Neste, é apresentada a diversidade de valores, doutrinas, teologias, escatologias, políticas, liturgias encontradas no interior do movimento pentecostal. A diversidade é apresentada também em forma de diferentes igrejas de matriz pentecostal, o que possibilita chamar o pentecostalismo de movimento.

O contexto histórico de longa duração é de extrema importância para a compreensão das transformações e/ou continuidades de mentalidades encontradas no meio evangélico. Isso permite perceber as continuidades e rupturas do movimento pentecostal de acordo com o contexto social, cultural e político. Trata-se, portanto, de uma análise do pentecostalismo na forma de um lastro histórico que permita identificar as mutações no interior do movimento, sobretudo, da crença escatológica.

A crença escatológica e a perspectiva milenar que esse grupo constrói de acordo com o período histórico é responsável por moldar a identidade do fiel. Deste modo, as visões pré-milenaristas e pós-milenaristas são tratadas, ainda que de forma breve, com finalidade de relacionar escatologia à identidade assembleiana. A proposta é que, a partir da transformação da perspectiva milenar, a postura sectária, asceta do assembleiano mudou: a identidade do assembleiano é transformada trazendo consequências práticas no dia a dia, tal como uma maior inserção midiática (mídias televisivas e eletrônicas) e política¹² (eleição de deputadas federais, estaduais, vereadores etc.).

¹² A Assembleia de Deus elegeu nas eleições de 2014, 24 deputados federais e 24 deputados estaduais. Disponível em: < <http://www.cpadnews.com.br/universo-cristao/24595/assembleia-de-deus-elege-23-deputados-federais-.html>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

A origem e a trajetória do pentecostalismo também são tratadas resumidamente nesse item. Compreende-se que as origens e trajetórias do pentecostalismo já tenham sido estudadas de forma contundente por Freston¹³, Mariano¹⁴, entre outros. Contudo, julgou-se necessário apresentar o tema para possíveis leitores interessados no presente trabalho, os quais talvez ainda não conheçam tais conteúdos.

No item *Pentecostalismo no Brasil*, a reconfiguração do campo religioso brasileiro é abordada, uma vez que a implantação e expansão do pentecostalismo têm ocasionado a diversificação do campo, e a perda de hegemonia da igreja católica. É importante demonstrar que a expansão pentecostal no país acompanha o processo migratório, como também o contexto socioeconômico do país.

Para tratar do movimento pentecostal, o campo evangélico também é citado no presente trabalho. Em virtude da diversidade vista dentro do campo evangélico, a caracterização e distinção entre protestantismo e pentecostalismo não é deixada de lado. É abordada a relação entre as mudanças ocorridas no Brasil e as transformações estruturais e teológicas sofridas no interior do movimento pentecostal. Vê-se uma transformação nas características ascetas, nas restrições ao mundano, ao apoliticismo. O pentecostalismo passa a acompanhar um novo contexto histórico-social, sofrendo maior adaptabilidade.

A construção e consolidação do pentecostalismo no Brasil, a história de sua implantação, assim como as tipologias das formações pentecostais também são expostas. Engloba-se desde o proto-pentecostalismo e as tipologias relacionadas ao pentecostalismo, na busca de ordenar o campo pentecostal através da análise histórico-institucional.

Parte de extrema importância encontra-se no item *Inserção midiática e política*. A compreensão da história da inserção do pentecostalismo na mídia e na política diz muito sobre as transformações ocorridas no interior do movimento. A identidade, assim como a mentalidade, são transformadas, moldando novas posturas do fiel e da Igreja em relação à sociedade.

¹³ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 303 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

¹⁴ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

A Igreja Assembleia de Deus, propriamente dita, é tratada no terceiro item dessa parte. A origem da igreja, que passa desde a influência sueca até a sua formação histórica, é importante para compreender a identidade assembleiana, na atualidade. Nesse item, tabelas e organograma são trazidos com a finalidade de sintetizar e ilustrar as informações contidas no corpo do texto. As transformações e continuidades no interior da Assembleia de Deus são demonstradas a partir da periodização feita por Alencar¹⁵.

As partes de maiores relevâncias dentro desse tópico são: *Estruturação da CPAD: importância histórica, cultural e social* e *CEMP (Centro de Estudos do Movimento Pentecostal): memória e identidade*. A relevância consiste em ser a CPAD a editora responsável pela publicação dos dois periódicos analisados nessa dissertação; e também pelo fato do CEMP ser o acervo histórico que possibilitou a presente pesquisa.

A editora ligada à Assembleia de Deus assume características de empresa capitalista. Marketing, publicidade, propaganda, administração, racionalidade são características que garantem o lucro e a expansão da marca. Nota-se, aqui, a importância da abordagem da transformação de mentalidade e a identidade no pentecostalismo. A CPAD, que tem como objetivo a transmissão da mensagem pentecostal, através de suas publicações, passa para a base relações políticas, econômicas e sociais que envolvem representações de doutrina, teologia, mulher, poder, homem.

O CEMP é caracterizado no trabalho como local de memória e identidade. Contribui para manutenção e conhecimento da história do movimento pentecostal, bem como da Assembleia de Deus para o público. A análise dos documentos, ali arquivados, permite perceber relações de poder, de gênero, raça, classe e possibilita colocar estas em perspectivas.

A visão do movimento pentecostal e da Assembleia de Deus, com base em um lastro histórico de longa duração, permite relacionar religião e gênero. As revistas *Nosso Lar* e *Mulher, Lar & Família Cristã*, arquivadas no CEMP, servirão para elucidar a conexão entre religião e gênero e expor a imagem feminina projetada nas respectivas mídias assembleianas.

¹⁵ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia* - 1911 – 2011. 2012. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

1. MOVIMENTO PENTECOSTAL

O termo movimento é empregado para caracterizar o fenômeno pentecostal no Brasil e mostra que o pentecostalismo é construído e consolidado tendo por base, diversas doutrinas, valores, teologias, escatologias, políticas, liturgias. O pentecostalismo brasileiro de raiz norte americana é complexo e composto por inúmeras variações que se influenciam e convivem mutuamente desde seus primórdios. Tais variações são percebidas a partir da pluralidade de igrejas de matriz pentecostal encontradas no atual campo religioso.

Apesar de existirem muitas denominações, o Censo Demográfico de 2010 discrimina doze opções de filiações de matriz pentecostal: Igreja Assembleia de Deus, Igreja Congregação Cristã do Brasil, Igreja do Brasil para Cristo, Igreja Evangelho Quadrangular, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Casa da Bênção, Igreja Deus é Amor, Igreja Maranata, Igreja Nova Vida, Evangélica renovada não determinada, Comunidade Evangélica, e outras. É notável a diversificação de igrejas cristãs pentecostais no Brasil.

A facilidade de se registrar novas igrejas, a aceitação social da conversão, o enfraquecimento da Igreja Católica no cenário religioso brasileiro¹⁶, a forte urbanização a partir da década de 1950, contribuíram para a proliferação de novas igrejas pentecostais no cenário brasileiro¹⁷. Surgem, constantemente, várias denominações, resultado de cisões de igrejas evangélicas.

Em meio a tanta diversidade, é preciso perceber os movimentos e mudanças de mentalidade encontradas no meio evangélico a partir de um contexto histórico de longa duração, o qual permite perceber as continuidades e rupturas do movimento pentecostal de acordo com o contexto social, cultural e político.

Assim, o pentecostalismo implantado no Brasil em 1910 não é o mesmo do atual. Ao percorrer mais de cem anos de história, novas nuances surgem no contexto e acabam por transformar a mentalidade do ser pentecostal, o que possibilita novas configurações de igrejas e permite chamar o pentecostalismo de movimento.

¹⁶ De acordo com o Censo Demográfico do IBGE, a população de católicos em 1872 era de 99,75%, enquanto no Censo de 2010, somente, 64,6% da população se declarou católica.

¹⁷ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 303f. p. 40. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

Trata-se de analisar o pentecostalismo a partir de um lastro histórico que permita entender a autocompreensão do grupo e as transformações que este sofre ao longo dos anos. De acordo com Rocha¹⁸, esta transformação na esfera pentecostal pode estar ligada às mutações na crença escatológica presente nestes grupos. No que tange à abordagem escatológica no pentecostalismo brasileiro, torna-se necessária a compreensão que tal grupo tem das expectativas milenaristas, e a diferenciação entre os conceitos de pré-milenarismo e pós-milenarismo.

1.1. *Pré-milenarismo e pós-milenarismo*

A compreensão da transformação do pentecostalismo brasileiro desde sua implantação perpassa o conhecimento de uma mentalidade escatológica¹⁹ e da perspectiva milenar que esse grupo constrói e consolida de acordo com o contexto histórico em que está inserido. Estas visões são responsáveis por moldar e ditar os comportamentos dos pentecostais em relação à sociedade e ao dia a dia do fiel. Pode-se entender por milenarismo a crença em um Reino terreno, com duração de mil anos, entendido de forma literal ou de forma simbólica.

O milênio é compreendido entre a primeira ressurreição – eleitos mortos – e a segunda – para todos os homens na hora de seu julgamento. O milênio intercala dois períodos: o tempo da história e a volta da “Jerusalém Celeste”²⁰. Compõem o milênio dois períodos de provação: o primeiro momento refere-se ao Reino do Anticristo, o segundo, à libertação das forças demoníacas, vencidas em um derradeiro combate²¹.

O pentecostalismo que se instala no Brasil na primeira década do século XX tem sua visão escatológica e milenar herdadas do protestantismo norte-americano de característica fundamentalista²². Os primeiros pentecostais brasileiros assumem

¹⁸ ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146f. p. 23. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

¹⁹ A mentalidade escatológica está ligada à preocupação do fiel no presente em relação ao futuro. Anseios, sentimentos e crenças são transformados em uma linguagem que se traduz na espera pelo retorno iminente de Cristo.

²⁰ ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146f. p. 23. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

²¹ *Ibidem*. p. 23.

²² Autores como Rocha relacionam a estrutura pentecostal brasileira ao fundamentalismo protestante norte-americano ao demonstrar mais relações entre estes movimentos do que se pode imaginar.

uma postura sectária, asceta, anticatólica e apolítica. Pesquisadores como Rocha²³ relacionam estas características a uma visão pré-milenarista, na qual o Reino milenar dar-se-ia após a segunda vinda de Cristo a Terra.

Na visão pré-milenarista, o Reino Justo e Feliz só ocorrerá após o retorno de Cristo. Não se pretende o engajamento político, social, e as esperanças em relação ao futuro terreno não são otimistas. Quanto maior a descrença na sociedade, menores as possibilidades de se crer na intervenção humana para a transformação do aqui e agora. A ação humana no que diz respeito a intervenções políticas e lutas sociais se faz desnecessária. Entretanto a evangelização é notória na busca de angariar mais fiéis para o Reino Celeste. Outra ênfase desta mentalidade é a pregação da mensagem da proximidade do fim.

Vale ressaltar que os pioneiros pentecostais, quando se instalam no Brasil, precisam lidar com uma conotação negativa de ser evangélico, com uma Igreja Católica dominante no cenário político-cultural do país, além da perseguição cultural e religiosa. Instalados em zonas periféricas e rurais, os primeiros grupos pentecostais têm sua formação a partir de pobres e escuros sem voz político-social ativa. A expectativa de mobilidade social em um país agrário e centralizado é praticamente inexistente para os evangélicos pentecostais. Associar a conjuntura histórico-social do surgimento do pentecostalismo no Brasil, dotado de características pré-milenaristas, à apatia política, ao sectarismo e ao ascetismo se torna coerente.

Conforme ocorrem transformações na sociedade brasileira, percebem-se mudanças no comportamento do movimento pentecostal. Tanto a visão escatológica quanto a milenarista ganham novos contornos. Com a grande segmentação interna do movimento pentecostal a partir da década de 1950, a visão pré-milenarista perde

Nesta concepção, tais movimentos são contemporâneos e simultâneos. Nasceram no final do século XIX e início do século XX nos Estados Unidos da América. Desde então, estes crescem e se expandem para o mundo consolidando-se e se alimentando reciprocamente. Características sectárias, pré-milenaristas, centralidade na Bíblia são constantes nos dois movimentos. “Os pontos fundamentais e inegociáveis da fé cristã para os fundamentalistas também o são para os pentecostais. Também na escatologia os pentecostais abraçaram a perspectiva pré-milenarista do fim próximo, mas associavam as manifestações do espírito santo em seu meio como um sinal de que o tempo final se aproximava”. ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146 f. p. 70 e 71. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

²³ ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146f. p. 70-71. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

força e a pós-milenarista se sobressai. A visão pós-milenarista pode ser entendida como:

O Reino de Deus instaura-se progressivamente por um processo evolutivo, integrando-se no encadeamento dos fatos históricos (sociais e eclesiásticos) e orientando o mundo, pela própria lógica interna de sua evolução social e religiosa em direção a um ponto de maturidade²⁴.

A visão do sectarismo radical perde força, e pode-se verificar, a partir de então, a entrada de igrejas na mídia radiofônica e televisiva evangélica. A ênfase da mensagem pentecostal já não se centra na glossolalia²⁵ e sim na cura divina²⁶. Nota-se uma mudança de postura no pentecostalismo que se acentua com o decorrer dos anos. Acredita-se que, na conjuntura atual, no Brasil, a visão pentecostal, em grande parte, assume posturas pós-milenaristas, haja vista a bancada evangélica, o mercado gospel, a Teologia da Prosperidade²⁷, a Guerra espiritual contra o Diabo.

Ainda que o Reino de Cristo Celeste seja esperado aqui e agora, o cristão também deve lutar pela construção de uma moral cristã e de um país desgarrado da corrupção, das mazelas do Diabo, da pobreza. Aquela velha mensagem do crente sofredor não combina mais com a conjuntura político-social em que estes se encontram.

Logo, a visão pós-milenarista adentra em uma diversidade de igrejas pentecostais transformando a relação do fiel com a sociedade. Essa reorganização da postura pentecostal frente ao mundo tem seu início nos anos de 1970 e tem como principal representante a Igreja Universal do Reino de Deus, tema que será tratado mais à frente.

²⁴ ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146 f. p. 46. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

²⁵ Entende-se por glossolalia falar em línguas de fogo a partir da intervenção direta do Espírito Santo.

²⁶ A cura divina é uma característica pentecostal, sobretudo em igrejas pertencentes da segunda onda. Tem por objetivo a cura de problemas espirituais e físicos a partir da intervenção do Espírito Santo.

²⁷ “Oriunda dos Estados Unidos, a teologia da prosperidade, Confissão Positiva ou Movimento da fé, como também é conhecida, surgiu no começo dos anos 40. Mais tarde, encontrou guarida nos grupos evangélicos carismáticos daquele país, sendo reconhecida como movimento doutrinário constituído somente nos anos 70. Sob a liderança de Kenneth Hagin, nascido no Texas, em 1917, a Confissão Positiva difundiu-se para inúmeros países (...) Saúde perfeita, prosperidade material, triunfo sobre o Diabo e vitória sobre todo e qualquer sofrimento, eis as promessas”. MARIANO, Ricardo. *Os neopentecostais e a teologia da prosperidade*. Novos Estudos. n. 44. p. 28 e 29.

1.2. Herança norte americana

Sem entender as origens e marcas da trajetória do pentecostalismo não há como apreender as inúmeras transformações, continuidades e rupturas vistas dentro do movimento. Para compreender as identidades forjadas, em mais de cem anos de história no Brasil, do movimento pentecostal, é necessário que se discorra, ainda que de forma breve, sobre as origens do movimento e de que forma se instaurou aqui no Brasil.

O pentecostalismo brasileiro pode ser visto como resultado de um movimento surgido nos Estados Unidos da América na virada do século XIX para o século XX, o qual tem como origem o metodismo wesleyano que introduz um novo conceito: o de uma segunda graça, diferente da salvação, a perfeição cristã²⁸. John Wesley, metodista britânico, ao buscar uma nova forma de religiosidade distinta da racionalidade presente nas igrejas protestantes de seu tempo, inaugura um novo modo – no qual, a emoção é utilizada como critério de acesso ao sagrado – de viver a religião com ênfase na experiência direta do contato do homem com Deus e centrada em uma religiosidade subjetiva do crente.

O novo modo de viver a religião é difundido através do movimento de santidade, os chamados *holiness*, a partir da segunda metade do século XIX em países de língua inglesa. O movimento *holiness* é caracterizado pela forte expectativa do iminente fim do mundo precedida pelo avivamento dos dons, sobretudo, a glossolalia.

Charles Parham, dono de uma escola bíblica no Kansas – Estados Unidos da América – possibilitou o surgimento do pentecostalismo como movimento original ao sintetizar a doutrina na qual as línguas de fogo eram a evidência do Batismo com Espírito Santo.

Contudo o principal responsável pela expansão e sucesso do movimento pentecostal foi W. J. Seymour.

O movimento pentecostal surgiu no movimento de “santidade”, que por sua vez deve muito ao conceito wesleyano de perfeição cristã como uma segunda obra da graça, distinta da justificação. A sementeira específica provavelmente foi a Escola bíblica de Topeka, Kansas, nos Estados Unidos. Nessa escola, Charles Parham

²⁸ FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996. p. 73.

defendia a ideia de que o falar em línguas era um dos sinais que acompanhavam o Batismo do Espírito Santo. Um discípulo de Parham, o pregador negro W. J. Seymour, foi convidado para pregar na Igreja de tipo *holiness* da evangelista negra Nelly Terry, em Los Angeles, Califórnia. Pregando sobre At 2.4, Seymour declarou que Deus tem uma terceira bênção, além da santificação, a saber, O Batismo do Espírito Santo, acompanhado do falar em línguas. Nelly Terry, escandalizada, expulsou-o da sua Igreja! Seymour, porém, promoveu reuniões em outras partes da cidade e no dia 6 de abril de 1906 em uma reunião de oração à rua Azuza, n. 312, um menino de oito anos falou em línguas, seguido de outras pessoas. Foi o início formal do movimento pentecostal. W. H. Durham, pastor de uma Igreja Batista de Chicago, foi um dos primeiros que falaram em línguas nas reuniões de Seymour. (...) Daniel Berg foi um membro da Igreja de Durham, em Chicago, e de lá saiu como missionário para o Brasil²⁹.

Apesar do pioneirismo de Parham, é a William Joseph Seymour, ex escravo, cego de uma vista e garçom, que se deve o *boom* do movimento pentecostal. Quando chamado para pregar em Los Angeles, por Nelly Terry, em uma igreja *holiness*, Seymour prega o Batismo do Espírito Santo. Com grande sucesso, aluga um armazém na rua Azuza e funda a “Missão da Fé Apostólica”. Los Angeles nessa época concentra uma grande quantidade de minorias étnicas e é a cidade que mais cresce nos Estados Unidos da América. O sucesso é tamanho que logo atrai para suas fileiras os brancos.

A liderança do movimento em seu início é marcada por negros e mulheres, e o que se considerava ser uma renovação das igrejas já existentes rapidamente solidifica-se em grupos independentes e não demora a ocorrer a separação racial.

A cidade em que o pentecostalismo mais cresceu nos primeiros anos foi Chicago, onde 75% da população eram imigrantes ou filhos de imigrantes. Era a segunda cidade do país, com condições graves de exploração industrial. A modernidade dos arranha-céus convivía com condições sanitárias horrendas. Lá, pululavam missões pentecostais das mais diversas etnias, inclusive dos suecos³⁰.

Uma das principais características do movimento pentecostal em seu início é a grande expectativa da volta iminente de Cristo. Assim, a evangelização ocorre, mas sem a institucionalização, burocratização e organização das Igrejas; nota-se que a institucionalização e burocratização ocorrem posteriormente. No período inicial do movimento, a mentalidade pentecostal baseia-se na visão pré-milenarista, na

²⁹ ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146 f. p. 68. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

³⁰ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 303 f. p. 68. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

qual o Reino Celeste se dará após a vinda física de Cristo. Pastores e missionários não recebiam salários e viviam de contribuições avulsas.

Ao centralizar a teologia pentecostal na glossolalia, o movimento se espalha rapidamente sob as conexões organizadas do movimento *holiness*. De acordo com Freston³¹, a rápida expansão mundial do pentecostalismo deve-se, também, aos muitos missionários no exterior. É a partir de missionários migrantes que o pentecostalismo se consolida no Brasil, sem muitos recursos e com a pretensão de evangelização, a última antes da vinda iminente de Cristo.

A implantação e a consolidação do pentecostalismo no Brasil trouxeram fortes consequências para a transformação do campo religioso brasileiro. O pentecostalismo, instalado de forma tímida no país, na atualidade, concorre em igualdade com o catolicismo, inclusive se sobressai quando o assunto é inserção política, midiática e expansão em número de adeptos.

³¹ FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996. p.75.

2. PENTECOSTALISMO NO BRASIL

Acompanhando as mudanças ocorridas no país ao longo deste século, o pentecostalismo também sofre transformações tanto estruturais, quanto teológicas. O apoliticismo, as restrições ao mundano e o comportamento asceta aos poucos vão perdendo força no meio pentecostal, e esse passa a se adaptar ao novo contexto histórico-social³².

Com a transformação do movimento pentecostal, há uma inserção em novos estratos e grupos sociais ampliando de forma ainda maior a sua força e participação na sociedade. Contudo, para a compreensão da abrangência do pentecostalismo na atualidade, faz-se necessário um breve apanhado histórico de sua implantação, construção e consolidação no Brasil, assim como as tipologias das formações pentecostais.

2.1. Reconfiguração do campo religioso brasileiro

O pentecostalismo na atualidade se transformou em um fenômeno global. É notável a grande expansão do movimento ao longo das últimas décadas em sociedades emergentes do Pacífico Sul, da África, Leste e Sudeste da Ásia³³. Mariano³⁴ trata esse processo como globalização do *protestantismo popular*. Contudo a região do mundo em que se verifica a maior expansão pentecostal é a América Latina. Para além, o Brasil assume papel preponderante neste contexto ao possuir o maior número de protestantes da Latino-América³⁵. Desta forma, tem-se que o maior país católico é também o maior país protestante da América do Sul³⁶.

Pentecostais e protestantes históricos compõem o grupo denominado de evangélico na Latino-América. Descendentes da Reforma Protestante ocorrida no

³² A partir da democratização, da abertura para o mercado econômico liberal, há uma transformação de mentalidade do cidadão. A democracia trouxe consigo valores ligados à liberdade de escolha, somada a nova capacidade de consumo possibilitada a partir da nova política econômica, o cidadão de forma geral – e sobretudo a classe média – ganha poder de compra. Há toda uma transformação na construção do cidadão, agora com a mentalidade consumidora. O movimento pentecostal vai acompanhar essa transformação na sociedade e se adaptar a esses novos valores e mentalidades.

³³ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 9.

³⁴ *Ibidem*. p. 9.

³⁵ *Ibidem*. p. 10.

³⁶ MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. *Novos Estudos*, n. 44, 1996, p. 25.

século XVI, os evangélicos abarcam igrejas como a Luterana, a Batista e a Metodista até a Congregação Cristã no Brasil, a Assembleia de Deus e a Universal do Reino de Deus. É essa a religião que mais cresce no país ao longo do século XX, transformando a composição no interior do campo religioso brasileiro³⁷.

A seguir, a tabela do IBGE, *séries históricas e estatísticas*, representa em números absolutos a população evangélica compreendida entre 1872 a 2010.

Tabela 1 – População evangélica compreendida entre os anos de 1872 a 2010 – Brasil.³⁸

ANO	Período	População Evangélica
	1872	-
1890	143.743	
1940	1.074.857	
1950	1.741.430	
1960	2.824.775	
1970	4.814.728	
1980	7.885.846	
1991	13.189.284	
2000	26.184.941	
2010	42.275.440	

Freston propõe a década de 1940 como período para a explosão evangélica, sobretudo de pentecostais, no país³⁹. As décadas de 1940/50 foram marcadas por grandes transformações. Há um alto estímulo industrial em decorrência da II Guerra Mundial, implanta-se a TV no Brasil e aumentam-se as produções de aparelhos de rádio. No contexto social, o Brasil passa por mudanças: ocorre um aumento das taxas de natalidade, da migração e das acentuadas desigualdades sociais. O desequilíbrio é grave, e, com a alta taxa de migração, as cidades litorâneas passam a ficar superpovoadas enquanto o campo e o interior ficam desocupados; é necessária a intervenção do Estado para estabelecer uma política de migração⁴⁰.

³⁷ CAMPOS, Leonildo Silveira. Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira: católicos e evangélicos entre 1940 e 2007. *Revista de Estudos da religião*, p. 15, 2008. Disponível em: < http://www.pucsp.br/rever/rv42008/t_campos.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2013.

³⁸ IBGE: instituto brasileiro de geografia e estatísticas. Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=POP60&t=populacao-religiao-populacao-presente-residente>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

³⁹ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 303f. p. 31. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

⁴⁰ GOMES, Angela de Castro. Ideologia e trabalho no estado novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 53-72.

Nesse período, o crescimento urbano se expande e conseqüentemente os migrantes sem condições recorrem às favelas. Ao ser caracterizado como fenômeno urbano, de pobres e escuros, não se torna difícil relacionar o avanço do movimento pentecostal na década de 1940/50 ao contexto socioeconômico do país. Vale ressaltar que, a partir desse período, a criação de novas igrejas se torna recorrente no movimento.

Caracterizado como movimento de minorias, pobres, analfabetos e negros⁴¹, o pentecostalismo implantado no Brasil, na década de 1910, é bem diferente do encontrado atualmente. Características marcantes como sectarismo, ascetismo, apoliticismo não são as principais características dos pentecostais na atualidade. Pressupõe-se uma passagem da visão pré-milenarista para pós-milenarista nos redutos pentecostais. Ao ter sua concepção escatológica e teológica mudadas, os pentecostais passam a construir novas identidades, estas agora mais em consonância com o mundo.

A transformação na mentalidade pentecostal se dá em todas as esferas do movimento, logo, não é incomum notar igrejas pentecostais conservadoras ou mesmo protestantes históricas assumindo características mais modernas e contemporâneas. A transformação da identidade pentecostal acompanha a história política, econômica, cultural e social do Brasil. Como dito anteriormente, as décadas de 1940/1950 são preponderantes para este processo.

A partir desse período o país antes rural, sem industrialização e urbanização fortes, começa a reorganizar sua estrutura. Esse momento é crucial para a mudança representada pela passagem de um sistema de base agroexportadora para uma sociedade de base urbano-industrial. Desde então, o país passou por corporativismo estatal, modernização, ditaduras, privatizações, recuo do Estado, entre outros.

A reconfiguração do campo religioso brasileiro muito se deve aos fatores supracitados que possibilitaram a expansão e transformação de mentalidade no pentecostalismo brasileiro levando-o para novos espaços da sociedade. Os pentecostais deixaram de ser minorias perseguidas e ocuparam lugares na política, na mídia, na educação, enfim, na sociedade de maneira geral. A Igreja Católica, assim, vê sua hegemonia em risco a partir da grande expansão pentecostal e da reorganização da matriz religiosa brasileira.

⁴¹ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 11-12.

2.2. A marca da distinção

Ao abarcar diversos tipos de protestantismo, é importante marcar a diferença dentro do campo evangélico. É necessário esclarecer que, ao se tratar de pentecostalismo, o que está em voga é o movimento com raízes no metodismo wesleyano e no movimento *holiness*. O pentecostalismo se distinguiu do protestantismo histórico ao pregar com base no episódio de Pentecostes: o Espírito Santo se manifesta aos apóstolos através das línguas de fogo. A glossolalia e a cura são os dons do Espírito que se sobressaem no meio pentecostal.

Os pentecostais, diferentemente dos protestantes históricos, acreditam que Deus, por intermédio do Espírito Santo e em nome de Cristo, continua a agir hoje da mesma forma que no cristianismo primitivo, curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênçãos e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com seus servos, concedendo infinitas amostras concretas de Seu supremo poder e inigualável bondade⁴².

O ano de 1980 inaugura um novo padrão de classificação adotado pelo IBGE, com a separação entre protestantes históricos e pentecostais. Nessa época, os protestantes históricos ainda compunham a maior parte da parcela evangélica brasileira representando 51% do total.

No entanto, na PNAD de 1988, essa classificação não é mantida, mas o Censo Demográfico de 1991 constata o crescimento acentuado pentecostal representando 65,1% dos evangélicos.

Segue a tabela do *Censo demográfico de 1980: amostra 25%* que permite demonstrar, ainda que não preenchida, a separação entre protestantes históricos e protestantes pentecostais.

⁴² MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 10.

Tabela 2 – Censo demográfico de 1980: religião.⁴³

Variável	Nome da Variável	Desde	Tam	F	Cate	Reno
606	Idade em Anos	68	3	N	132	
	126 - 126 Anos					
	127 - 127 Anos					
	128 - 128 Anos					
	129- 129 Anos					
	130 - 130 Anos					
	999 - Idade Ignorada					
508	Religião	71	1	N	5	
	0 - Sem Religião					
	1 - Católica ou Melquita					
	2 - Protestante ou Tradicional					
	3 - Protestante Pentecostal					
	4 - Espírita Kardecista					
	5 - Espírita Afro					
	6 - Religiões Orientais					
	7 - Judaica ou Israelita					
	9 - Outras Religiões					
	9 - Sem Declaração					
509	Cor	72	1	N	5	
	2 - Branca					
	4 - Preta					
	6 - Amarela					
	8 - Parda					
	9 - Sem Declaração					

Com o *boom* pentecostal no país, estudiosos se debruçam sobre o fenômeno buscando teorias capazes de explicar seu avanço⁴⁴. Tal avanço se concentra nos estratos mais pobres da população e em regiões mais populosas e urbanas do país.

O Censo Demográfico de 2010 feito pelo IBGE demonstra que a maior parcela de pentecostais se concentra nas duas maiores cidades do país: Rio de Janeiro com 2.520.314 e São Paulo com 6.088.132 pessoas. Isso quer dizer que, nestas duas cidades, os pentecostais representam 15,76% e 14,75%

⁴³ IBGE: instituto brasileiro de geografia e estatísticas. Disponível em: <<http://personal.psc.isr.umich.edu/~david1/brasil/census80.codebook.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

⁴⁴ Para maiores detalhes de teorias, ver: MARIANO, Ricardo. *A teoria sociológica funcionalista sobre a expansão pentecostal*. Belo Horizonte: Perspectivas Teológicas. ano. 43, n. 119. 2011. p. 11 – 36.

respectivamente da população e ocupam as regiões mais periféricas⁴⁵. Somadas as duas cidades, representam 4,51% de pentecostais totais da população.

Tabela 3 – Distribuição de pentecostais por região – Brasil/2010.⁴⁶

Região	Pop. Geral	Pop. Pentecostal	% Pentecostal
Norte	15864454	3187100	20,09%
Nordeste	53081950	5348024	10,08%
Sudeste	80364410	11508724	14,32%
Sul	27386891	2986789	10,91%
Centro Oeste	14058094	2339845	16,64%

Nota-se, a partir do Censo Demográfico de 2010, que em um universo de 25.370.484 pessoas que se declararam de origem pentecostal, 44,43% são homens e 55,56% são mulheres⁴⁷. Quando se trata de diferenciação por sexo, o número de adeptos pouco se altera. Contudo, quando se trata de regiões, a diferença é grande.

A zona urbana concentra 88,17% dos que se declararam de origem pentecostal, enquanto somente 11,82% dos que se declararam de origem pentecostal residem na zona rural⁴⁸. Percebe-se, a partir desse último dado, a transformação ocorrida no movimento pentecostal, que teve sua origem em zonas rurais e periféricas.

O maior percentual de religiosos pentecostais encontra-se na faixa etária de 20 a 59 anos. Destaca-se que a grande maioria tem entre 30 e 49 anos de idade. As tabelas abaixo sintetizam as informações elencadas acima.

⁴⁵ CAMPOS, Leonildo Silveira. Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira: católicos e evangélicos entre 1940 e 2007. *Revista de Estudos da Religião*, p. 28, 2008. Disponível em: < http://www.pucsp.br/rever/rv42008/t_campos.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2013.

⁴⁶ IBGE: instituto brasileiro de geografia e estatísticas. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/estadosat/index.php>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

⁴⁷ CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Rio de Janeiro: IBGE, v. 1. 2012. p. 144.

⁴⁸ Ibidem. p. 144.

Tabela 4 – População pentecostal, por situação do domicílio e sexo – Brasil/2010.⁴⁹

	Total	%	Homens	%	Mulheres	%
População Pentecostal	25370484	100,00	11272106	44,43	14095841	55,56
Zona Urbana	22371352	88,17	9854581	44,05	12514534	55,94
Zona Rural	2999132	11,82	1417990	47,28	1580842	52,71

Em um total de 25.370.484 declarantes de origem pentecostal, 48,88% se declarou pardo⁵⁰; a alteração é quase imperceptível ao se comparar declarações raciais entre homens e mulheres. Quanto à alfabetização, 89,89% dos entrevistados se declararam alfabetizados, enquanto 10,10% se declararam não alfabetizados⁵¹. Esses dados, se relacionados às estatísticas de escolaridade, geram inquietações.

Tabela 5 – População pentecostal, por situação de domicílio e idade – Brasil/2010.⁵²

Faixa Etária	20 - 59	30 - 49
População Pentecostal	53,64%	28,02%
Zona Urbana	54,35%	28,45%
Zona Rural	48,39%	24,79%

Em um universo de 13.699.927 pessoas com idade igual ou superior a vinte e cinco anos, 54,11% se declararam sem instrução ou com o fundamental incompleto. Somente 4,81% têm nível superior completo⁵³. A discrepância entre as informações acima talvez seja resultado de diferentes interpretações.

Tabela 6 – População pentecostal por cor ou raça – Brasil/2010.⁵⁴

	Total	Homens	Mulheres
	25370484	11273195	14097289
Branca	41,26%	40,74%	41,68%
Preta	8,45%	8,70%	8,10%
Amarela	0,93%	0,83%	1,01%
Parda	48,88%	49,14%	48,66%
Indígena	0,46%	0,48%	0,44%
Sem Declaração	0,0001%	0,0003%	-

⁴⁹ CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Rio de Janeiro: IBGE, v. 1. 2012. p. 144.

⁵⁰ Ibidem. p.149.

⁵¹ Ibidem. p.152.

⁵² Ibidem. p.146.

⁵³ Ibidem. p.152.

⁵⁴ Ibidem. p.149.

Tabela 7 – População pentecostal de 5 a 70 anos, conforme alfabetização – Brasil/2010.⁵⁵

Total de pentecostais de 5 - 70 Anos	23262351	
Alfabetizados	20911302	89,89%
Não Alfabetizados	2351049	10,10%

Talvez esta grande parcela de pessoas que se declararam alfabetizadas tenham o ensino fundamental incompleto. Contudo, não se declaram analfabetos, uma vez que sabem ler e contar. Entre os declarantes de origem pentecostal no Censo de 2010⁵⁶, 74,77% informaram receber entre $\frac{1}{2}$ a 3 salários mínimos⁵⁷.

Tabela 8 – População pentecostal População pentecostal de 25 anos de idade ou mais, conforme grau de escolaridade – Brasil/2010.⁵⁸

	Total de Pentecostais	Mulheres	Homens
Sem instrução ou fundamental incompleto	54,11%	54,74%	53,20%
Com Superior	4,81%	5,17%	4,29%

Após a análise dos dados, pode-se notar o crescimento do pentecostalismo. Contudo, ainda hoje, a expansão pentecostal ocorre de forma desigual quando se consideram as diferentes classes sociais da população. Tem-se que a maior concentração pentecostal está inserida nos bairros mais pobres e periféricos, nos quais, muitas vezes, a assistência estatal é precária.

Ao se comparar a população pentecostal à população de maneira geral, o índice de escolaridade e de renda são menores. A maior parcela dos membros das igrejas pentecostais tem escolaridade e renda inferior à da população, e é formada pelas parcelas mais escuras da população, além de se concentrarem nas zonas periféricas das grandes cidades.

⁵⁵ CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Rio de Janeiro: IBGE, v. 1. 2012. p. 152.

⁵⁶ Ibidem. p. 157.

⁵⁷ Salário mínimo no valor de R\$510,00.

⁵⁸ CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Rio de Janeiro: IBGE, v. 1. 2012. p. 154.

2.3. Proto-pentecostalismo

O período que abrange o proto-pentecostalismo pode ser compreendido entre 1808, com a chegada da Família Real, a 1909, ano antecedente da criação da Congregação Cristã no Brasil em 1910.

Com a vinda da Família Real para o Brasil e com a assinatura do acordo comercial entre Portugal e Inglaterra, ingleses, suecos e alemães chegam ao país em um período denominado de *protestantismo étnico*, assim como as missões protestantes chegam a partir da segunda metade do século XIX⁵⁹.

Durante o século XIX, já é possível notar no Brasil faíscas pentecostais, uma vez que já estão implantados em solo brasileiro grupos *holiness*, batistas letos, metodistas livres e messianismos⁶⁰.

O messianismo está ligado à figura de um messias que:

É o personagem cujo movimento é o milenarismo, embora não haja necessariamente personagem e movimento (...) O messias é alguém enviado por uma divindade para trazer a vitória do Bem sobre o Mal, ou para corrigir a imperfeição do mundo, permitindo o advento do Paraíso Terrestre, tratando-se pois de um líder religioso e social⁶¹.

Assim, movimentos com características espirituais autônomas e manifestações em línguas e profecias não são novidades no século XX⁶². Cita-se como exemplo José Manoel da Conceição, que, em 1865, torna-se primeiro pastor brasileiro presbiteriano e, através do forte misticismo, tem problemas com os missionários americanos⁶³.

Miguel Ferreira, em 1874, converte-se ao presbiterianismo. Somado aos acontecimentos citados acima é fundada a Igreja Evangélica Brasileira em 1879, reconhecida pelo Governo Imperial, na qual Miguel Ferreira assume o cargo de pastor. Tendo passado pelo presbiterianismo e espiritismo kardecista, seu ministério

⁵⁹ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 – 2011*. 2012. 285 f. p. 42. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

⁶⁰ ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146 f. p. 28. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

⁶¹ Ibidem. p. 28.

⁶² ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 582.

⁶³ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 – 2011*. 2012. 285 f. p. 42. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

ocorre de forma “mística” a partir de visões e revelações⁶⁴. Os casos protestantes de “iluminismo religioso”⁶⁵, somados aos movimentos messiânicos, constituem o protopentecostalismo brasileiro dotado de manifestações de carismas – profecia e glossolalia⁶⁶.

2.4. *Tipologias pentecostais*

Nos primórdios do pentecostalismo, tem-se como característica a participação igual entre homens e mulheres, e a pluralidade racial. O movimento surge como proposta de renovação das igrejas existentes com ênfase na expectativa da iminente volta de Cristo. É esse pentecostalismo jovem, sem as dependências das missões históricas, com proposições evangelísticas que se instaura no Brasil a partir da década de 1910.

A igual participação entre homens e mulheres se mostra na atuação de mulheres no ministério e na redação de jornais. Frida Vingren, esposa de Gunar Vingren, um dos Fundadores da Assembleia de Deus, demonstra a igualdade nos anos iniciais do pentecostalismo no Brasil ao ministrar cultos e ser redatora. Segue abaixo trecho de uma de suas publicações na segunda edição do jornal *O Som Alegre* em dezembro de 1929, intitulada *O decreto do senhor sobre estes*. “Amaldiçoe a Merez, diz o anjo do Senhor, acremente amaldiçoe aos seus moradores; porquanto não vierem ao *socorro do Senhor*, ao socorro do Senhor com os valentes”. Em um pentecostalismo jovem, o principal objetivo é a evangelização, não distinguindo entre homens e mulheres.

O pentecostalismo brasileiro é heterogêneo. Divergências internas e externas fizeram parte do movimento desde o início. As primeiras igrejas fundadas, Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus, sempre contaram com diferenças eclesiais, doutrinárias e de inserção no meio social. Com as transformações ocorridas na sociedade ao longo do século, as mensagens trazidas com o pentecostalismo se alteram tornando a religião ainda mais heterogênea.

⁶⁴ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 – 2011*. 2012. 285 f. p. 43. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

⁶⁵ Forma mística relacionada a visões e revelações.

⁶⁶ FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996. p. 73.

Apesar de relativamente novo, o pentecostalismo se mostra um fenômeno complexo, dinâmico e em constante adaptação⁶⁷ aos contextos sociais, nos quais ele interage.

As tipologias não devem ser vistas como estanques, completas e imutáveis, porém ajudam a compreender o dinamismo do campo religioso pentecostal no Brasil. Deste modo, optou-se por utilizar Mariano⁶⁸ na busca de ordenar o campo pentecostal através da análise histórico-institucional.

A partir dessa classificação, identificaram-se três vertentes no pentecostalismo inspiradas nas metáforas marinhas de Paul Freston: *pentecostalismo clássico*, *deuteropentecostalismo* e *neopentecostalismo*. Basta salientar que essas três ondas/vertentes pentecostais convivem, interagem e se influenciam reciprocamente⁶⁹. É justamente pelo constante movimento entre estas vertentes que as mesmas podem ser classificadas como ondas marinhas. Não obstante, a classificação tipológica do pentecostalismo brasileiro gera concordâncias e divergências⁷⁰.

Seguindo a tipologia histórico-institucional de Mariano⁷¹, a primeira onda pentecostal pode ser classificada de *pentecostalismo clássico* e representa o primeiro conjunto de igrejas pentecostais implantadas em solo brasileiro. Este primeiro momento é datado de 1910 com a fundação da Congregação Cristã no Brasil em São Paulo. Em 1911, em Belém, é fundada a Assembleia de Deus, e são essas duas igrejas que compõem este primeiro bloco pentecostal. A fragmentação denominacional e institucional ocorre a partir de 1950 com a chegada de missionários ligados à Igreja do Evangelho Quadrangular⁷². Portanto, o primeiro

⁶⁷ FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996. p. 75.

⁶⁸ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 23.

⁶⁹ MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. *Novos Estudos*, n. 44, 1996, p. 25.

⁷⁰ Para ver mais tipologias do pentecostalismo brasileiro, ver: MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 7 – 246.

⁷¹ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

⁷² Origem, exclusivamente, norte-americana. FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 303 f. p. 82. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

período do pentecostalismo no Brasil denominado de *pentecostalismo clássico* é compreendido entre 1910 a 1950⁷³.

Essa primeira onda marca o momento de origem e expansão mundial do pentecostalismo. Discriminadas pela Igreja Católica e por protestantes históricos, as igrejas que formam a primeira onda foram compostas, em seus anos iniciais, por pessoas pobres e sem escolaridade.

Marcadas por um forte anticatolicismo, pela ênfase nos carismas – dons do Espírito Santo – e pela crença na iminente volta de Cristo, as duas igrejas pentecostais clássicas mantêm-se em postura asceta e sectária em relação ao mundo. Com a transformação do perfil social de seus membros, na atualidade, já não se encontra uma radicalidade marcante às adaptações ao mundo na Assembleia de Deus.

É na cidade de São Paulo, em 1950, que se inicia a segunda onda pentecostal denominada de *deuteropentecostalismo*⁷⁴. Harold Williams e Raymond Boatright⁷⁵ tomam frente da Cruzada Nacional de Evangelização com objetivo de evangelização em massa, na qual a mensagem central é a cura divina. A evangelização a partir de tendas itinerantes, pregações em praças públicas e ginásios arregimenta, além de fiéis, pastores de outras confissões. Nesse momento, além de uma acelerada expansão, o pentecostalismo passa a se fragmentar em diversos grupos que tiveram a possibilidade de se adaptar à nova sociedade urbana. Novas técnicas⁷⁶ são implantadas, somadas a uma nova relação com a sociedade.

A ênfase na mensagem teológica da cura divina proporcionou ao pentecostalismo uma forte expansão territorial e populacional. É intensa a utilização do rádio como forma proselitista. Nesse ritmo, surgem a Igreja do Evangelho Quadrangular, em 1951, na cidade de São Paulo; Brasil Para Cristo, em 1955, em São Paulo; Deus É Amor, em 1962, em São Paulo e Casa da Bênção, em 1964, em

⁷³ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 23.

⁷⁴ Ibidem. p. 30.

⁷⁵ Ex-atores norte-americanos de filmes de faroeste vinculados à *International Church of The Foursquare Gospel*. São quatro os pilares desta igreja: Cristo Salvador, Santificador, Curador e Rei que voltará.

⁷⁶ Técnicas de proselitismo em massa e utilização massiva do rádio para evangelizar. Sobretudo, cabe ressaltar a ênfase na cura divina.

Minas Gerais⁷⁷. Vale ressaltar que esse grupo de igrejas relaciona-se com a urbanização e a formação de uma sociedade de massas.

O terceiro grupo, ou a terceira onda, começa a se afirmar no Rio de Janeiro, cidade que naquele momento se encontrava em dificuldades, com alto grau de violência; contava ainda com a máfia do jogo e com uma política populista. O produto institucional mais famoso deste novo surto de crescimento é a Igreja Universal do Reino de Deus.

Classificado de *neopentecostalismo*, esse novo modo de ser pentecostal surge a partir da segunda década de 1970 e ganha força nos anos de 1980 e 1990. Esta terceira onda destoa das outras, inclusive, na mensagem teológica. Ela é formada, sobretudo por igrejas cariocas como a Universal do Reino de Deus criada em 1977 no Rio de Janeiro, a Internacional da Graça de Deus, criada em 1980, no Rio de Janeiro, a Cristo Vive, criada em 1986, no Rio de Janeiro, mas também a Mundial do Poder de Deus, criada em 1998, em São Paulo.

Com caráter inovador⁷⁸, o *neopentecostalismo* deixa para trás a velha mensagem pentecostal de sofrimento e prega a mensagem de prosperidade material e financeira, na saúde e na família de forma imediata. Há uma forte acomodação ao mundo, quer dizer participam da vida partidária e utilizam de forma exaustiva a mídia. As características marcantes destas igrejas são: 1. Teologia da Prosperidade; 2. Constante Guerra contra o Diabo; 3. Sem estereótipos evangélicos.

Interessa aqui notar os processos, rupturas, cisões e transformações ocorridas ao longo do século em uma igreja em especial, a Assembleia de Deus.

2.5. Inserção midiática e política

Como o objetivo central do trabalho é refletir sobre a mulher assembleiana representada em dois periódicos da Igreja, as revistas: *Mulher, Lar & Família Cristã*

⁷⁷ MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a teologia da prosperidades. *Novos Estudos*, n. 44, p. 25. 1996.

⁷⁸ Caráter inovador no sentido de aceitar as adaptações do mundo, de se inserir na política, no marketing, na televisão. Nesse novo caráter, tem-se a busca pelo sucesso material e espiritual. Esse novo modelo pentecostal se adapta às mudanças: "o aprofundamento da industrialização, o inchamento urbano causado pela expulsão de mão-de-obra do campo, a estrutura moderna de comunicação de massa que no final do anos 70 já alcança quase toda a população, a crise católica e o crescimento da umbanda, e a estagnação econômica dos anos 80". FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 303 f. p. 95. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

e *Nosso Lar*, é importante identificar a trajetória do pentecostalismo brasileiro no que diz respeito a sua inserção na mídia e na política. A partir da inserção do movimento em espaços antes não ocupados, há uma transformação na identidade e autoconhecimento que tal grupo faz de si próprio.

A mudança de postura em relação ao mundo pressupõe mudanças de conjunturas no interior do movimento. O pentecostalismo, na atualidade, “adapta-se facilmente à cultura urbana influenciada pela televisão e pela ética *yuppie*”⁷⁹. Existem pentecostais que seguem tendências da moda, possuem escolarização, e são adeptos à tecnologia. De fato, esta mudança no comportamento pentecostal existe, mas não é geral, de maneira que ainda se encontram diversas igrejas com características conservadoras.

No que diz respeito à Igreja Assembleia de Deus, há diversidade. Ao mesmo tempo em que se encontram assembleias clássicas⁸⁰, também pode-se encontrar assembleias modernas, em maior consonância com a modernidade. Marina Corrêa⁸¹, ao tratar da Assembleia de Deus, situada no bairro de Bom Retiro na cidade de São Paulo, conclui que a mesma perdeu seu aspecto tradicional clássico e pode ser considerada como mais um exemplo de *neopentecostalismo*. Na proporção em que o Brasil se torna urbano, novas posturas pentecostais adaptáveis precisam ser criadas reorganizando as igrejas e reconfigurando a identidade pentecostal.

De acordo com Rocha⁸², a alteração de comportamento e identidade dos pentecostais tem relação com a alteração na visão da perspectiva escatológica e milenarista, mas também com as mudanças sociais. Há uma transição de uma visão pré-milenarista para uma pós-milenarista influenciando diretamente no cotidiano dos fiéis e na atuação da instituição religiosa tanto na sociedade, quanto na política. Pode-se ter como ponto de partida as transformações ocorridas possibilitadas pela passagem da ênfase de uma visão pré-milenarista à pregação da cura divina. Essa última é

⁷⁹ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 303 f. p. 95. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

⁸⁰ Guardam características ascetas e apolíticas. Assumem uma postura pré-milenarista. Nessas, o pastorado feminino é negado, sempre respaldado pela Bíblia.

⁸¹ CORRÊA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. *Alterações das características da igreja Assembleia de Deus no bairro Bom Retiro em São Paulo*. *Azusa*, jul. 2011.

⁸² ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

vista como intervenção direta do além capaz de trazer melhorias para a vida terrena⁸³.

De frente de uma mobilidade social por parte dos crentes, da sociedade de consumo, de variadas formas de lazer, de novas formas de entretenimento cultural, foi necessário que o pentecostalismo abrisse concessões para não se defasar de maneira extrema à sociedade. Para tanto, a mensagem pentecostal deveria ser ajustada gradativamente: “primeiro era preciso substituir suas concepções teológicas que diziam que os verdadeiros cristãos seriam, se não materialmente pobres, desinteressado de coisas de valores”⁸⁴.

Essa transformação na ênfase da mensagem central pentecostal abre caminho para o *neopentecostalismo* que tem como base a Teologia da Prosperidade e a Guerra Espiritual contra o Diabo.

A teologia da prosperidade criou possibilidade de inserir o movimento pentecostal em áreas antes inacessíveis. A partir da legitimação teológica, pentecostais e neopentecostais passaram a desfrutar da sociedade de consumo em massa e refazer a sua própria identidade a partir, sobretudo, da mídia – eletrônica e audiovisual.

2.5.1. A utilização da mídia

As relações políticas, culturais e religiosas exibem a identidade pentecostal enquanto é construída pela mídia – impressa, eletrônica e audiovisual. “No caso da cultura evangélica, observamos a tendência da religiosidade autônoma, em que os indivíduos dispõem do mercado cultural para formar visões de mundo, afirmar ou questionar sua identidade”⁸⁵.

Verifica-se a utilização da mídia no espaço pentecostal, no Brasil, desde seu início através de jornais e folhetos. A primeira onda de pentecostais utilizava a mídia escrita como forma de evangelização e de construção da identidade que

⁸³ ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146 f. p. 94. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

⁸⁴ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 27.

⁸⁵ BELLOTTI, Karina Kosicki. *Delas é o reino dos céus: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (anos 1950 – 2000)*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2010. p. 57.

representava uma contracultura à sociedade de forma geral. A partir da segunda onda pentecostal, esta relação com a mídia⁸⁶ é transformada.

Por volta da década de 1940/1950, o movimento pentecostal de *cura divina* tem início, e, a partir de então, nota-se um aumento em relação à utilização da mídia radiofônica, sobretudo⁸⁷. Acompanhando a transformação sociocultural do país, com o avanço na industrialização e urbanização, certas igrejas pentecostais passam a utilizar o rádio como forma proselitista, de apoio aos movimentos das *tendas divinas*, de pregação e até mesmo como forma de terapias.

A utilização do rádio, principalmente, por igrejas ligadas à segunda onda pentecostal, ajudou a construir lideranças carismáticas, tais como: Manuel de Mello, fundador da Igreja *O Brasil para Cristo* e David Miranda, Fundador da *Igreja Pentecostal Deus é Amor*⁸⁸. Um *looping* passa a se formar por intermédio da mídia; lideranças são construídas através da mídia e essas lideranças carismáticas constroem os milagres que voltam para a mídia. A mídia radiofônica abre lugar para a televisiva. Nesse contexto, sobressaem-se as igrejas da terceira onda, sobretudo a Universal do Reino de Deus. Campos⁸⁹ acredita ser possível distinguir a utilização da mídia pelos pentecostais no Brasil em duas fases: fase da imprensa e fase da mídia eletrônica. Ressalta-se que estas duas fases, citadas por Campos, não se excluem, pelo contrário, interagem e se influenciam mutuamente.

Importa aqui as consequências trazidas pela utilização da mídia na atualidade. Até por volta dos anos de 1970, os pentecostais limitavam sua ação proselitista midiática ao rádio e aos impressos, porém, na mesma década, vê-se a consolidação dos hábitos em relação ao uso da televisão; e, já em 1980, a produção da TV ocorre de forma massiva.

Nesse período, ocorre a entrada dos pentecostais na produção televisiva evangélica, o que possibilitou a comunicação em massa no meio pentecostal. Vale ressaltar que, para a Igreja Assembleia de Deus, a utilização da mídia eletrônica é moderada se comparada com a mídia impressa. Percebe-se, ao acompanhar as

⁸⁶ Além de jornais e panfletos, a nova forma de evangelização dá-se, sobretudo, através do rádio.

⁸⁷ CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva. *Revista USP*, São Paulo, n. 61, p. 154, mar./maio 2004.

⁸⁸ RODRIGUES, Elisa. *A mão de Deus está aqui: estudo etnográfico da igreja mundial do poder de deus*. 2014. 340 f. p. 145. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

⁸⁹ CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos e mídia no Brasil: uma história de acertos e desacertos. *Revista de Estudos da Religião*, p. 3, 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/r3_2008/t_campos.pdf>. Acesso em: 15 set. 2013.

publicações, uma maior ênfase dada pela instituição à mídia impressa, devido às raízes milenaristas e ao comportamento sectário.

A mídia evangélica é enorme, e, de acordo com Freston, “o tamanho do mercado pentecostal justifica uma mídia especializada para este segmento”⁹⁰. O mercado evangélico se adapta aos gostos locais e também introduz novidades: o mercado muda e ao mesmo tempo continua o mesmo.

O modelo de mercado fez com que diferenças doutrinárias perdessem força perante uma tendência crescente de enfatizar o lado prático da religião. Por isso, temas como família e a educação infantil ganharam relevo. A família foi considerada pelos evangélicos o bastião de resistência às mudanças socioeconômicas e culturais do século XX.⁹¹

A partir do discurso de líderes carismáticos pentecostais, a ideia de se defender os valores cristãos – moral e ético – são trazidos para a esfera pública através dos meios de comunicação e chegam a repercutir na política brasileira. A lembrar da troca de visões pré-milenaristas, individualizadas, para a pós-milenarista, em busca da coletividade em forma de sociedade ética, moral, sem sofrimentos e, sobretudo, próspera. Os pentecostais, ao mudar a ênfase da mensagem pentecostal e, com o auxílio dos meios de comunicação, ao legitimarem um novo modelo de vida, reconfiguram a imagem que o fiel tem de si e de seu grupo. A entrada de pentecostais na esfera política não salta aos olhos, haja vista a nova configuração da identidade pentecostal. Aqui vale dizer que há muitas igrejas da primeira onda, e muitas Assembleias de Deus que ainda se encontram com características ascéticas e milenaristas.

2.5.2. *A política como forma de garantia dos valores cristãos*

O Batismo no Espírito Santo e os dons do carisma – glossolalia, cura – não são mais as únicas pautas do movimento pentecostal. Nesta altura do movimento, depois de tantas transformações, rupturas e continuidades, interessa também o poder político. A indústria de comunicação possibilitou aos pentecostais legitimar a nova teologia, na qual a prosperidade é requisito.

⁹⁰ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 303 f. p. 136. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

⁹¹ BELLOTTI, Karina Kosicki. *Delas é o reino dos céus: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (anos 1950 – 2000)*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2010. p. 325.

A transformação dos valores pentecostais mudou o modo de agir e pensar, reformulando identidades. A imagem do crente ascético, apolítico e sectário não combina mais com o discurso de uma instituição mais moderna e adepta às tecnologias e sociedade. O mundo continua condenado, e é função do crente transformá-lo em um paraíso na Terra. A Teologia da Prosperidade e a Guerra contra o Diabo legitimam a participação das lideranças pentecostais na arena política.

Se antes condenavam a Igreja Católica pela sua aproximação com o Estado na busca de aquisição de privilégios, agora, buscam as mesmas benesses⁹². Condenar o mundo não leva mais o crente a se tornar sectário, pelo contrário o traz para lutar no presente em busca de fazer a diferença no mundo. O parlamento se torna o lugar central de disputas e lutas para implantação de valores morais cristãos na sociedade. A batalha antes mística a partir da inserção dos evangélicos na política se torna física. Cabem aos representantes religiosos lutarem a partir de projetos e conchavos políticos para tornar o Brasil o Paraíso Terrestre.

A entrada dos pentecostais brasileiros na esfera política ocorre no período pré-eleitoral de 1986⁹³. O discurso do momento girava em torno da Constituinte que daria reais possibilidades para que se reescrevesse o Brasil. Era a oportunidade que o evangélico tinha para mostrar superado o complexo de minoria e ter voz política ativa. A República traz consigo uma reconfiguração do interesse de atuação política dentro do movimento pentecostal.

Este novo interesse nasce na necessidade de ter representatividade na Assembleia Constituinte. A Igreja Assembleia de Deus, com sua característica marcante de apoliticismo, logo percebe a importância de se fazer representar na esfera pública política nacional. Um exemplo pode ser dado a partir da Convenção Geral de 1985, realizada em Goiás, na qual líderes tecem comentários sobre a importância da Constituinte. O lema inaugurado é o da oração mais ação; a ação do crente sob forma de voto.

⁹² Tais benesses dizem respeito ao relacionamento de tais igrejas com o poder público, tendo facilitadas concessões de emissoras de TV e rádio, por exemplo.

⁹³ De acordo com Cunha, o movimento pentecostal no país pode ser percebido, sobretudo, a partir de duas maneiras: alto investimento midiático e na inserção no poder público. Destaca-se a contribuição para a formação da Bancada Evangélica desde o Congresso Constituinte de 1986, o qual forneceu o maior número de deputados. CUNHA, Magali do Nascimento. *Vinho novo em odres velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil*. 2004. 347 f. p. 86. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

A nova mobilização se reflete na indicação de candidatos apoiados pela própria igreja na tentativa de se perder a menor quantidade possível de votos. O resultado foi positivo, e a Assembleia de Deus conseguiu eleger 13 deputados e, nas eleições de 2002, já eram 22 deputados ligados à Assembleia de Deus⁹⁴. Entretanto, esta entrada na corrida política não ocorreu por parte de todas as igrejas pentecostais; a Congregação Cristã do Brasil e a Deus é Amor ainda se mantêm à parte da corrida eleitoral.

Para facilitar a conquista de votos, as igrejas pentecostais têm se empenhado em lançar candidatos próprios, influentes e conhecidos no ambiente institucional religioso. Membros da hierarquia são lançados como candidatos na busca de transferir a influência religiosa para a esfera política.

O sucesso do projeto político pentecostal se deve a três fatores: a proximidade que a igreja pentecostal tem com o fiel, como também as influências que as mesmas exercem na vida deste fiel. Com uma pauta voltada para família e a moral cristã, o pentecostalismo conseguiu legitimar sua presença na arena política e remodelar a identidade seus membros.

O segundo fator está ligado à estruturação. As igrejas, por serem estruturadas de forma centralizada e oligárquica, seus dirigentes tomam as decisões e as transmitem para os fieis. Nas lideranças assembleianas, por exemplo, há um forte caráter caudilhesco e *coronelístico*⁹⁵. O terceiro e último fator, mas não menos importante, relaciona-se com a eficiência das igrejas na utilização dos meios de comunicação em massa. De acordo com Freston⁹⁶, política e mídia se reforçam reciprocamente na composição do campo evangélico. Não é de espantar ver famosos da mídia pentecostal compondo a bancada evangélica.

O pontapé na corrida política foi dado pela Assembleia de Deus, a qual ainda consegue eleger inúmeros candidatos, mas, até as eleições de 2010, a igreja que mais elegeu governantes foi a Universal do Reino de Deus⁹⁷: a “Universal inaugurou um novo estilo de fazer política nas igrejas, trata-se de um específico “corporativismo

⁹⁴ ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146 f. p. 81. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

⁹⁵ Ibidem. p. 83.

⁹⁶ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 303 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

⁹⁷ Disponível em: < <http://portal.metodista.br/fateo/noticias/eleicoes-igreja-e-religiao-entrevista-com-a-professora-magali-cunha>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

de viés religioso”⁹⁸. Após a redemocratização do país, assiste-se a um política evangélica dominada por políticos ligados ao *pentecostalismo clássico*, já nos fins da década de 1990, vê-se a *neopentecostalização* da bancada evangélica.

O movimento pentecostal brasileiro em um século saiu de uma posição de margem da sociedade para o centro. Vê-se com o passar dos anos as transformações ocorridas no interior do movimento e a consequente transformação do fiel pentecostal. O sectarismo, apoliticismo, pré-milenarismo, se não suplantados, são diminuídos em meio às constantes adaptações das igrejas à modernidade. Hoje, os pentecostais reconhecem sua força e se utilizam da mídia e da política para reclamar seus direitos e suas demandas religiosas sempre a favor dos interesses corporativos, políticos e econômicos de suas instituições.

A Igreja Assembleia de Deus, maior igreja pentecostal do Brasil e detentora de uma imagem conservadora, atualmente possui uma faceta bem diferente de visão e acomodação ao mundo das encontradas em suas origens. Para compreender a imagem de mulher representada nas revistas da Assembleia de Deus, foi importante realizar todo este trajeto histórico. O mesmo possibilita perceber as relações que a igreja teve e tem com o movimento pentecostal e com a sociedade. A compreensão de uma identidade assembleiana perpassa a mídia, a política, a teologia, a sociedade e a cultura. Identificar as consonâncias ou não da Assembleia de Deus com a história do movimento pentecostal é essencial para perceber a imagem e a autoimagem desta.

⁹⁸ ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146 f. p. 83. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

3. IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS

Para compreensão da identidade assembleia na atualidade, é necessário que se busque seu passado, ou seja, suas origens e características. Ao longo de 103 anos de história, muitas mudanças ocorreram no interior da maior igreja pentecostal do país. A Assembleia de Deus de *ethos* sueco nordestina, sectária, apolítica e de visões pré-milenaristas, na atualidade, tem características bem distintas. Para tanto, torna-se essencial compreender a situação dos missionários suecos que chegaram ao Brasil e fundaram a Assembleia de Deus.

3.1. A herança sueca

A Igreja Assembleia de Deus, fundada em Belém, em 1911, é resultado do movimento *holiness* norte-americano, como também das políticas migratórias ocorridas nos séculos XIX e XX. Ela foi fundada por dois suecos migrados para os Estados Unidos da América, e, nessa linha, não é difícil compreender as posturas sectárias, apolíticas, ascetas presentes nos fieis assembleianos das primeiras gerações.

Nos séculos XIX e XX, a Europa passava por uma elevada taxa de migração, e a Suécia não era o país próspero dos tempos atuais. De acordo com Freston⁹⁹, “era uma país estagnado com pouca diferenciação social, forçado a exportar grande parte da população”. A liberdade religiosa era relativa¹⁰⁰ na virada do século e só veio a acontecer em 1905 através de um governo parlamentar. A relação entre igreja e sociedade contava com uma igreja estatal luterana com alto índice de adesão, porém, na prática, a história é outra. Com um catolicismo inexistente e um pluralismo bem tímido, as igrejas dissidentes só aparecem no terceiro quartel do século XX.

Na Suécia da virada do século, a igreja subordinada ao Estado era mais maleável às transformações e às mudanças deste. Havia um sentimento cultural de religião, e a igreja estatal contava com um clero especializado em universidades e com alto *status* social. Desta forma, as poucas dissidências ocorridas eram oprimidas e marginalizadas. Um grupo de dissidentes foi o dos batistas; devido ao

⁹⁹ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 303 f. p. 68. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

¹⁰⁰ A liberdade religiosa foi implantada formalmente em 1860. Contudo, ainda na virada do século, a mesma era relativa, com baixo nível de igrejas dissidentes.

alto grau de repressão, muitos deles preferiram migrar, e foi justamente entre os batistas que o pentecostalismo conseguiu se firmar:

Os missionários suecos que tanto influenciaram os primeiros quarenta anos da AD no Brasil vieram de um país religiosa, social e culturalmente homogêneo, no qual eram marginalizados. Pertenciam a insignificante minoria religiosa num país onde vários trâmites burocráticos ainda passeavam pelo clero luterano. Desprezavam a igreja estatal, com seu alto *status* social e político e seu clero teologicamente liberal¹⁰¹.

O Estado sueco era unitário¹⁰², e, com uma cultura homogênea e cosmopolita, a dissidência religiosa não era capaz de construir uma nova base social. Pode-se considerar a religião dissidente como uma forma de contracultura. Seu clero não contava com especialização formal e mantinham distanciamento da educação teológica e poucas aspirações sociais. Os pentecostais suecos possuíam uma postura de sofrimento, de marginalização social, de minorias, de martírio e contavam com um viés pré-milenarista.

Outra característica do modelo pentecostal sueco que aqui foi implantado é relativa à rejeição do aprendizado formal intelectual escolar. Estavam formando uma nova comunidade, na qual, para as pessoas excluídas, não existia a necessidade de um clero especializado. Dessa forma, a Assembleia de Deus formada no Brasil foi produto de um pequeno grupo de migrantes de um país pobre sem pretensões de melhorias sociais. Os primeiros líderes da Assembleia de Deus, marcados por posturas de marginalidade e simplicidade, pouco ligavam para ascensão econômica.

Este tópico serviu para compreender de onde surgiu a postura asceta, apolítica e pré-milenarista da Assembleia de Deus tão presente nos primeiros anos da igreja. Apesar de, nos tempos atuais, a igreja ainda contar com tais posturas, hoje a denominação se encontra muito mais diversificada e modernizada, ainda que em algumas igrejas prevaleçam o ideal de um *pentecostalismo clássico*. Os próximos tópicos trazem as mudanças ocorridas no interior da igreja e como estas mudanças aconteceram.

¹⁰¹ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 303 f. p. 69. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

¹⁰² Pode-se entender o Estado unitário como homogêneo, no qual há uma unidade administrativa, política e jurídica que se volta para um único povo e território. Sob o comando de um único poder, governa de forma una e coloca em segundo plano as coletividades menores, tais como: comunas, distritos, municípios e departamentos. SOUZA, Benedicto Moacir. *Do estado unitário ao estado regional*. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/181590/000415516.pdf?sequence=3>>. Acesso em: 20 nov.2014.

3.2. Formação histórica da Assembleia de Deus

Fundada em 18 de junho de 1911 por um grupo de 17 pessoas dissidentes da Igreja Batista, entre elas Daniel Berg e Gunnar Vingren, a Igreja Assembleia¹⁰³ de Deus figura nos tempos atuais como a maior igreja pentecostal no cenário brasileiro¹⁰⁴. Em 99 anos de história, a Assembleia de Deus conta com uma membresia de norte a sul, de leste a oeste do Brasil, equivalente a 12.314.408 pessoas, segundo dados do Censo demográfico do IBGE de 2010¹⁰⁵.

A Igreja representa 54,55% do número de pentecostais brasileiros e tem uma pequena variação no número de assembleianos de acordo com a região do país: Norte: 60,53%, Nordeste 62,90%, Sudeste: 40,03%, Centro-Oeste: 50,28% e Sul: 41,37%. Nota-se que, apesar da variação, a Assembleia de Deus representa a maior parcela entre os pentecostais em todas as regiões do país. Constituída em sua maioria por membros pobres, em 103 anos, a Assembleia de Deus, na atualidade, penetra, inclusive, na elite brasileira.

Porém, nos 15 primeiros anos de igreja no país, a expansão territorial da Assembleia de Deus ficou praticamente restrita ao Norte e Nordeste. Para se tornar a maior igreja pentecostal do Brasil, a Assembleia de Deus contou com a ação planejada dos líderes concomitante à ação dos leigos, migrantes em sua maioria. Segue adiante tabela com a expansão da Igreja até 1930.

Tabela 9 – Expansão Assembleia de Deus 1915 – 1930 – Brasil.¹⁰⁶

Ano	Nº estados	Sul	Norte	Centro- Oeste	Sudeste	Nordeste
1915	3	0	1	0	0	2
1920	9	0	3	0	0	6
1925	15	2	4	0	3	6
1930	20	3	4	0	4	9

¹⁰³ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 – 2011*. 2012. 285 f. p. 16. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

¹⁰⁴ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 40.

¹⁰⁵ IBGE: instituto brasileiro de geografia e estatísticas. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/estadosat/index.php>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

¹⁰⁶ FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996. p. 83.

Em seus primeiros anos, a Assembleia de Deus era uma igreja de pobres, excluídos e marginalizados. A nova igreja recém formada recebeu o nome de “Missão de Fé Apostólica”. Vingren e Berg tiveram nos primeiros anos ajuda não só dos brasileiros que constituíam a nova igreja, mas também dos suecos; estes passam a chegar para colaborar a partir do ano de 1914. Paralelamente, a Suécia já contava com o pluralismo religioso. Lewi Pethrus aproveita o momento, e a Missão Sueca Livre se oficializa.

Nos 30 primeiros anos, a Assembleia de Deus contou com uma enorme parceria com os suecos. O auge destes no Brasil ocorreu na década de 1930. Por volta de 20 famílias missionárias ligadas à igreja estavam no Brasil neste ano. A presidência da Convenção Geral das Assembleias de Deus foi ocupada por suecos até 1951. A autonomia da igreja em relação à Missão Sueca ocorre no ano de 1930, e é neste mesmo ano que a sede da igreja é transferida de Belém para o Rio de Janeiro, capital do Brasil até 1960.

3.3. Transformações e continuidades no interior da Assembleia de Deus

Tipicamente brasileira, a Assembleia de Deus, fundada por suecos no Norte do Brasil, não difere muito do país em que está estabelecida. Fundada com *ethos* sueco nordestino¹⁰⁷, apesar de configurar apenas uma Igreja, em seu interior conta com inúmeras variações. Detentora de desde *templos-casa* a *mega-templos*¹⁰⁸, são abissais as diferenças econômicas, políticas e doutrinárias no interior da Igreja. Contudo, nos anos iniciais, com o objetivo de evangelização, questões institucionais e burocráticas não assumem lugar de destaque, o que possibilita uma igreja intimista e com laços sociais.

A Assembleia de Deus carrega uma dupla mentalidade¹⁰⁹ de origem: formada pela participação sueca das primeiras décadas com visão de marginalização

¹⁰⁷ Utilizado por Alencar em sua tese, o conceito não aparece elucidado de forma clara para o leitor. A partir da obra, pôde-se entender por *ethos* sueco nordestino a característica que marca uma forte centralização de poder na mão de alguns líderes, carismáticos que exercem o poder de forma autoritária e com relativa oposição à cultura letrada. ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia -1911 – 2011*. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

¹⁰⁸ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 – 2011*. 2012. 285 f. p. 22. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

¹⁰⁹ Sueca e nordestina.

cultural; e uma sociedade pré-industrial e patriarcal do Norte e Nordeste nos anos de 1930 a 1960.

A Convenção Geral das Assembleias de Deus é o órgão máximo da denominação, porém não tem o poder de demitir ou nomear pastores. Até o ano de 2007, foram realizadas trinta e oito Assembleias Gerais da CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus)¹¹⁰. A mesma se reúne de dois em dois anos com o objetivo de tratar assuntos relevantes à administração, às doutrinas e às teologias da Igreja. De acordo com Alencar¹¹¹, podem-se verificar trinta e duas Convenções, espalhadas pelo Brasil, as quais fazem parte da CGADB. A tabela seguinte traz as datas e locais de cada Assembleia Geral já realizada até o ano de 2007.

¹¹⁰ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 213.

¹¹¹ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 – 2011*. 2012. 285 f. p. 278. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

Tabela 10 – Assembleias Gerais da CGADB – 1930 a 2007.¹¹²

Nº	Ano(s)	Local(s)
1	1930,1931,1932	Natal, Rio de Janeiro e Recife
2	1933	Rio de Janeiro
3	1934	Recife
4	1935	João Pessoa
5	1936	Belém
6	1937	São Paulo
7	1938,1939,1940,1941,1943,1945	Recife, Rio de Janeiro, Salvador, Porto Alegre
8	1946	Recife
9	1947	São Paulo
10	1948	Natal
11	1949	Rio de Janeiro
12	1951	Porto Alegre
13	1953	Santos
14	1955	Belém
15	1957	Belo Horizonte
16	1959	Rio de Janeiro
17	1962	Recife
18	1964	Curitiba
19	1966	Santo André
20	1968	Fortaleza
21	1971	Niterói
22	1973	Natal
23	1975	Santo André
24	1977	Recife
25	1979	Porto Alegre
26	1981	Belo Horizonte
27	1983	Vila Velha
28	1985	Anápolis
29	1987,1989	Salvador
30	1990	São Paulo
31	1993	Cuiabá
32	1995	Salvador
33	1997	Belo Horizonte
34	1999	São Paulo
35	2001	Brasília
36	2003	Maceió, São Paulo
37	2005, 2006	Rio de Janeiro e Florianópolis
38	2007	São Paulo

¹¹² ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 213.

A ação social é verificada desde cedo, na Assembleia de Deus, a partir do auxílio de igrejas locais a membros/ou não, auxílio este que abrange bolsas de alimentos até auxílio funeral. No período compreendido entre 1924 a 1950, são criadas na sede, em Belém, as Caixas de Beneficência, Caixa Mortuária e Caixa das Viúvas¹¹³.

A igreja tem ajudado o povo ensinando-o a ler, espalhando literatura, construindo bibliotecas comunitárias, jardins de infância e dando curso de língua portuguesa. Cada igreja-mãe supre as necessidades dos membros que dela fazem parte e das pessoas de sua comunidade, providenciando alimentos, casa, roupa, assistência médica. Alguns campos possuem sua policlínica ou fazem convênio com as mesmas.¹¹⁴

Tendo a ação social dificultada nos primeiros anos pela Igreja Católica¹¹⁵, a atuação da Assembleia de Deus se faz de forma menor, mas, através dos auxílios à leitura e à comida, a Igreja se fez presente nesta área. Na atualidade, a ação social figura de forma bem diferente. Em 1997, na 33ª Convenção Geral dos pastores, cria-se o Conselho de Ação Social no intuito de organizar e regulamentar a ação social de toda a Igreja. A notoriedade da Igreja se faz de tal forma que no ano de 2003 o Governo Federal propõe à Assembleia de Deus parceria em projetos sociais. Um convênio foi assinado entre a Assembleia de Deus e Governo Federal, em 2003, a favor da erradicação do analfabetismo.

Como a proposta central do trabalho é identificar a representação do feminino produzida pela Assembleia de Deus a partir das revistas *Nosso Lar e Lar, Mulher & Família Cristã*, publicadas pela CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus), será utilizado o recorte histórico-cronológico feito por Gedeon de Alencar¹¹⁶. A partir desta divisão, podem-se identificar as transformações, cisões e rupturas no interior da Assembleia de Deus e reconhecer em quais contextos são formadas as relações políticas, sociais e culturais de gênero no seu interior, além de como estas são transpassadas para o dia a dia do fiel.

¹¹³ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 1.

¹¹⁴ ALMEIDA, Abraão et al apud ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 1.

¹¹⁵ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 – 2011*. 2012. 285 f. p. 18. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

¹¹⁶ Ibidem. p. 285.

A periodização é dividida em três fases¹¹⁷: 1911 a 1946, 1946 a 1988 e 1988 a 2011¹¹⁸. O primeiro momento é denominado como *O movimento pentecostal: a iluminação do carisma*; o segundo momento é denominado *A instituição pentecostal: o avanço da tradição*; o terceiro momento é denominado como *A corporação pentecostal: a (i)racionalidade dos poderes*. Cada um destes períodos citados acima guarda semelhança uns com os outros, mas, acima de tudo, suas diferenças são enormes. Apesar da periodização utilizada, na atualidade são encontradas igrejas com características de todos estes períodos. Logo, a periodização serve no auxílio didático para o entendimento de mais de 100 anos de história de igreja, mas não quer dizer que características encontradas lá em 1911 não existam mais em certas igrejas da atualidade.

3.3.1. Assembleia de Deus – 1911 a 1946

O primeiro período compreendido entre 1911 a 1946, intitulado de *O movimento pentecostal: a iluminação do carisma*, é marcado pela formação da identidade social a partir da relação e oposição. Surge como contracultura ao catolicismo dominante e abre concorrência ao protestantismo de missão. Ao se caracterizar como movimento, este primeiro período não requer processo de institucionalização.

As reuniões são feitas nas casas dos membros e têm, como principal objetivo apologético, a evangelização. A forte crença deste momento é a vinda iminente de Cristo à Terra, e os dons do carisma – dons do Espírito Santo – são considerados como prova deste retorno. A ênfase gira em torno das línguas de fogo – glossolalia -, mas profecias, visões e curas divinas também abarcam o universo pentecostal.

Durante aquela semana, realizamos cultos de oração todas as noites na casa de uma irmã que tinha uma enfermidade incurável nos lábios. Ela não podia assistir aos cultos na igreja. A primeira coisa que fiz foi perguntar-lhe se cria que Jesus podia curá-la. Ela respondeu que sim. Dissemos-lhe então que deixasse de lado todos

¹¹⁷ Optou-se por utilizar a periodização criada por Gedeon Alencar, pois a mesma elenca as principais características e elementos presente em cada período distinto. A periodização é didática e possibilita visualizar as transformações ocorridas na Igreja. ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia -1911 – 2011*. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

¹¹⁸ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 – 2011*. 2012. 285 f. p. 22. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

os remédios que estava tomando. Oramos por ela, e o Senhor Jesus a curou completamente. Nos cultos que se seguiram, aquela irmã começou a buscar o batismo com o Espírito Santo. O seu nome era Celina Albuquerque. Na quinta-feira, depois do culto, ela continuou orando em sua casa, juntamente com outra irmã. À uma hora da madrugada, a irmã Celina começou a falar em novas línguas e continuou falando durante duas horas.¹¹⁹

A nova doutrina pentecostal fundada por suecos vindos dos Estados Unidos da América crê no batismo com o Espírito Santo, e, para tanto, não é necessário institucionalização e burocratização. A igreja é feita por todos e para todos, logo neste primeiro momento não se vê a exclusão de participação por gênero, classe e cor. A igreja é construída e consolidada em uma Belém da *Belle Époque*, rica e excludente.

Contrariamente, o Brasil de 1911 é rural, e o desenvolvimento urbano só alcança as grandes cidades. O índice de analfabetismo é enorme e a grande maioria da população não conta com recursos e possibilidades de educação. O reconhecimento social não é dado aos pobres, e são ínfimas as possibilidades de ascensão social.

Esse reconhecimento é conseguido a partir do momento em que a participação se dá da mesma forma para todos. Assim, qualquer membro da igreja tem a real e igual possibilidade de participação. A Bíblia tem grande papel social no que diz respeito à diminuição do analfabetismo, uma vez que a palavra falada é a palavra lida. A formação desta primeira geração de assembleianos vem relacionada ao ascetismo e ao sectarismo. A partir da participação na igreja, da melhor forma de se vestir para os cultos e por estarem sempre com a Bíblia nas mãos, estes fiéis fazem a escolha de uma vida regrada pela doutrina pentecostal e apartada do mundo.

A Igreja encontra-se ligada à doutrina teológica-escatológica e à condição em que está inserida, e, neste primeiro momento, o reconhecimento teológico na Assembleia de Deus não se baseia em escolas formais, mas no reconhecimento pelo Espírito Santo. Tem como doutrina teológica o sofrimento com a crença de que

¹¹⁹ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 32 - 33.

a felicidade está guardada para além morte, a salvação é para o paraíso¹²⁰ e para todos.

A construção e a consolidação da Assembleia de Deus no Brasil se dão em seus primórdios sem o estudo teológico formal e a partir de um *ethos* sueco nordestino, como também da atual situação política do país – ditadura do Estado Novo (1937-1945). O conservadorismo se faz presente. Para além, possibilita ao pobre ser letrado, ao aproximar o fiel e a Bíblia, apesar do *status social*.

Nascida dos suecos, mas nacionalizada no norte e nordeste, a Assembleia de Deus, desde os primórdios, utiliza da mídia na evangelização. O primeiro jornal *Voz da Verdade* começa a ser publicado em 1917 e tem seu fim em 1918¹²¹. Desde lá, nesta primeira fase foram publicados os jornais *Boa Semente*, *Som Alegre*, *Mensageiro da Paz* (em circulação até os dias atuais), a revista de *Lições Bíblicas*.

Em 1930, a redação do *Mensageiro da Paz* é fundada, e, em 1940, é fundada a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) que passa a pertencer ao jornal supracitado. Em 1918, é registrado o Estatuto da Igreja no Cartório de Registros de Títulos e Documentos, e a Igreja começa a existir legalmente como pessoa jurídica. Ainda faz parte desta primeira fase a primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB) em setembro de 1930, em Natal; a mesma assume personalidade jurídica em 1946. Nesta primeira Convenção, já são notórias algumas transformações internas de pensamento. A pauta da primeira Convenção aborda quatro temas: “1. O relatório do trabalho realizado pelos missionários; 2. A nova direção do trabalho pentecostal do Norte e Nordeste; 3. A circulação dos jornais *Boa Semente* e o *Som Alegre*; 4. O trabalho feminino na igreja.”¹²²

Já é possível perceber a burocratização da Igreja e a institucionalização tanto da Igreja, quanto do carisma. A igual participação entre todos já não é mais encontrada, uma vez que o pastorado e os ensinamentos por mulheres ficam vedados. A criação do jornal *Mensageiro da Paz* formada pela fusão dos jornais *O Som Alegre* (Rio de Janeiro) e *Boa Semente* (Belém) dá sinais de divisões internas

¹²⁰ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 29.

¹²¹ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 41.

¹²² *Ibidem*. p. 47.

dentro da Igreja. O controle da Igreja, antes exercido pelos suecos, é paulatinamente transferido para os brasileiros.

3.3.2. Assembleia de Deus – 1946 a 1988

Período caracterizado pelo maior crescimento¹²³, o segundo momento apresentado por Gedeon, de 1946 a 1988, é denominado por ele de *A Instituição Pentecostal: o avanço da tradição*, e podem-se perceber inúmeras mudanças no interior da Igreja se comparadas a 1911. Ao acompanhar a transformação brasileira, a Igreja, intencionalmente ou não, vê-se obrigada a se modificar.

O Brasil passa por uma forte transformação no que diz respeito à urbanização. A partir da década de 1950, é grande o êxodo do campo para as grandes cidades do Sudeste. Assim, o Brasil, antes rural e agrário, assume formas de urbano e industrializado.

Com a transformação demográfica de assembleianos no território nacional, as estruturas dos templos se transformam. Os *templos-pensão*, caracterização utilizada por Alencar¹²⁴, possibilitam ao migrante do interior se hospedar nas igrejas-sede sem o alto custo dos hotéis. Situadas em zonas periféricas dos grandes centros e em ruas secundárias, estas igrejas representam para os obreiros um local intermediário entre o hotel e a casa, no qual a boa convivência e o laço social ainda são possíveis.

A segunda geração presente dentro da Igreja sofre grande influência da cultura norte americana, deixando o *ethos* sueco nordestino para trás. Nota-se, nesse momento, como dito anteriormente, a passagem do controle da Igreja dos suecos para os brasileiros. A primeira mudança neste quesito recai sobre a educação teológica. Antes proibida, a educação teológica formal agora é aderida de forma compulsória¹²⁵. A centralidade da educação teológica recai sobre a tradição.

Essa foi a forma da igreja responder às transformações ocorridas interna e externamente. Ao perder o monopólio da glossolalia, agora com a concorrência pentecostal, a Assembleia de Deus se fecha na ideia de tradição e enfrenta o

¹²³ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 50.

¹²⁴ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 – 2011*. 2012. 285 f. p. 207. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

¹²⁵ Ibidem. p.148.

período de maior estranhamento ao mundo. Com a teologia focada na disciplina, o rigor é fortíssimo¹²⁶.

Inversamente, as publicações da Assembleia de Deus dão um salto, tanto quantitativo quanto qualitativo na mídia escrita. O jornal *Mensageiro da Paz* tem sua tiragem expandida, e é neste momento que a CPAD tem a sede e tipografia inauguradas. A partir da década de 1970, a Assembleia de Deus retrai em relação ao sectarismo e utiliza de forma ostensiva o rádio com objetivo de evangelização em massa¹²⁷.

Para além, o nível e *status social* desta geração já não são mais os mesmos encontrados no período anterior. Internamente, a Assembleia de Deus enfrenta uma forte fragmentação em Ministérios e Igrejas-Sede. Assume uma retração de postura a partir de um modelo de gestão institucional centralizado e regrado pelas Igrejas-Sede. Não obstante a figura que mais se destaca é a do pastor presidente. De postura altiva, séria demonstra uma alta característica em ser político. O deslocamento de *status* e nível social desta personagem é grande se comparada com a membresia da igreja.

O apoliticismo, visto em período anterior, é deixado de lado e a igreja começa a fazer parte do cenário político. O período termina com grandes conflitos internos e condiciona rupturas internas na igreja.

3.3.3. Assembleia de Deus –1988 a 2011

O terceiro período, denominado de *A Corporação pentecostal: a (i) racionalidade dos poderes*, é marcado pela figura de José Wellington Bezerra da Costa, presidente da CGADB desde 1989. Juntamente, as elites corporativas¹²⁸ engendram jogos políticos e econômicos movidos por seus próprios interesses, desconsiderando a base¹²⁹. A disputa interna ocorre de tal forma que, em 1988, ocorre a expulsão do Ministério de Madureira.

¹²⁶ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 – 2011*. 2012. 285 f. p. 163. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

¹²⁷ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 51.

¹²⁸ Elites dirigentes de Convenções e Ministérios.

¹²⁹ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 – 2011*. 2012. 285 f. p. 178. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

Verifica-se na Assembleia de Deus um processo de *neopentecostalização*¹³⁰ ao longo das últimas décadas. O modelo de carisma abre espaço para a racionalização econômica e templos-sede que guardam inúmeras funções. Os templos, agora mais parecidos com grandes shoppings, com grandes estacionamento, possibilitam a venda e compra de produtos *gospel*, possuem salões, lojas, anfiteatros. Situam-se nos grandes centros urbanos, em zonas ricas e em ruas principais.

Há uma mudança na formação da identidade assembleiana. Estes agora não vivem mais à parte do mundo, mas no mundo. O estereótipo do crente, apolítico e asceta, é, em grande parte, deixado de lado. A partir da ressignificação da doutrina assembleiana na atualidade, são várias as acomodações feitas pela Assembleia de Deus quanto aos Usos e Costumes.

A mídia em geral é utilizada de forma ostensiva para obtenção de fundos, como também para conquistar novas concessões de rádio e TV, que possibilitem novas *megaobras*. Vê-se a profissionalização da música e um forte investimento na mídia eletrônica, radiofônica, televisiva e impressa. A tecnologia é usada a favor de uma mensagem proselitista de evangelização. Neste ínterim, a CPAD ganha nova sede, rica, espaçosa e confortável, em Bangu (RJ), no ano de 1992¹³¹. Em 2003, a mesma inaugura a Editora Patmos como braço editorial internacional. Em 2001, a CGADB recebe concessão do Governo Federal para emissoras de rádio em todas as regiões do país.

Apesar do grande avanço na modernidade – acomodações relativas aos Usos e Costumes, participação na política, inserção na(s) mídia(s) – a Assembleia de Deus se mostra retrógrada quando se trata das relações que envolvem questões de gênero. No ano de 1983, o ministério feminino é rejeitado por unanimidade, e, em 2001, é rejeitada a ordenação de mulheres, por uma esmagadora maioria¹³², em Convenções da CGADB.

Curioso notar que uma igreja que se mostra tão avançada em certos elementos, como a participação na política, utilização ostensiva de mídias em geral, na burocratização, institucionalização e racionalização econômica se mostre tão

¹³⁰ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 39.

¹³¹ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 53.

¹³² *Ibidem*. p. 49.

reacionária no que diz respeito ao feminino. As mulheres, as notáveis, esposas de pastores presidentes são vistas apenas como sombras de seus maridos. Quanto às demais, nada é falado ou as faz falar.

São inúmeras as Convenções pertencentes à Assembléia de Deus, dentre elas a CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, a CONAMAD – Convenção Nacional das Assembleias de Deus do Ministério de Madureira, as Convenções nacionais, as Convenções estaduais e as Convenções interestaduais. No entanto, a única retratada no presente trabalho é a CGADB, única e exclusivamente por ser proprietária da CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus) e conseqüentemente do CEMP (Centro de Estudos do Movimento Pentecostal).

3.4. *Estruturação da CPAD: importância histórica, cultural e social*

A CPAD¹³³, ao longo de sua história, já percorreu outros endereços antes de se fixar na atual sede¹³⁴. Inaugurada em 13 de março de 1940, a CPAD teve origem, de fato, em 1937, com a fundação da redação do jornal *Mensageiro da Paz*, passando a ser proprietária do jornal em 1940¹³⁵. Neste mesmo ano, foi criado o Conselho Editorial – Comissão de Literatura – posteriormente substituído pelo Conselho da CPAD, existente ainda nos dias atuais.

No entanto, em 1946, a CPAD passa ao controle da CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil), que assume forma de pessoa jurídica¹³⁶. Anterior a 1946, a CPAD servia às Assembleias de Deus, porém sem pertencer a qualquer Convenção ou Igreja. A criação da Casa Publicadora emerge na tentativa de unificar todas as publicações assembleianas produzidas até o momento, pois estas eram publicadas e distribuídas de forma geral, não havendo, neste caso, uniformidade e centralidade¹³⁷. A centralização das publicações remete a disputas políticas já percebidas nesta época, entre Ministérios e Igrejas-sede.

¹³³ Situada nos dias atuais na Avenida Brasil, 34.401, Bangu – Rio de Janeiro.

¹³⁴ Tais como: São Cristóvão (1930 – 1946), Benfica (1947 – 1970), Estrada Vicente de Carvalho (1970 – 1992).

¹³⁵ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento Pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 167.

¹³⁶ *Ibidem*. p. 167.

¹³⁷ *Ibidem*. p. 166.

Dessa forma, ainda que não estivesse mais circulando em 1940, cabe ressaltar que a primeira publicação impressa pela Assembleia de Deus foi o jornal *Voz da Verdade*, que teve o período de circulação entre 1917 a 1918, em Belém - Pará. Continuamente em 1919, surgem as publicações *Estudos Dominicais*, no jornal *Boa Semente*, com finalidade de serem usadas pelos alunos da Escola Dominical, e também o jornal *Boa Semente* com circulação na região Norte do país. Paralelamente, em 1929, surge no Rio de Janeiro o jornal *Som Alegre*¹³⁸. Nota-se que a criação de jornais distintos por distintas igrejas em regiões diferentes, abordando temáticas variadas, representa a multiplicidade encontrada no interior da Assembleia de Deus.

Considerado órgão oficial¹³⁹ da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, o jornal *Mensageiro da Paz* passa a circular a partir de dezembro de 1930, substituindo e unificando os dois jornais publicados até o momento: o *Boa Semente*, da Assembleia de Deus do Pará, e o *Som Alegre*, da Assembleia de Deus do Rio de Janeiro.

A fusão é consequência da decisão dos convencionais presentes na Primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, na tentativa de unificar posturas diferenciadas entre os jornais. De acordo com Araujo, as linhas editoriais publicadas pelos jornais são distintas. O jornal *Boa Semente* assume aspectos informativos e doutrinários, enquanto o jornal *Som Alegre* assume aspecto evangelizador¹⁴⁰.

A fusão ocorre em um momento de transformação política e social no país. Em outubro de 1930, a partir da Revolução que coloca Getúlio Vargas no poder, instaura-se a Ditadura do Estado Novo. Assim como o país a Assembleia de Deus também sofre influência do contexto histórico. A fusão dos jornais permite centralizar as ideias e doutrinas da igreja e transforma posturas antes igualitárias, inclusivas e modernas em conservadoras, elitistas e machistas¹⁴¹.

A direção do jornal *Mensageiro da Paz* conta com a direção de Gunnar Vingren e Samuel Nyström, também fundadores em 1911, em Belém (Pará), da

¹³⁸ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento Pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 43.

¹³⁹ *Ibidem*. p. 457.

¹⁴⁰ *Ibidem*. p. 457.

¹⁴¹ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 - 2011*. 2012. 285 f. p. 85. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

primeira Igreja Assembleia de Deus. É importante ressaltar a participação de Frida Vingren, esposa de Gunnar Vingren, como redatora desde os volumes iniciais, nos jornais *Som Alegre*¹⁴² e *Mensageiro da Paz*¹⁴³.

Esta importância se deve à pauta tratada na primeira CGADB que tinha como temas: o trabalho realizado pelos missionários; a nova direção do Norte e Nordeste; os jornais *Boa Semente* e *O Som Alegre*; o trabalho feminino na Igreja. Em um contexto no qual fora negado o pastorado feminino, torna-se no mínimo curioso a redação de mulheres nos jornais da Instituição¹⁴⁴. Na teoria teológica pentecostal, o Espírito Santo age sobre todos de forma igual, logo há igualdade entre homens e mulheres. No entanto, há certa distância entre teoria e prática, e as mulheres assembleianas só têm melhores oportunidades de participação – Igreja com pouca burocratização e racionalização – nas primeiras décadas da igreja¹⁴⁵. Essas oportunidades se traduzem na grande participação que Frida Vingren teve nos anos iniciais na Assembleia de Deus.

Assinadas na maior parte das vezes por homens – nos periódicos analisados para o desenvolvimento do presente trabalho – em 83 anos de história são inúmeras as obras publicadas pela CPAD, as quais boa parte se encontra no CEMP, arquivo da editoradora, e na Biblioteca da mesma. Na atualidade, vê-se a participação da mulher nas publicações da CPAD, porém, até o presente momento, verifica-se nas obras escritas por mulheres o direcionamento para mulheres, ou seja, de mulher para mulher.

Inicialmente com a publicação do jornal *Mensageiro da Paz*, atualmente o mercado abarcado pelas publicações da CPAD é extenso. A editoradora abarca desde livros, Bíblias e hinários até revistas de Escola Dominical, CDs, DVDs e revistas. Em 1997, é fundada a Editora Patmos, braço internacional da CPAD. Atualmente, figura como maior editora evangélica no Brasil e na América Latina.

Além de contar com distribuidoras de seus produtos em várias capitais e cidades do país (Manaus, Fortaleza, São Paulo, Florianópolis, Rio de Janeiro, Salvador, Brasília, Vila Velha, São Luís, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Belém,

¹⁴² SOM ALEGRE. Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, dez. 1929.

¹⁴³ MENSAGEIRO DA PAZ. *Paz*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, dez. 1930.

¹⁴⁴ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento Pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 47.

¹⁴⁵ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 – 2011*. 2012. 285 f. p. 96. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

Cuiabá, Curitiba e Recife), conta também com distribuidoras no exterior, por exemplo, no Japão, nos Estados Unidos e em Portugal. Realiza vendas através da internet¹⁴⁶, do telefone, por meio do televendas, e nas lojas físicas. Possui SAC e um cadastro de clientes que desejem receber ofertas em seu e-mail. Para além, possui Facebook¹⁴⁷, Instagram¹⁴⁸, Twitter¹⁴⁹, Flickr¹⁵⁰, Google +¹⁵¹ e página no Youtube¹⁵² a fim de atualizar fiéis e não fiéis às novidades da editora.

A Igreja apóia a FAECAD (Faculdade Evangélica das Assembleias de Deus) e possui o portal CPAD News e CPAD Music, nos quais coloca a rádio no ar. Tanto sucesso só pode ser garantido pela administração política e econômica ligada à CGADB através de um ideal racional burocrático econômico verificado no terceiro período da Assembleia de Deus¹⁵³.

José Wellington Costa Júnior é o grande nome que figura neste momento, assume os cargos de presidente da CGADB em 1995 e do Conselho Administrativo da CPAD em 2003¹⁵⁴. No entanto, a administração da CPAD não se faz apenas pelo presidente.

O sucesso, administração e expansão da CPAD se devem à burocratização e racionalização da editora em forma de empresa. A estrutura administrativa da CPAD se baseia no Organograma exposto em seguida, que apresenta um Conselho Administrativo reeleito a cada quatro anos, mudando ou não a sua composição.

¹⁴⁶ Disponível em: <http://www.cpad.com.br/>. Acesso em: 10 set. 2013.

¹⁴⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/editoraCPAD>. Acesso em: 10 set. 2013.

¹⁴⁸ Disponível em: <http://instagram.com/editora_cpad>. Acesso em: 10 set. 2013.

¹⁴⁹ Disponível em:< <https://twitter.com/EditoraCPAD>>. Acesso em: 10 set. 2013.

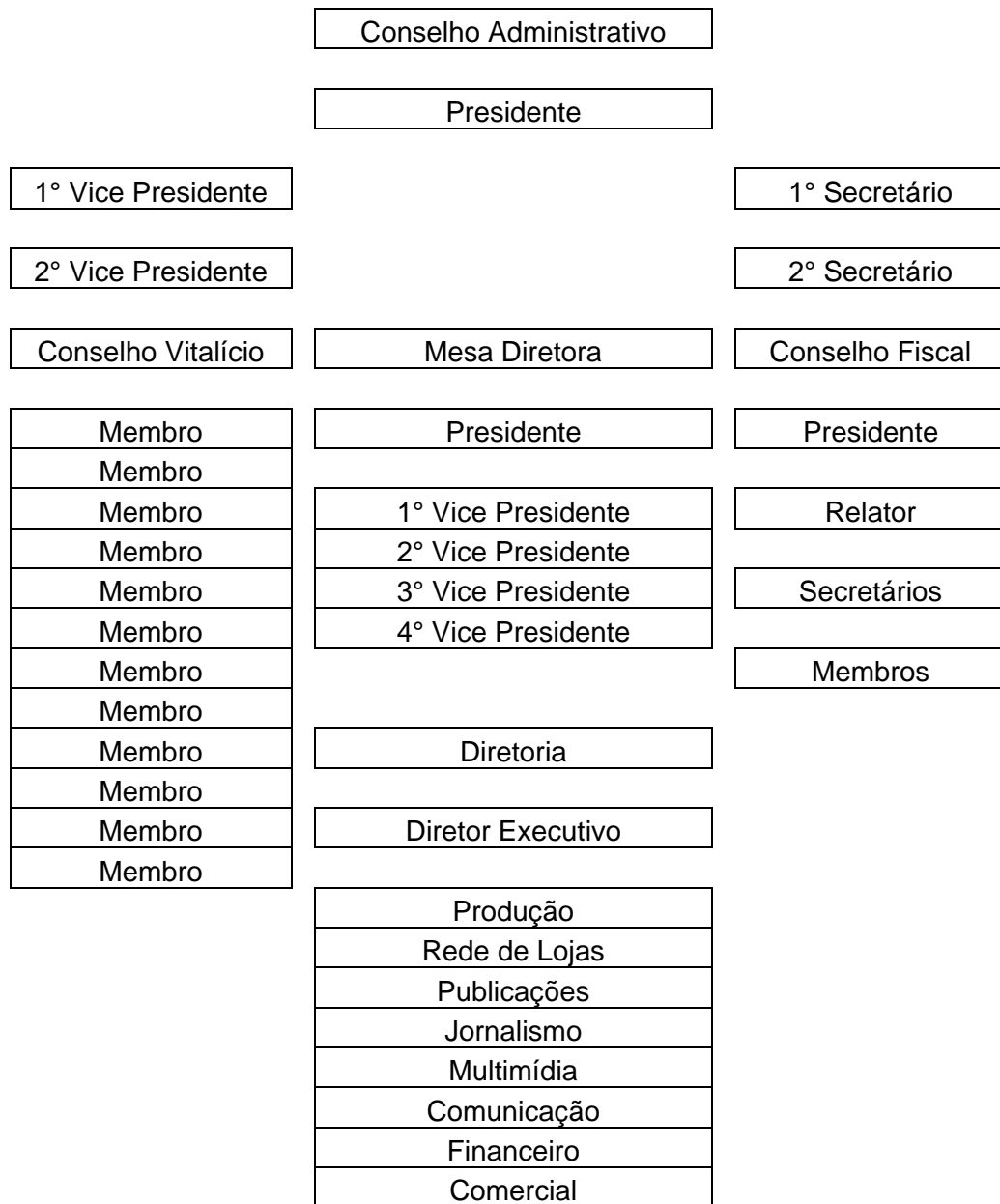
¹⁵⁰ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/51444563@N03/>. Acesso em: 10 set. 2013.

¹⁵¹ Disponível em: <https://plus.google.com/+EditoraCPADBr/posts>. Acesso em: 10 set. 2013.

¹⁵² Disponível em: <https://www.youtube.com/user/CPADvideo?feature=watch>. Acesso em: 10 set. 2013.

¹⁵³ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 – 2011*. 2012. 285 f. p. 177. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

¹⁵⁴ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento Pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p.178 e 214.

Imagem 1 – Organograma CPAD.¹⁵⁵

Nota-se, ao analisar a estrutura do organograma, que as publicações da CPAD passam por inúmeras áreas até que saiam do papel. A estrutura nada diferencia da de uma grande corporação capitalista, na qual a hierarquia burocratizada existe com a finalidade de gerar lucros.

Apesar de ser ligada à Assembleia de Deus, a editora assume características de empresa capitalista em um mercado cada dia mais competitivo, no qual marketing, publicidade, propaganda, administração, racionalidade são características que garantem o lucro e a expansão da marca. Com o objetivo de

¹⁵⁵ ARAUJO, Isael de. *Álbum comemorativo dos 70 anos da CPAD: história da casa publicadora das Assembleias de Deus - 1940 a 2010*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

transmitir a mensagem pentecostal, a CPAD produz e reproduz elementos que ditam as relações políticas, econômicas e sociais no interior da Assembleia de Deus.

3.5. *CEMP: memória e identidade*

A memória e a identidade da Igreja Assembleia de Deus são mantidas e podem ser transmitidas através do CEMP (Centro de Estudos do Movimento Pentecostal). O CEMP pode ser definido como um acervo histórico, criado em 2009, pela CPAD, e que tem por finalidade reunir, guardar, organizar e publicar os documentos e produções literárias pertencentes a Assembleia de Deus desde sua fundação. O acervo é aberto a pesquisadores, membros da igreja ou até mesmo “curiosos” a fim de pesquisar a história da Igreja a partir das inúmeras fontes encontradas em seu interior.

O centro é composto de duas partes, o acervo histórico e a biblioteca – parte do Memorial Gunnar Vingren – localizados na própria sede da CPAD em Bangu. As fontes históricas produzidas ou mesmo ligadas à Assembleia de Deus se encontram atualmente no acervo histórico do CEMP.

A equipe do acervo histórico, no presente momento, é composta por três funcionários: o pesquisador Pastor Isael de Araujo, a bibliotecária Vera Garcez e a historiadora Flavianne Vaz. O acervo encontra-se em processo de construção desde o ano de 2009 e conta atualmente com 1.991 volumes em seus arquivos que estão em processo de digitalização.

Estes arquivos são divididos em dois tipos: digitais¹⁵⁶, compostos por fotos; físico, composto por jornais, revistas, hinários e carteiras de membros. A composição de todo o arquivo físico, até o atual momento, divide-se em:

¹⁵⁶ Informação obtida junto a Flavianne Vaz, historiadora responsável pelo CEMP.

Tabela 11 – Tipos e números de publicações arquivados no CEMP.¹⁵⁷

Publicação	Nº Exemplares
Jornal Mensageiro da Paz	1506
Revista Obreiro	139
Revista Geração Cristã	133
Jornal Boa Semente	67
Revista Ensinador Cristão	56
Revista Círculo de Oração	39
Revista Nosso Lar e Mulher, Lar & Família Cristã	40
Jornal Som Alegre	11
Total de Publicações	1991

Uma vez que o Conselho Administrativo é reeleito a cada quatro anos¹⁵⁸, algumas publicações, apesar de enfocarem os mesmos conteúdos, acabam por sofrer transformações em seus nomes e algumas interrupções ao longo dos anos¹⁵⁹. Este é o caso da revista *Jovem Cristão*, publicada entre 1978 a 1996, substituída pela revista *Geração JC*, a partir do ano 2000; também da revista *Manual do Obreiro*, transformada em *O Obreiro*, editada entre 1977 a 2004, que, em 2012, passa a se chamar *Obreiro Aprovado*. Cita-se, da mesma forma, a revista *Nosso Lar*, editada entre 1993 a 1996, transformada em *Mulher, Lar & Família Cristã* entre os anos de 2000 a 2006. Cabe ressaltar a revista *Seara*, direcionada aos jovens e publicada pela CPAD, entre os anos de 1956 a 1999, que sofre grande crítica por parte da igreja, uma vez que abre espaço para uma modernidade ainda não vivenciada pelos membros da própria igreja¹⁶⁰.

Já na biblioteca, também administrada pelo CEMP, são encontrados os livros de publicação da casa, bem como as Revistas de Escola Dominical. O acervo da biblioteca conta, atualmente, com aproximadamente 7.000 itens. Segundo a historiadora do CEMP, o carro chefe da instituição são as Revistas de Escola Dominical, para jovens e adultos, divididas em dois exemplares, para Mestres e para Alunos. Estas são publicadas semestral ou trimestralmente

O CEMP aceita doações de membros/ou não de materiais que dizem respeito ao movimento pentecostal de forma geral, como também à história da Assembleia

¹⁵⁷ Informação obtida junto a Flavianne Vaz, historiadora responsável pelo CEMP.

¹⁵⁸ ARAUJO, Isael de. *Álbum comemorativo dos 70 anos da CPAD: história da casa publicadora das Assembleias de Deus - 1940 a 2010*. 2010.

¹⁵⁹ Informação obtida junto a Flavianne Vaz, no dia 16 nov. 2013, historiadora responsável pelo CEMP.

¹⁶⁰ Fala de Isael de Araujo, pesquisador do CEMP, no dia 16 nov. 2013.

de Deus. A intenção é, a partir da conservação de documentos históricos, possibilitar o resgate da história do pentecostalismo e da Assembleia de Deus. Para além, ao resgatar e conservar a história, criam-se meios pelos quais pesquisadores, fiéis, pastores possam compreender a formação da identidade assembleiana.

CONSIDERAÇÕES

Na presente parte propôs-se um levantamento histórico sobre o movimento pentecostal, sobre a implantação e consolidação do pentecostalismo no Brasil e, sobre a implantação, consolidação e expansão da Igreja Assembleia de Deus no Brasil.

Analisar a Assembleia de Deus, bem como o pentecostalismo a partir de um lastro histórico de longa duração permite identificar as transformações identitárias ocorridas no seio da Igreja em seus 103 anos de história. Para além, permite relacionar as mudanças de comportamentos, mentalidades às transformações sociais, econômicas, culturais ocorridas no Brasil.

Tendo em vista a análise da imagem feminina assembleiana através de duas publicações da CPAD¹⁶¹, arquivadas atualmente, no CEMP, o levantamento histórico feito nessa primeira parte contribui para essa empreitada. É com base na primeira parte da dissertação, que a análise da representação de mulher poderá ser realizada. A isenção de julgamentos prévios será possibilitada a partir do conhecimento da Assembleia de Deus, da mentalidade de seus adeptos e da identidade e postura que esses assumem perante o mundo.

¹⁶¹ *Nosso Lar e Mulher, Lar & Família Cristã.*

PARTE II

INTRODUÇÃO

Inicialmente a pretensão era identificar o tipo de imagem feminina nas publicações assembleianas, a partir da análise do jornal *Mensageiro da Paz* e outros periódicos. A ideia era perceber a participação da mulher na construção dos periódicos e também como essas eram retratadas em suas páginas. A intenção era analisar edições do jornal, desde 1930 a 2013, aproveitando a participação feminina no anos iniciais de publicação do periódico. Frida Vingren, ao ocupar o cargo de redatora do jornal, ajudaria a compreender a relação estabelecida entre gênero e religião, no interior da Assembleia de Deus, em seus anos iniciais. Também ajudaria a identificar as transformações ocorridas no que diz respeito à mulher através de um lastro histórico de longa duração.

A pesquisa, nesse recorte histórico, tornou-se inviável. Seria um trabalho de grande proporção para um curto período de tempo. Desde a primeira publicação em 1930 até a publicação de dezembro de 2013, foram feitas 1543 edições. Optou-se por delimitar de forma diferente o recorte histórico a ser trabalhado, porém, com o mesmo objetivo.

A primeira visita realizada ao CEMP, em 2013, tinha por objetivo identificar os materiais armazenados no arquivo e garimpá-los atrás de periódicos e documentos que expressassem a participação da mulher na mídia impressa da Igreja. Foram inúmeros os materiais que despertaram interesse que possibilitariam o propósito da pesquisa, entre eles as revistas de *Escola Dominical*. Naquelas páginas, estavam contidas várias lições de como as mulheres deveriam se comportar na sociedade, como elas deveriam viver o casamento, a família, entre outros. O problema era que, assim como o *Mensageiro da Paz*, as revistas também são publicadas desde 1930. Analisar todo o material seria tarefa árdua e, provavelmente, impossível, no prazo de dois anos.

A visita foi extremamente válida, pois criou a possibilidade de conhecer os materiais armazenados no arquivo, conhecer os funcionários e saber um pouco mais da história da CPAD e do CEMP. Não somente a partir de informações internas, teve-se o conhecimento de que no arquivo estavam guardadas edições de dois periódicos publicados pela CPAD direcionados à família e à mulher. Esses periódicos são as revistas *Nosso Lar e Mulher*, *Lar & Família Cristã*.

A princípio, as revistas foram consideradas, porém a opção pela utilização das mesmas só ocorreu após a qualificação, em dezembro de 2013. A qualificação serviu para delimitar as fontes primárias que seriam analisadas, como também para decidir os referenciais teóricos para pesquisa. Dessa maneira, decidiu-se por analisar de dois a três volumes dos dois periódicos, e o recorte temporal ficou estabelecido de acordo com o período de publicação das revistas.

Todas as edições dos dois periódicos somam quarenta volumes; treze revistas *Nosso Lar* e vinte e sete revistas *Mulher, Lar & Família Cristã*. Tendo em vista o número de publicações, julgou-se a análise de seis volumes, no total, insuficiente para entender a imagem feminina projetada e a participação das mulheres na confecção de tais periódicos. As páginas que se seguem procuram analisar as revistas de maneira mais geral, não se concentrando em determinadas edições. Foram selecionadas situações, capas, assuntos e matérias que possibilitaram o objetivo da pesquisa, dentro de várias edições.

Tendo como objetivo revelar a imagem feminina assembleiana a partir das revistas *Nosso Lar* e *Mulher, Lar & Família Cristã*, faz-se necessário um embasamento teórico acerca da teoria de gênero. A segunda parte do trabalho tratará das revistas em si e dos autores utilizados como marcos teóricos.

No item denominado *Marcos Teóricos*, serão discutidas as ideias acerca da teoria de gênero, presente nos autores utilizados como base bibliográfica. A discussão inicia-se em Pierre Bourdieu, a partir do livro *A Dominação Masculina*. Nesse item, encontrar-se-ão os elementos que balizam a tese do autor sobre a dominação masculina. Serão questionados os fatores pelos quais há rupturas e permanências na ordem sexual, perpassando o papel das instituições e dos agentes detentores de capital simbólico.

A discussão sobre gênero continua em Judith Butler, a partir de sua obra *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Noções de androcentrismo e heterossexualidade compulsória aparecerão como formas explicativas da hierarquia encontrada entre os gênero/sexos. As principais ideias que compõem a obra analisada serão trazidas na busca de estabelecer conexões com os demais autores.

A última discussão a tratar da teoria de gênero terá por base Marilyn Strathern, a partir de sua obra intitulada *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. O marcante dessa obra é a

possibilidade de relativizar o estudo sobre gênero. A visão universal ocidental sobre gênero é colocada à prova, abrindo caminho para novas reflexões, as quais não, necessariamente, baseiam-se no binarismo sexual.

Posteriormente, serão apresentadas as revistas *Nosso Lar e Mulher*, *Lar & Família Cristã*, com abordagem de suas estruturas, organizações e conteúdos. Os conteúdos e temáticas serão apresentados inicialmente e, subsequentemente, tratar-se-á da análise do material à luz da teoria de gênero. A relação entre as duas partes do trabalho é estabelecida no ponto em que o conhecimento da história da Assembleia de Deus permite revelar as formas pelas quais as identidades são formadas no interior da igreja. E associar tais identidades, contidas em um determinado contexto histórico, torna-se preponderante para revelar a imagem feminina contida nos materiais analisados.

1. MARCOS TEÓRICOS

Para compreender a representação de imagem feminina projetada a partir das revistas assembleianas que se propõe, torna-se de grande relevância a utilização de marcos teóricos que auxiliam na compreensão da teoria de gênero. É necessária a compreensão de como se constroem e se fundamentam os conceitos de categorias de gênero na sociedade e, conseqüentemente, no sagrado. Para o presente trabalho, os autores utilizados são Pierre Bourdieu¹⁶², Judith Butler¹⁶³ e Marilyn Strathern¹⁶⁴. A escolha de tais autores justifica-se, na medida em que os mesmos podem ser utilizados de forma a se complementarem.

Compreendendo a grande extensão da obra dos autores escolhidos para fundamentar a teoria da dissertação, foram escolhidas três obras, uma de cada autor, que pudessem criar uma base de argumentação teórica para a análise do material. Mais do que se prender a conceitos, as linhas que se seguem buscam identificar as ideias centrais dos autores nas obras analisadas. Acredita-se que o conteúdo contido nesse item seja de grande relevância para identificar e compreender a imagem feminina projetada pelas revistas *Nosso Lar e Mulher, Lar & Família Cristã*.

No trabalho a categoria de sexo é derivada do fator biológico, enquanto a categoria de gênero é construída socialmente. Importa salientar que quando o trabalho aborda diferenciações hierárquicas entre homens e mulheres, considera-se tanto sexo, quanto gênero. Dessa maneira, encontrar-se-á sexo/gênero na análise da revista. O que importa não é a diferenciação das categorias, mas as hierarquias identificadas dentro delas.

1.1. A dominação masculina a partir de Pierre Bourdieu

O elemento central de Bourdieu¹⁶⁵ em *A dominação masculina* é trazer a reflexão sobre a questão que envolve a permanência ou mudança da ordem sexual. A ideia propõe pensar os processos históricos que são responsáveis por perpetuar

¹⁶² BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

¹⁶³ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

¹⁶⁴ STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora UNICAMP, 2006.

¹⁶⁵ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

ou não as estruturas da divisão sexual e suas consequências na sociedade. Para o autor, é necessária a compreensão de que elementos que parecem eternos, historicamente, são meros produtos de construções feitas por instituições sociais, tais como igreja, família, escola, esporte e jornalismo. Chamar atenção ao elemento histórico da ordem sexual cria a possibilidade de romper com as visões essencialistas biológicas da diferença entre os sexos. Ao mesmo tempo, abre espaço para a ação coletiva – política – às mulheres de resistência.

A construção da análise de gênero em Bourdieu¹⁶⁶ parte da premissa de que toda ordem estabelecida, com suas relações de dominação e de poder, é construída e mantida através de símbolos. Com poucos números de subversões, consideradas como acidentes históricos pelo autor, a dominação masculina não foge à regra. Tem-se a dominação masculina classificada como violência simbólica, introjetada na sociedade de forma invisível e natural. A partir de vias simbólicas de conhecimento e comunicação, elementos culturais são transformados em naturais. As relações sociais são forjadas e vivenciadas em meio à violência simbólica, conhecida e naturalizada tanto por dominantes quanto por dominados.

O autor busca compreender a dominação masculina a partir de uma visão androcêntrica¹⁶⁷, na qual a sociedade é produzida e organizada de cima para baixo. Sua metodologia de pesquisa baseia-se na análise etnográfica de uma sociedade histórica específica, a dos berberes da Cabília¹⁶⁸.

A divisão sexual das coisas e das atividades assume uma postura binária, na qual sempre há oposição entre masculino e feminino, perpetuada de forma objetiva e subjetiva. Cima/embaixo, frente/atrás, duro/mole, seco/molhado são exemplos da postura binária que confere conotações e correspondências aos gêneros. Tais esquemas de pensamentos, supracitados, têm aplicações universais e naturalizam situações construídas e perpetuadas pelas instituições. “A divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas”¹⁶⁹, na casa, no trabalho. A tabela abaixo demonstra o esquema de algumas oposições construídas entre os sexos/gêneros.

¹⁶⁶ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

¹⁶⁷ Pode-se entender como o princípio, no qual, toda experiência humana é baseada a partir da experiência masculina. No presente caso, pode estar ligada à noção de sociedades baseadas em sistemas patriarcais.

¹⁶⁸ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 14.

¹⁶⁹ Ibidem. p. 17.

Tabela 12 – Oposições entre os sexos/gêneros.¹⁷⁰

Masculino (Dominante, Sagrado, Direito)	Feminino (Dominado, Natureza, Esquerda)
Seco	Úmido
Sobre (Em cima) (Viga Mestra)	Sob (Embaixo) (Deitado Pilastra Central)
Fora (Campos, Assembleia, Mercado)	Dentro (Casa, Jardim, Fonte, Bosque)
Aberto	Fechado (Difícil, Clausura)
Vazio	Cheio (Encher)

A divisão social com base nos sexos é construída pelas instituições. Porém ganha característica de natural e eterna. E, por ser natural, ganha autoridade para legitimar a própria ordem que constrói. Há uma reprodução dessa ordem que evidencia a força da ordem masculina, a qual dispensa justificação. A sociedade construída a partir da base androcêntrica ratifica de forma simbólica a dominação masculina e a partir dela constrói toda uma divisão social entre os sexos.

Não obstante, a sociedade constrói o corpo como dotado de uma realidade sexuada responsável pela divisão sexual. Conclui-se que a diferença biológica entre os sexos se baseia a partir da diferença anatômica entre os órgãos sexuais, garantindo a legitimação da diferença natural entre os gêneros e da divisão do trabalho. Tem-se, portanto, um círculo vicioso, no qual a visão social é responsável pela construção de diferenças anatômicas, enquanto esta diferença socialmente construída se torna a base para a naturalização da visão social sob a qual se alicerça.

O verdadeiro objeto das relações entre os sexos é a história de combinações sucessivas, de mecanismos estruturais (como os que asseguram a reprodução e divisão sexual do trabalho) e de estratégias que por meios das instituições e dos agentes singulares, perpetuam no curso de uma história bastante longa, a estrutura das relações de dominação entre os sexos.¹⁷¹

A ordem social simbólica ratifica a dominação masculina sobre a qual é alicerçada em vários sentidos, da divisão social do trabalho à divisão dos espaços ocupados entre homens e mulheres, passando por características simbólicas, marcadas sempre por antagonismos, tais como: público x privado; seco x úmido; dentro x fora; aberto x fechado.

¹⁷⁰ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 19.

¹⁷¹ Ibidem. p. 101.

Verifica-se, portanto, uma hierarquia, muitas vezes nem percebida pelas próprias mulheres, na qual o homem, como *dominante*, é responsável pelo provento do material e do financeiro, enquanto a mulher, *submissa*, incumbe-se das responsabilidades do lar, como arrumar a casa, cuidar das crianças, ou seja, do trabalho doméstico de forma geral.

Resta ainda salientar que a visão androcêntrica de mundo se faz presente em todas as instâncias da sociedade, inclusive no ato sexual. Até mesmo na relação sexual a dominação está embutida, sustentada pela diferenciação entre os órgãos genitais, naturalizando a hierarquia masculina dominante. As vítimas da dominação simbólica, tidas como passivas, dóceis, devotas, tornam-se objetos simbólicos em um mercado de troca de bens simbólicos. Ao se tornarem objetos de troca, as mulheres, das quais se espera que sejam a todo o momento femininas, sorridentes, simpáticas, tornam-se femininas, sorridentes, simpáticas.

Essa construção de características da identidade “mulher” ganha contornos por estas existirem primeiro para o outro, e pelo outro, neste caso, o homem. Relatos demonstram que, na burguesia média americana¹⁷², estas mulheres chegam ao maior nível de alienação simbólica, reproduzindo-se como um exime bem de troca simbólica¹⁷³ e reproduzindo de forma magnífica os bens simbólicos de sua família. Neste ponto, a mulher se torna reprodutora de um bem simbólico, produzido pelo marido, e construído e sustentado por agentes e instituições da sociedade.

A dominação masculina é construída a partir de um trabalho de socialização, de diferenciação em relação ao Outro. Contudo, assim como as mulheres, os homens também fazem parte desse esquema de aprisionamento das representações dominantes¹⁷⁴. Por ser uma construção histórica, a hierarquização sexual da sociedade, construída e perpetuada a partir das instituições e dos agentes detentores de poder, é suscetível de ser transformada de acordo com as produções culturais.

A ordem dominante masculina produzida e reproduzida continuamente ao longo dos períodos históricos é base para a perpetuação da ordem dos gêneros. Ela é reproduzida e garantida por instituições detentoras de capital simbólico. Há,

¹⁷² BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 83.

¹⁷³ Ibidem. p. 56.

¹⁷⁴ Também aos homens é necessário ter certas disposições, *habitus*, considerados como naturais. É preciso ao homem fazer parte de um *ethos* masculino que institui socialmente sua identidade.

portanto, a naturalização de uma hierarquia dos gêneros construída socialmente e considerada como universal. Contudo, Bourdieu alerta para a noção de historicidade das disposições, chamando atenção para a possibilidade de ruptura com esse sistema de dominação masculina.

Notam-se a transformação das estruturas familiares, uma maior independência financeira das mulheres e um aumento do acesso destas à instrução formal. Revela-se importante para a pesquisa o ponto no qual Bourdieu salienta a participação das mulheres no mercado de trabalho, porém sem assumir cargos de grande autoridade e responsabilidade¹⁷⁵. Apesar de ser possível enxergar e reconhecer certas mudanças em relação à subordinação da mulher para com os homens, a desigualdade entre os sexos persiste.

1.2. *A categoria de gênero à luz de Judith Butler*

Ao tratar a categoria de gênero à luz de Butler¹⁷⁶, há que se começar a partir da demonstração que a autora tem em relação à necessidade de problematizar as categorias de gêneros. As hierarquias dos gêneros produtoras de uma estrutura binária, na qual há embutida uma hierarquia do poder, sustentam também a heterossexualidade compulsória¹⁷⁷. Juntas, essas categorias promovem o entendimento da ordem social estabelecida e perpetuada através dos tempos.

A discussão inicia-se no poder, o qual atua tanto na esfera da legitimação política, regulamentando, criando e perpetuando identidades, quanto na esfera de produção de identidades. Em um movimento de retroalimentação, o próprio poder cria a identidade a qual representa, por forma de exclusão. Na teoria feminista, a definição da identidade como constituição do sujeito faz-se necessária por garantir a representação em forma de visibilidade e legitimidade dos sujeitos à luz de um viés político¹⁷⁸. Contudo, uma vez que o poder exerce uma função dual: produz a

¹⁷⁵ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 108.

¹⁷⁶ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

¹⁷⁷ Processo de socialização que garante a estrutura binária de organização dos sexos/gêneros na sociedade e que, por consequência, garante a heterossexualidade compulsória.

¹⁷⁸ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 17-18.

categoria mulher e também, as formas que o movimento feminista recorre para a emancipação da categoria mulher¹⁷⁹.

A noção de gênero é inserida nesse contexto, não podendo ser separada das relações políticas e culturais na qual é construída e mantida, representando conseqüentemente uma identidade. Salvo problematizações e especulações, a noção de gênero vem embutida em algo culturalmente construído. Nesse ponto, Butler¹⁸⁰ aproxima-se de Bourdieu ao propor a noção do corpo como sexuado, ganhando signos e símbolos culturais¹⁸¹.

Por conseguinte, notam-se as categorias de gênero sustentando a própria hierarquia de gênero e a heterossexualidade compulsória – processo de socialização a qual garante que os opostos se atraiam - logo, perpetuando a dominação masculina. No entanto, há que se perguntar, no tocante ao presente trabalho, se esta realmente é naturalizada no seio da Igreja, bem como se esta dominação é transportada para o grupo social através das produções escritas produzidas pela Igreja.

As publicações analisadas servirão para articular essa discussão de gêneros à literatura escrita, bem como a representação de mulher que se pretende criar. A manutenção da ordem social naturalizada em gêneros como *habitus* sexuais deve-se a uma visão falocêntrica¹⁸² e uma cosmologia androcêntrica de mundo. É graças a este esquema de representação, de cunho universal, que os princípios desiguais e hierárquicos entre os gêneros se naturalizam

A estrutura binária de gêneros, construída, portanto, de uma forma hierarquizada através de uma visão androcêntrica de mundo, naturaliza a divisão social do trabalho, os comportamentos e a dominação masculina.

A autora lança crítica a uma antropologia estruturalista que polariza natureza/cultura e que serve como base para a visão universal de distinção entre sexo/gênero, com a suposição de existência de um feminino natural, transformado socialmente na mulher submissa. Nesse esquema estruturalista, o sexo está para a natureza (biológica, matéria prima) como o gênero está para a cultura (construído).

¹⁷⁹ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 19.

¹⁸⁰ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

¹⁸¹ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 9.

¹⁸² Considera-se como o princípio em que a centralidade baseia-se no que é, ou no falo.

E o feminino está em oposição ao masculino e à espera deste para ganhar significação, tendo por base a premissa de que cultura dá significação à natureza¹⁸³.

Em contrapartida, a ordem social dominante masculina não deve ser considerada como a-histórica, pelo contrário, é produto de um trabalho de reprodução de um sentido simbólico por agentes específicos, tais como Família, Igreja, Estado e Escola¹⁸⁴. Assim, a perpetuação deste sistema de visão dominante deve-se a estruturas que vão sendo incorporadas nas coisas e corpos ao longo dos tempos.

Tanto Butler¹⁸⁵ quanto Bourdieu¹⁸⁶ concordam que pode haver uma ruptura nesse sistema através do ato, uma vez que este é um produto histórico, cabendo aos dominados assumirem posturas de fora da visão dominante, uma vez que estando inseridos neste sistema. Assim, tanto dominantes quanto dominados estão à mercê desta visão dominadora, segundo Marx. No entanto, a ordem masculina se vê reproduzida constantemente ao longo dos tempos, com agentes e instituições concorrendo para garantir essa permanência.

Nesse ponto, vale trazer ao debate Rocha¹⁸⁷, que de certa forma também trata desta visão dominante, na qual há uma hierarquia binária entre os sexos. Ao falar que o papel desempenhado pelos gêneros dentro do sagrado se dá de forma desigual, conclui-se que o sagrado é experimentado de formas diferentes por homens e mulheres. Salientando a divisão social sexual, a mulher se encaixa na esfera do privado¹⁸⁸, como dona de casa, mãe de família, reprodutora; já o homem se encaixa na esfera do público, da rua, do trabalho, da política.

Importa salientar que ao trazer autores tais como Foucault, Irigaray, Beauvoir, Freud, Geertz, Lévi-Strauss, entre outros, Butler consegue fazer uma reflexão acerca das categorias de gêneros e de como estas são produzidas e reproduzidas nas sociedades. Percebe-se que os dois marcos teóricos, tratados até o presente momento, discutem um ponto fundamental acerca da construção das categorias de

¹⁸³ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 66.

¹⁸⁴ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 46.

¹⁸⁵ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 206.

¹⁸⁶ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 112.

¹⁸⁷ ROCHA, Maria José Pereira. Gênero e religião sob a ótica da redescoberta. *Revista da Abordagem Gestáltica*, p. 102-108, jan./jun. 2008.

¹⁸⁸ COUTO, Márcia Thereza. Na trilha do gênero: Pentecostalismo e CEBS. *Estudos feministas*, ano 2, p. 362, 2002.

gênero: a questão da universalização na subordinação do feminino. Com base nos exemplos trazidos em suas obras, percebe-se que a dominação masculina é dotada de um caráter universal e a-histórico. Contudo, uma vez que as naturalizações e reificações de gênero que dão suporte à hegemonia masculina são produtos culturais, há possibilidade de ruptura da ordem dominante. Butler expressa a historicidade do poder na seguinte frase: “o sujeito é culturalmente construído, mesmo assim ele é dotado de ação”¹⁸⁹.

1.3. A possibilidade de relativizar a partir de Marilyn Strathern

A proposta desse item é trazer um pouco do que foi dito anteriormente sobre a teoria de gênero em consonância com a possibilidade de relativizar o pensamento acerca da teoria em Strathern¹⁹⁰. Ao analisar as sociedades das ilhas da Melanésia, a autora traz à tona diferentes formas de organizações sociais pautadas na sexualidade. Demonstra que a perspectiva de visão hierárquica sexual/gênero Ocidental pode e deve ser problematizada.

Strathern demonstra, em seu livro *O gênero da Dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*, a real possibilidade da inserção da mulher no espaço público a partir de várias formas, entre as quais destaca-se o *wok meri*¹⁹¹. Este sistema torna possível perceber a necessidade de se relativizar a constante dicotomia entre público/privado, masculino/feminino. Percebe-se a necessidade de interpretar de forma distinta culturas e sociedades distintas. A universalização da dominação masculina não pode ser empregada em todas as culturas e sociedades.

¹⁸⁹ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 206.

¹⁹⁰ STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora UNICAMP, 2006.

¹⁹¹ Em parte como resposta ao controle dos homens sobre o dinheiro no nível familiar, as mulheres dessa região desenvolveram suas próprias poupanças e um sistema de crédito, com características adotadas deliberadamente de acordo com o que conhecem sobre procedimentos bancários (...). Grupos construídos por esposas de linhagens co-residentes de uma aldeia protegem suas economias de pilhagem de seus maridos organizando coletivamente uma atividade bancária e usando o capital para empreendimentos de risco e para empréstimos a grupos similares de mulheres (...) Um homem pode atuar também como porta-voz do grupo nas ocasiões públicas. O foco de tais ocasiões, contudo, são as transações das mulheres, e o dinheiro é dado e recebido em nome delas. STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora UNICAMP, 2006.

Nessa perspectiva universal ocidental, a categoria de gênero utilizada é resultado da diferenciação biológica. O gênero deriva da diferenciação sexual e possibilita a construção de uma identidade centrada no sexo. Trata-se de uma construção cultural/social que implica nas formas de ação do indivíduo balizadas sexualmente. Nota-se que a diferenciação biológica é um fato, contudo a decisão de interpretar tais sexos de maneiras desiguais parte da sociedade. A desigualdade entre os sexos/gêneros resulta em uma constatare dicotomia, considerada como universal, e daí decorrem exemplos como a divisão do trabalho e as características ligadas aos homens e as mulheres.

A partir da análise de Bourdieu¹⁹², que tem por base a perspectiva, metodológica, androcêntrica, homens e mulheres são vistos como variantes distintas: a primeira é considerada como superior, enquanto a segunda é inferior. A distinção da relação entre os sexos se constrói como relação social de dominação, uma vez que o masculino é entendido como ativo, e o feminino, como passivo. Neste sentido, verifica-se uma lógica social de vocação, a qual tenta criar encontros pacíficos entre disposições e posições.

Na teoria feminista problematizada tanto por Butler quanto por Strathern, nota-se uma constante polarização, de viés estruturalista, entre os domínios público e privado, político e doméstico. Com base na aproximação entre disposições e posições, à mulher cabe o espaço do doméstico, da natureza; já ao homem cabe o espaço do público, do político. Características simbólicas como úmido, seco, dentro, fora, aberto, fechado também se relacionam com a construção cultural/social dos gêneros.

As constantes dicotomias entre público X privado, natureza X cultura e político-jurídico X doméstico, muito utilizadas na teoria feminista, perpassaram todos os campos dos marcos teóricos do presente trabalho. A caracterização do gênero como construto social e/ou cultural, bem como a categorização de sexo a partir da biologia, são temas recorrentes. Acredita-se que as polarizações citadas acima reduzem o objeto a uma única possibilidade: de uma sociedade construída pela e para a dominação masculina, na qual há constantemente a hierarquização dos gêneros.

¹⁹² BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 9.

Strathern¹⁹³ discorre acerca de um debate feminista radical que visa à promoção dos interesses das mulheres. Nessa visão, os *interesses femininos* são vistos como conflito ou resistência aos dos homens. Strathern¹⁹⁴ e Butler¹⁹⁵ concordam ao problematizar o feminismo como um fenômeno unitário e homogêneo. O que se deve perceber é que existem diferenças teóricas e diferentes contextos nos quais as mulheres estão inseridas.

A partir da universalização da teoria de gênero, percebe-se que as estruturas simbólicas são responsáveis pela perpetuação das vantagens masculinas¹⁹⁶. O sistema é o responsável por colocar as mulheres em posição dependente¹⁹⁷. A universalização nas questões de subordinação feminina não leva em conta os diversos tipos de organização de sociedade que existem. Tratam todas as sociedades como comparáveis entre si. Acredita-se que universalizar questões ligadas à subordinação feminina seja um problema na medida em que tais teorias não dão conta de explicar o todo.

Ao relacionar o feminino ao espaço doméstico e privado, e masculino ao espaço público e político, as desigualdades entre homens e mulheres são consideradas universais. O domínio público/político, considerado como espaço de poder e de *status social*, é sempre relacionado ao masculino. Visto por este ângulo, as conclusões de que a representação de imagem feminina assembleiana é de submissão ao marido parecem bastante coerentes.

Portanto, é preciso lançar mão de novas perspectivas que relativizem a dicotomia constantemente encontrada em torno da teoria de gênero. Utilizar classificações como enquadramentos teóricos em certos casos não é suficiente. A pesquisa empírica certas vezes testa os referenciais teóricos provando que os mesmos não dão conta de explicar o todo. Os autores e suas teorias devem ser utilizados como instrumentos para pesquisa e não como categorias fechadas, estanques e imutáveis.

¹⁹³ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 53.

¹⁹⁴ STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora UNICAMP, 2006.

¹⁹⁵ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

¹⁹⁶ Entende-se a dominação masculina como vantagens masculinas.

¹⁹⁷ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 59.

A partir da exploração dos três referenciais teóricos propostos, somado ao quadro histórico trazido na primeira parte desta dissertação, torna-se possível identificar e analisar a imagem feminina propagada pela Igreja Assembleia de Deus a partir da análise das revistas *Nosso Lar e Mulher*, *Lar & Família Cristã*.

2. REVISTA NOSSO LAR

Ao propor um estudo sobre gênero nas publicações impressas da Igreja Assembleia de Deus, analisar um periódico dirigido ao público feminino pode gerar grande possibilidade de compreender a imagem feminina e o espaço ocupado pelas mulheres, tanto no interior quanto para além da Igreja.

O primeiro periódico a ser analisado é a revista *Nosso Lar*. A revista, não mais publicada em dias atuais, conta com treze edições entre os anos de 1992 a 1996. Justifica-se a análise da revista por essa ser direcionada ao público feminino e trazer várias situações interessantes em suas páginas.

As páginas de *Nosso Lar* dão pistas de como as mulheres eram vistas na década de 1990, na Assembleia de Deus. Importante salientar a diversidade interna encontrada no interior da Assembleia de Deus e ressaltar que a imagem feminina projetada pela revista relaciona-se a um tipo de Assembleia de Deus, àquelas ligadas a CGADB. A CPAD, editora responsável pela publicação da revista *Nosso Lar*, por relacionar-se com a CGADB, expressa costumes, posturas e ideais ligados a tal Convenção. De maneira alguma o trabalho pretende afirmar que exista só uma imagem feminina e que essa é compartilhada por todas as Assembleias de Deus.

É possível que nem todas as Assembleias de Deus ligadas à CGADB compartilhem as mesmas ideias no que diz respeito à mulher. A participação na igreja, seus costumes, vestuários, maneiras de viver em sociedade podem ser as mesmas, no âmbito institucional, porém podem ser ressignificadas para além das igrejas e das páginas das revistas.

Dessa maneira, nas páginas que se seguem serão apresentados os conteúdos, organização, estruturação e temáticas de *Nosso Lar*. Serão mostradas as formas com as quais a imagem feminina é construída no interior do periódico e de que maneira essa imagem se relaciona com a identidade da Assembleia de Deus e com as teorias de gênero.

A relação das leitoras com a imagem projetada pelo periódico, infelizmente, não pode ser comprovada, apesar da participação em algumas pesquisas e matérias. Seria interessante uma pesquisa de campo que possibilitasse a compreensão de como essas mulheres percebem a si mesmas e a imagem projetada pela revista. A partir de então, poder-se-ia compreender de que maneira

as leitoras formam sua identidade através da instituição religiosa – papel fundamental da mídia, nesse caso impressa – ou se resignificam essa identidade.

Na apresentação e análise da revista, serão apresentadas oito tabelas relacionadas à revista *Nosso Lar*: 1. *Nosso Lar*: periodização; 2. Seções fixas direcionadas às mulheres; 3. Percentual de imagens retratadas nas capas; 4. Relação de cargos no total de publicações; 5. Relação de ocupações no total de publicações; 6. Núcleo de profissionais; 7. Núcleo de funções; 8. Seções Fixas.

Julgou-se necessária a utilização dessas tabelas, pois elas auxiliam a sintetizar informações, as quais no corpo do texto poderiam parecer extensas e desinteressantes. Todas as tabelas foram criadas a partir do programa Excel, tendo seus cálculos e formatações feitas no interior do mesmo. As informações das tabelas foram tiradas das treze edições escaneadas da revista e organizadas segundo critério escolhido para a análise. Dessa maneira, todas elas são inéditas e feitas, exclusivamente, para a dissertação.

2.1. Estruturação e organização da revista

A revista *Nosso Lar* se descreve em seu corpo editorial da seguinte maneira: “Nosso Lar: Revista evangélica bimensal, lançada em janeiro de 1993, e destinada à edificação e evangelização da família cristã”¹⁹⁸.

De acordo com Araujo¹⁹⁹, a revista, apesar de se definir direcionada à família cristã, tem a mulher como seu público alvo.

Nosso Lar, publicada pela editora CPAD, teve seu primeiro volume comercializado em dezembro de 1992 e seu último, em julho de 1996. Ao todo, o período vigente de publicações da revista foi de três anos e sete meses. Apesar de se definir como uma revista bimensal, sua periodicidade foi alterada no decorrer dos anos. O único ano em que a periodicidade bimensal, proposta inicialmente, foi mantida é em 1995. Nas visitas realizadas ao CEMP, os funcionários não souberam explicar o porquê de diferentes intervalos de publicações.

No intervalo compreendido entre 1992 a 1996, são contabilizadas treze revistas, às quais se teve acesso através das visitas realizadas ao CEMP. A tabela a seguir sintetiza as informações referentes às publicações de *Nosso Lar*.

¹⁹⁸ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 0, p. 2, dez. 1992.

¹⁹⁹ Fala de Isael Araujo em 16 nov. 2013.

Tabela 13 – *Nosso Lar*: periodização.²⁰⁰

Ano	Numero	Mês	Ano
1	0	dez.	1992
1	1	maio/jun.	1993
1	2	ago./set.	1993
3	3	jan./fev.	1995
3	4	mar./abr.	1995
3	5	maio/jun.	1995
3	6	ago./set.	1995
3	7	set./out.	1995
3	8	nov./dez.	1995
4	9	jan./fev.	1996
4	10	mar./abr.	1996
4	11	maio/jun.	1996
4	12	jul./ago.	1996

Cada volume da revista apresenta entre cinquenta e cinquenta e três páginas. A quantidade de páginas varia de acordo com o tamanho das publicações contidas em cada edição. *Nosso Lar*, em suas edições, apresenta de três a seis artigos de temáticas diversas. Importante salientar que grande parte destes artigos está relacionada à construção e manutenção da família cristã.

Além dos artigos trazidos em cada edição, *Nosso Lar* apresenta uma seção, mais ou menos fixa, em todas as edições. A primeira edição da revista apresenta dez seções fixas. Quatro delas são direcionadas às mulheres, tendo por base uma teoria de gênero universalizante, na qual há uma hierarquia entre os sexos/gêneros, com papéis bem definidos na sociedade para mulheres e homens. As seções estão inseridas na tabela a seguir.

²⁰⁰ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD.

Tabela 14 – Seções fixas direcionadas às mulheres.²⁰¹

Seções fixas	Direcionadas às mulheres
Especial	
Entre Nós	X
Passo a Passo	X
Carta Aberta	
Prosa e Verso	
Entrevista	
Testemunho Especial	
Vida Infantil	
Congelamento	X
Dia a Dia	X

Entre Nós é a primeira seção em todas as edições da revista. A coluna se encontra em quatro disposições distintas. Na primeira disposição, a seção é escrita com o texto todo em rosa, abrangendo em suas linhas as principais matérias contidas em cada edição. A imagem da seção é uma mesa, sobre a qual há potes e compotas de doces caseiros. Na imagem, ainda há uma cortina de cor salmão, e uma violeta roxa; na verdade, duas edições trazem essa disposição. Na segunda disposição, a seção não apresenta cores; a imagem é a mesma da descrita acima, porém o texto é escrito em preto em um fundo cinza. A edição de ago./set. de 1993 é a única a apresentar a coluna desta forma. A partir do quarto volume, a seção *Entre nós* tem uma pequena modificação. O texto passa a ser escrito em preto. O título da seção e a primeira letra do texto são escritos em rosa. A imagem varia entre um café da manhã servido na cama, com flores, toalhas e pães – quatro edições apresentam essa disposição – e um café servido em uma mesa, com geleias, croissants e flores – figurando em seis edições.

Relevante observar alguns aspectos relativos às imagens, as quais, por mais diversas que sejam, expressam as mesmas características. Têm seus fundos compostos por cores delicadas, são compostas por elementos ligados ao feminino, tais como flores, toalhas, louças delicadas. As imagens da seção relacionam-se à teoria de gênero em Bourdieu²⁰², a qual mostra o feminino ligado à natureza, à casa, ao jardim. Tais características compõem uma visão androcêntrica que relaciona o feminino ao dominado e ao espaço doméstico. Acredita-se que a coluna seja dirigida às mulheres, por utilizar, em seu designer gráfico, elementos ligados à feminilidade e

²⁰¹ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 0, p. 1, dez. 1992.

²⁰² BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

ao binarismo sexual. Encontram-se, a seguir, as quatro disposições da seção *Entre Nós*.

Imagem 2 – Seção *Entre Nós* – 1992.²⁰³



Imagem 3 – Seção *Entre Nós* – 1993.²⁰⁴



²⁰³ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 0, p. 3, dez. 1992.

²⁰⁴ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 2, p. 3, ago./set. 1993.

Imagem 4 – Seção *Entre Nós* – 1995²⁰⁵



Imagem 5 – Seção *Entre Nós* – 1996.²⁰⁶



²⁰⁵ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 8, p. 3, nov./dez. 1995.
²⁰⁶ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 4, n. 9, p. 3, jan./fev. 1996.

A seção *Passo a Passo* está presente em dez edições de *Nosso Lar*. O *Passo a Passo* da primeira edição traz em suas páginas moldes e as formas para se confeccionar um Blazer. A coluna é marcada pela cor rosa e apresenta a mesma imagem da seção *Entre Nós*. Apresenta, também, a imagem de uma mulher vestida com um blazer rosa – cor de carne. A coluna dirige-se exclusivamente às mulheres, e a passagem a seguir corrobora essa afirmação.

É muito gratificante quando fazemos algo, com nossas próprias mãos, que se torna objeto de admiração e elogio. Na seção *Passo a passo*, apresentaremos ideias práticas e fáceis que você mesma poderá desenvolver. Nesta edição, ensinaremos como confeccionar uma peça versátil e que nunca sai de moda: o blazer. Pegue agulha, linha, tesoura... e mãos à obra!²⁰⁷

O trecho acima evidencia o direcionamento da coluna. Ao utilizar o pronome de reforço no feminino – mesma –, a revista explicita quem é seu interlocutor. Verifica-se que há uma construção de gênero relacionada a uma identidade, e, nesse contexto, a estrutura binária de gêneros naturaliza a divisão do trabalho. Assim, quando o texto propõe ao leitor que pegue agulha, linha e tesoura, ainda que o pronome de reforço não estivesse no feminino, a proposta seria feita às mulheres, inseridas em um ambiente doméstico e às voltas com os afazeres diários de dona de casa. Levanta-se uma hipótese, no entanto, de que a coluna também sirva para o mercado de trabalho. Tal leitora poderia confeccionar o blazer por exercer o ofício de costureira. Nesse contexto, apesar da mulher estar inserida no mercado de trabalho, sua função ainda se relaciona com as características ligadas à feminilidade, ou seja, os cuidados, as artes manuais. A coluna reforça a ideia de divisão do trabalho e de hierarquia sexual, ao supor que costura seja trabalho feminino.

²⁰⁷ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 0, p. 10, dez. 1992.

Imagem 6 – Seção *Passo a Passo* – 1992.²⁰⁸

A seção *Congelamentos* está presente em onze edições de *Nosso Lar*. Na primeira edição demonstra como tornar o congelamento uma atividade rentável. Novamente, a atividade remunerada aparece ligada ao lar e à função da mulher de dona de casa. Ao confeccionar e congelar os alimentos, a mulher tem a oportunidade de vender seus produtos através da venda realizada pelo esposo fora de casa. A coluna é marcada por cores claras, puxadas para o tom de rosa, e por imagens ligadas ao *lócus* feminino. Nesse contexto, vê-se nitidamente a divisão sexual do trabalho entre o casal. Enquanto a mulher confecciona a comida a ser vendida, o homem vende esse produto no espaço público.

Sob a luz de uma teoria de gênero excludente e binária, o domínio político é interpretado como *lócus* de poder, no qual se promulgam os valores sociais. Butler²⁰⁹ demonstra que, nas Terras Altas Ocidentais e Orientais, o prestígio masculino deriva-se de suas atividades coletivas, no espaço público, ao viajarem e estabelecerem parcerias para troca de riquezas. Enquanto isso, a mulher fica restrita ao ambiente doméstico. A seção *Congelamentos* pode ser interpretada sob esse viés. Há uma divisão sexual do trabalho compartilhado, com diferenciação de *lócus*

²⁰⁸ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 0, p. 10, dez. 1992.

²⁰⁹ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 131.

ligado ao poder. Ainda que o trabalho tenha sido exercido pelo casal, o prestígio recai sobre o homem, por ser o responsável por trazer o dinheiro para casa. Assim, há uma garantia de manutenção de hierarquização entre os sexos/gêneros.

A seção *Dia a Dia* está presente nas treze edições da revista e não varia sua forma. O assunto tratado é sempre ligado à culinária. Apresenta o fundo rosa e a mesma imagem da seção *Entre Nós*. É escrita em letras pretas e os detalhes são cor de rosa. A seção destina-se a facilitar o dia a dia da dona de casa ensinando receitas culinárias. As ilustrações presentes na seção dizem respeito às receitas ensinadas. Mais uma vez, encontra-se uma relação entre mulher e serviços domésticos.

A primeira edição de *Nosso Lar* evidencia qual o tipo de imagem feminina relacionada à mulher cristã. Tendo por base as seções expostas acima e as demais seções da revista, pode-se concluir que a imagem feminina projetada pela revista liga-se ao senso comum. Projeta a mulher no espaço doméstico centrada nas atividades de organização e funcionamento da casa. Afinidades entre mulher, cozinha e costura são as que se sobressaem nessa primeira edição de *Nosso Lar*. Assuntos financeiros, política e mercado de trabalho, para além do doméstico, não aparecem nesse volume, uma vez que tais assuntos são tidos como masculinos – ligados à racionalidade, à objetividade.

Todas as edições da revista figuram em duas cores, cinza e rosa. A terceira edição da revista inova ao utilizar a cor vermelha em alguns subtítulos. É a partir da nona edição, já no ano de 1996, que outras cores como preta, azul e amarela começam a ser utilizadas de maneira mais expressiva. As capas sempre se relacionam com a matéria *Especial*²¹⁰. Uma vez que grande parte das reportagens são direcionadas à família, sobretudo, ao casal, 38,46% traz o casal como imagem de capa.

²¹⁰ Reportagem de capa.

Tabela 15 – Percentual de imagens retratadas nas capas.²¹¹

Imagem	Quantidade	Percentagem
Casal	5	38,46%
Mulher	2	15,38%
Pai e filho	2	15,38%
Criança	2	15,38%
Mãe e filho	1	7,69%
Ilustração de coração	1	7,69%
Total	13	100,00%

As cores podem influenciar e causar efeitos sob os seres humanos. Seja de maneira psicológica ou física, podem causar sentimentos e sensações. Ao mesmo tempo em que influenciam, são influenciadas pela cultura e são ditadas de significados simbólicos²¹². Certas cores e suas combinações podem causar sensações e ideias. Há um grande poder de sugestão por trás das cores e o uso delas por profissionais não ocorre por preferência pessoal; trata-se de instigar no leitor a sensação pretendida.

Existem três tipos de cores: primárias, secundárias e terciárias. Cada grupo de cor exerce diferentes influências sobre o receptor. As cores vermelha e amarela são consideradas cores quentes, enquanto o azul é considerada uma cor fria²¹³. Percebe-se que, na revista *Nosso Lar*, a variação das cores no título da revista é pequena. Variam entre o rosa, azul, vermelho e amarelo. De acordo com Brito²¹⁴, a cor rosa remete à feminilidade, à delicadeza, à calma, ao afeto e ao amor. A cor azul está ligada a aspectos como: céu, mar, tranquilidade, espaço, fantasia, afeto, seriedade e credibilidade. Já a cor amarela relaciona-se a ouro, sol, calor, luz, espontaneidade; e o vermelho remete a fogo, guerra, sangue, perigo, força, ação, movimento, paixão e emoção.

Nosso Lar tem suas páginas compostas por cinza, que é uma cor terciária, e o rosa. O rosa destaca-se e passa a sensação esperada, de feminilidade, delicadeza

²¹¹ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD.

²¹² FERRAZ, Aline Martins Faria. *O uso das cores em publicidade: um estudo do caso Itaú*. 2008. 70f. p. 28. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: < <http://www.latec.ufrj.br/monografias/Monografia%20-%20Aline%20Martins.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2014.

²¹³ SUTTO, Maria Jacinta Bielawski. *As cores na publicidade: Uma análise do filme publicitário: Café Jaguari*. p. 6. Disponível em: < http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/b/be/GT7_-_09_-_as_cores_na_publicidade-_Maria_Jacinta.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2014.

²¹⁴ BRITO, Breno. Apostila 3: o uso das cores na propaganda. In: Comunicação social, publicidade e propaganda. p. 4. 2009. Disponível em: < http://www.brenobrito.com/files/Dir_Arte-Apostila03_-_Uso_das_Cores_Propaganda.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2014.

e afeto. São elementos ligados à “essência” feminina. Contudo, verifica-se outro esquema de cores quando se analisam as capas de *Nosso Lar*. Entre as treze capas, somente a primeira edição chama atenção para a cor rosa. Cinco capas evidenciam a cor amarela, quatro evidenciam a cor vermelha e três, a cor azul. Há um equilíbrio, na distribuição das cores, salvo o rosa.

O amarelo estimula o raciocínio e a criatividade, e, ao evidenciar a cor amarela em suas capas, a revista busca sensibilizar o leitor para a prosperidade, felicidade, descontração e otimismo através de suas páginas. Salvo a segunda edição de *Nosso Lar*, todas as demais trazem a cor amarela em suas capas.

As capas da revista expressam a matéria central e as matérias mais importantes de cada edição. A questão racial não é tratada em nenhuma edição da revista, e a percentagem de pessoas negras que compõe as capas é de 23%. Discussões políticas e econômicas – públicas –, também não aparecem em *Nosso Lar*. Contudo, matérias relacionadas às drogas compõem 9,5% das capas, mulheres modernas, 15,3%, relacionamento entre casais, 38,4%, relacionamento entre pais e filhos, 46,15%, economia doméstica, 15,3% e família, 100%.

Analisar todas as capas individualmente seria tarefa árdua para um curto período, entretanto duas capas chamam atenção. A primeira capa a ser analisada é a da terceira edição da revista²¹⁵. Nela há a imagem de uma mãe se despedindo do filho, e a reportagem central relaciona-se à entrada da mulher no mercado de trabalho. A cor em evidência é o azul, que transmite seriedade e credibilidade. Nota-se que, apesar da inserção da mulher no mercado de trabalho, afeto, carinho, delicadeza e criatividade são sensações transmitidas através da imagem.

A partir da capa, tem-se uma via de mão dupla: a mulher ativa, moderna e inserida no mercado de trabalho, e, ao mesmo tempo, a mulher que não perde sua “essência” ao demonstrar afeto, carinho e preocupação com seu filho. A reportagem central dessa edição será discutida posteriormente, contudo, destaca-se o papel de adjutora dado à mulher nas linhas da reportagem. Nesse caso, capa e reportagem abordam o mesmo tema de formas diferentes. Não é possível relacionar a imagem da capa ao papel inferior dado à mulher na hierarquia sexual, mas na reportagem há essa relação.

²¹⁵ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 2, ago./set. 1993.

Em contrapartida, a capa da sétima edição²¹⁶ da revista chama atenção pela imagem e pela matéria principal. A capa traz a imagem de um homem conversando alegremente com seu filho, em um espaço externo – provavelmente o jardim de casa. A matéria principal discorre sobre o relacionamento entre pais – masculino – e filhos. Interessante notar o forte uso da cor amarela na capa, na busca de causar sensações como alegria, felicidade, criatividade.

A capa indica algumas contradições, no tocante à teoria de gênero de caráter universalizante. A imagem coloca o homem em um *lócus* considerado feminino, junto à natureza, e em um espaço doméstico. Elementos ligados à feminilidade são transferidos ao homem: carinho, cuidado com o filho, amor. A revista passa uma postura de inserção na modernidade com a quebra de paradigmas com a possibilidade de afetividade a partir dos homens.

A ideia de flexibilidade trazida na capa pode ser vista a partir de dois pontos de vista: 1. Pai ativo e que divide a responsabilidade de educar, cuidar do filho, 2. Pai presente somente em certos momentos como nos períodos de folga ou nas férias. No primeiro caso, poderia haver maior flexibilidade da hierarquia binária sexual, ao supor uma divisão igualitária das tarefas domésticas, na igual participação do sustento material da casa. Já o segundo caso reforçaria a ideia de que educar e cuidar dos filhos em tempo integral é função da mulher. Importa ressaltar que, apesar de toda a contradição presente na capa, na imagem vê-se uma ferramenta entre as pernas do homem, elemento considerado masculino. A seguir, serão expostas as capas das treze edições de *Nosso Lar*. Seguindo a ordem da primeira fileira até a terceira fileira, no sentido da esquerda para a direita, as revistas encontram-se organizadas por datas de publicação. Assim a edição de dezembro de 1992 é a de capa preta e escrito em rosa, e a edição de julho/agosto de 1996 é aquela com o casal na casa em construção. Infelizmente, não foi possível referenciar cada capa de acordo com a edição, uma vez que todas se encontram na mesma imagem.

²¹⁶ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 6, ago./set. 1995.

Imagem 7 – Capas da revista *Nosso Lar* – CPAD.²¹⁷



Nosso Lar teve seu corpo editorial reformulado no decorrer dos anos, contabilizando um total de quatorze funções. Grande parte das funções foi alterada no período em que a revista foi publicada; apenas as funções de Editor, Editoração Eletrônica e Redator Responsável foram mantidas em todas as edições da revista.

A participação de profissionais não foi muito diferente. Em um universo de vinte e sete profissionais, nenhum esteve presente em todas as edições da revista. As tabelas que se seguem servem para ilustrar a flexibilidade do corpo editorial de *Nosso Lar*.

²¹⁷ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD.

Tabela 16 – Relação de cargos no total de publicações.²¹⁸

Função	Ocorrências	Porcentagem
Editor	13	100,00%
Editoração Eletrônica	13	100,00%
Redator Responsável	13	100,00%
Setor de Jornalismo	8	61,54%
Fotografia	7	53,85%
Diagramação	3	23,08%
Pesquisa	3	23,08%
Ilustração	2	15,38%
Redator Auxiliar	2	15,38%
Redatora	2	15,38%
Editor-chefe	1	7,69%
Programador Visual	1	7,69%
Projeto gráfico, Programação Visual	1	7,69%
Redator	1	7,69%

A tabela 16 foi feita a partir da análise do corpo editorial apresentado na segunda página das treze edições de *Nosso Lar*. Para se chegar ao resultado apresentado, foram construídas treze tabelas no Excel, cada uma relacionada a uma edição. Após cruzar os dados das tabelas criadas, chegou-se ao resultado exposto acima. Não foi identificada relação direta dos cargos presentes em cada edição com as cores, matérias e abordagens da revista.

Os números indicam cinco funções principais nas edições da revista, sendo que a função de *Setor de Jornalismo* aparece a partir da sétima edição e a função *Fotografia* aparece até a sétima edição. Apenas em duas edições houve coincidência dessas funções. Acredita-se que o pequeno número de funções esteja ligado ao setor financeiro. A expansão e sucesso da editora CPAD devem-se a uma administração empresarial; enxugar custos desnecessários é imprescindível a uma instituição do setor capitalista. A análise da revista demonstrou uma mesma trajetória de conteúdo, postura e ilustração independente das funções flutuantes.

²¹⁸ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD.

Tabela 17 – Relação de ocupações no total de publicações.²¹⁹

Profissional	Ocorrências	Porcentagem
Ana Daysi Araujo	12	92,31%
Hudson Silva	11	84,62%
Oséas Felício Maciel	10	76,92%
Eduardo Souza	8	61,54%
Isael de Araujo	8	61,54%
Jayme de Paula Prado	4	30,77%
Olga Rocha dos Santos	4	30,77%
Vitor Campos	4	30,77%
Geni C. Mello	3	23,08%
Olga Rocha dos Santos	3	23,08%
Vitor Campos	3	23,08%
Débora de Almeida	3	23,08%
Flavia Guimarães	3	23,08%
João Carlos Lira dos Santos	3	23,08%
Sebastião de Oliveira	3	23,08%
Sérgio Ribeiro de Menezes	3	23,08%
Wellington Nunes	3	23,08%
Jayme de Paula Prado	2	15,38%
Jorge Antônio Monteiro da Silva	2	15,38%
Sebastião de Oliveira	2	15,38%
Arnaldo de Oliveira	2	15,38%
Fernando Espíndola Pessoa	2	15,38%
Sandra Rodrigues	1	7,69%
Wellington Nunes	1	7,69%
Cláudio de Lima	1	7,69%
Eduardo Evangelista	1	7,69%
Geremias do Couto	1	7,69%

Apesar da alta diversidade em relação às funções ocupadas no corpo editorial e da alta rotatividade de profissionais, a revista mantém um núcleo de edição e de funcionários. Acredita-se que a linearidade em relação ao conteúdo, à arte e à manutenção de uma mesma linha de pensamento se deva a este núcleo. Nas tabelas abaixo, podem-se encontrar esses núcleos, supracitados.

²¹⁹ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD.

Tabela 18 – Núcleo de profissionais.²²⁰

Base de profissionais
Ana Daysi Araujo
Eduardo Souza
Hudson Silva
Isael de Araujo
Oséas Felício Maciel

Tabela 19 – Núcleo de funções.²²¹

Base de Funções
Editor
Editoração Eletrônica
Fotografia
Redator Responsável
Setor de Jornalismo

Após uma breve explanação sobre a organização e a estrutura de *Nosso Lar*, o item a seguir propõe expor os conteúdos trazidos nas treze publicações da revista para posterior análise. Perceber nuances presentes no corpo editorial e relacioná-las às modificações ou/não de conteúdo da revista podem ajudar a perceber a imagem feminina projetada pela revista e identificar se esta se transforma ou/não no decorrer das publicações.

2.2. Conteúdo da revista

Com a proposta de se dirigir à família cristã, *Nosso Lar* exerce muito bem esta função em suas páginas. Da primeira à última edição da revista, o conteúdo trabalhado não demonstra significativas alterações. As seções, denominadas de fixas neste trabalho, pouco se alteram. Constata-se certa linearidade nos conteúdos trabalhados em todas as edições de *Nosso Lar*. Segue abaixo tabela com as seções fixas.

Tabela 20 – Seções Fixas²²²

Seções Fixas	
Entre Nós	Medicina no Lar
Passo a Passo	Casa e decoração
Carta Aberta	Dia a Dia
Prosa e Verso	Dicas
Entrevista	Congelamentos
Testemunho Especial	Sociais
Vida Infantil	Entrevistas

Dentre as seções expostas no quadro anterior, *Passo a Passo*, *Casa e Decoração*, *Dicas* e *Congelamentos* sempre abordam temas relacionados à vida e

²²⁰ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD.

²²¹ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD.

²²² NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD.

aos afazeres domésticos. Tendo por base a teoria de gênero utilizada para este trabalho, conclui-se que essas seções são destinadas às mulheres.

A seção *Passo a Passo* apresenta modelos e moldes de roupas. Importante salientar que, em quase todas as edições, os moldes são de roupas femininas. Somente a revista de número 5²²³ traz moldes para confeccionar uma blusa social masculina. A coluna é marcada por tons de rosa e as imagens que a ilustram são sempre relacionadas à feminilidade e ao lar.

Imagem 8 – *Passo a Passo* – 1995.²²⁴



A seção *Casa e Decoração* varia de acordo com a edição. Em algumas edições, ela traz um passo a passo que ensina confeccionar enfeites para a decoração doméstica e, em outras edições, traz um passo a passo para confeccionar lembrancinhas, para presentear ou vender. As propostas de confecções estão sempre ligadas a imagens e objetos delicados. A seção tem suas imagens baseadas no rosa e cinza, e sempre que é retratada uma mão confeccionando o objeto esta é feminina.

²²³ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 3, p. 40, dez. 1995.

²²⁴ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 5, p. 39, maio/jun. 1995.

Imagem 9 – Seção Casa e Decoração – 1996.²²⁵Imagem 10 – Seção Casa e Decoração – 1996.²²⁶

A seção de *Dicas* traz em suas páginas variadas dicas para as donas de casa. As dicas são sempre relacionadas à limpeza, à arrumação, ao preparo dos alimentos. Nota-se que são direcionadas às mulheres. Segue trecho de uma das edições da seção *Dicas*: “Praticidade... é tudo que uma boa dona de casa precisa

²²⁵ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 4, n. 12, p. 39, jul./ago. 1996.

²²⁶ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 4, n. 12, p. 40, jul./ago. 1996.

para aproveitar o tempo, da melhor forma possível, na hora de colocar ordem nas coisas.”²²⁷ Essa simples citação ajuda a revelar a imagem de mulher projetada pela revista *Nosso Lar*.

Imagem 11 – Seção *Dicas* – 1995.²²⁸



A foto acima evidencia as funções femininas as quais as mulheres devem exercer, de acordo com a mensagem da revista. A seção direciona-se às mulheres ao se dirigir às donas de casa. A partir da coluna, constata-se uma divisão do trabalho entre os sexos/gêneros. As seções da revista aos poucos vão revelando a imagem de mulher projetada, ao atribuir funções e espaços, os quais a mulher pode ocupar.

²²⁷ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 3, p. 40, jan./fev. 1995.

²²⁸ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 3, p. 40, jan./fev. 1995.

Imagem 12 – Seção *Dicas* – 1995.²²⁹

A ordem é ECONOMIZAR!

Pequenos cuidados podem render bastante em seu bolso. E só ficar atenta!

DICAS

- Se você quer economizar o gás, precisa saber que as panelas menores e as de pressão gastam menos. As de vidro ou de cerâmica são melhores ainda.
- Verifique a cor da chama do fogão. O azul indica que está tudo bem e o amarelo indica sujeira nos queimadores.
- Se sua casa tem um ambiente com duas lâmpadas de 60W, troque-as por uma de 100W. A iluminação é idêntica e o consumo de energia menor.
- Algumas lâmpadas, quando prestes a queimar, levam algum tempo falhando, ou com uma iluminação fraca. Toque-as imediatamente, pois consomem a mesma energia de uma lâmpada novinha.
- Limpe as lâmpadas. Quando elas ficam empoeiradas consomem mais energia.
- Prefira lâmpadas fluorescentes. Elas são mais caras, mas gastam menos e duram muito mais. No final das contas, a economia é bem maior.

● Tampe bem as panelas quando estiver fervendo água ou alimentos. Assim a fervura ocorre mais depressa e você não gasta muito gás.

● A abertura do forno para verificar se o alimento está assando faz com que haja vazamento de calor e, conseqüentemente, maior consumo de gás. Mantenha o vidro da porta sempre bem limpo e procure observar por ali. Controle os horários de cozimento para evitar abrir a porta.

● Toda vez que a porta da geladeira é aberta há um aumento no consumo de energia elétrica. Se você quiser tirar vários alimentos, tenha a paciência de abrir e fechar a porta toda hora.

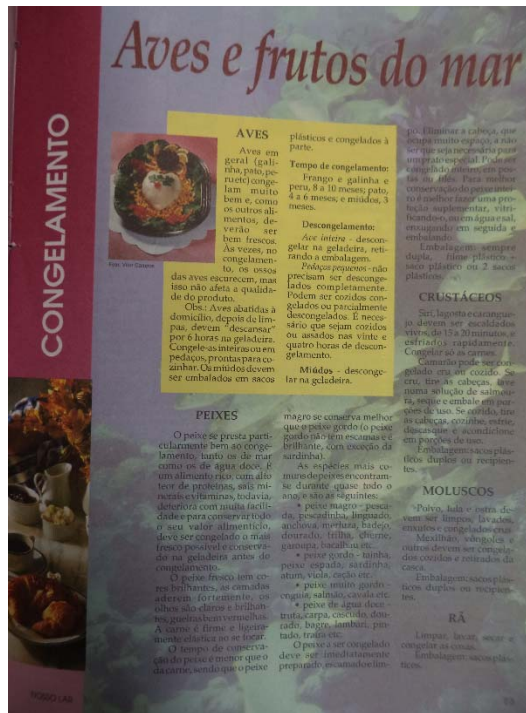
● Quando for passar a roupa, deixe acumular várias peças. Passar a roupa, peça por peça, apenas na hora de usá-las é desperdício de tempo e energia.

Para que não restem dúvidas, na seção *Dicas* constantemente, o verbo aparece no feminino, demonstrando a qual público essa coluna se dirige. Em uma revista que se dirige, supostamente, ao casal, torna-se importante demarcar as matérias direcionadas ao público feminino e as direcionadas ao público masculino. Essa separação na revista traz à tona a separação entre masculino e feminino esperado no dia a dia dos leitores assembleianos.

Já a seção *Congelamentos* traz dicas de como realizar um bom congelamento. Ensina as melhores formas de congelar os diversos tipos de alimentos. Essa seção, além de indicar a mulher como dona de casa – nela também há marcas de feminilidade –, indica o perfil socioeconômico do público alvo da revista.

²²⁹ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 6, p. 42, jul./ago. 1995.

Imagem 13 – Seção Congelamentos – 1995. 230



Em 1995, o salário mínimo no Brasil era de R\$100,00²³¹, enquanto o exemplar de *Nosso Lar* avulso era de R\$3,90²³². A possibilidade de ter um freezer no ano de 1995 não era a mesma das atuais. De acordo com entrevistas realizadas²³³, o freezer em 1995 era artigo de luxo e não estava presente na casa de todos os brasileiros. A revista, ao tratar em todas as edições de congelamentos e por ter um preço alto para a época, demonstra que seu público alvo não era a dona de casa cujo marido recebia um salário mínimo.

Sobre as reportagens, no universo de sessenta e seis artigos, vinte e dois abordam o tema “casal”. Entre as treze revistas publicadas, somente três edições não tratam do tema de forma específica. Nos conteúdos tratados em grande parte das edições, o tema varia entre: educação dos filhos, presença de Deus na vida do leitor, a importância da religião na vida do leitor, cultos domésticos, a forma de ser da mulher cristã, a forma do cristão viver, a influência de desenhos e drogas na vida dos filhos, a relação dos pais com os filhos.

Os assuntos abordados, quando não se relacionam com a família, relacionam-se com Deus e com a religião. Em boa parte dos artigos, o papel da mulher como auxiliar e adjutora do esposo transparece. O item subsequente tratará

²³⁰ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 7, p. 23, set./out. 1995.

²³¹ Disponível em: <http://www.contabeis.com.br/tabelas/salario-minimo/>. Acesso em: 15 dez. 2014.

²³² NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 3, p. 1, dez. 1995.

²³³ Fala de Mônica Salles Guedes em 13 maio 2014.

de analisar qual é a imagem feminina projetada através das edições da revista *Nosso Lar*.

2.3. Análise da revista

Após explanação da organização, estruturação e conteúdo de *Nosso Lar*, esse item se dedica a analisar a revista à luz do viés da teoria de gênero. No total, são treze revistas, as quais, infelizmente, não puderam ser todas analisadas. Analisar o conteúdo de todas as revistas propostas para o trabalho tornaria a pesquisa inviável no curto espaço de tempo. A ideia era analisar de dois a três volumes da publicação. Contudo, a análise de apenas três edições de *Nosso Lar* excluiria a possibilidade de achar mudanças na linha de pensamento adotada. Foi feito um levantamento das reportagens e elementos mais importantes, presentes nas treze edições. Os pontos mais relevantes serão, portanto, analisados a seguir.

A tabela abaixo demonstra os assuntos retratados nos treze editoriais de *Nosso Lar*. Como a pesquisa tem por base identificar a imagem feminina projetada a partir das páginas da revista, a análise dos editoriais basear-se-á naqueles que permitem identificar características ligadas à imagem feminina.

Tabela 21. Assuntos retratados nos editoriais – *Nosso Lar*²³⁴

Ano	Numero	Mês	Ano	Editorial
1	0	dez.	1992	Família e o papel desempenhado pelo casal
1	1	maio/jun.	1993	A relação da sociedade moderna com o casamento
1	2	ago./set.	1993	Papel da mulher
3	3	jan./fev.	1995	CPAD
3	4	mar./abr.	1995	Papel da mulher na sociedade
3	5	maio/jun.	1995	Casamento
3	6	ago./set.	1995	Culto doméstico
3	7	set./out.	1995	Relacionamento entre pais e filhos
3	8	nov./dez.	1995	Natal
4	9	jan./fev.	1996	Eutanásia
4	10	mar./abr.	1996	Adolescentes
4	11	maio/jun.	1996	Crise conjugal, importância do perdão
4	12	jul./ago.	1996	Administração do dinheiro

²³⁴ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD.

Os editoriais que permitem identificar a imagem de mulher projetada pela revista são os das revistas de números 0, 2 e 4.

O corpo editorial do primeiro volume de *Nosso Lar* revela a divisão de trabalho entre o casal:

Nosso Lar acaba de nascer e começa a dar seus primeiros passos editoriais (...) a família cristã encontrará nas páginas de *Nosso Lar* o espaço adequado para sua edificação. *Nosso Lar* pretende vivenciar o dia a dia da família, respondendo às expectativas geradas pela vida moderna, que tanto pesam no comportamento do marido, como chefe de família, da esposa, como dona de casa e dos filhos como prolongamento social.²³⁵

Já na primeira página do primeiro volume da revista *Nosso Lar*, em seu corpo editorial, escrito pela Redação, é possível perceber uma diferenciação entre os sexos/gêneros. Ao classificar o marido como chefe de família – aquele que provê a manutenção e estabilidade econômica da família – e a mulher como dona de casa – profissional do lar –, a revista marca sua postura em relação aos papéis os quais homens e mulheres devem ocupar na sociedade.

O segundo editorial selecionado para análise, transcrito a seguir, disserta sobre o papel da mulher na sociedade atual:

A sociedade de nossos tempos vem tomando novos rumos. Nela, vemos com destaque o papel da mulher. Mulher mãe, mulher esposa, mulher trabalhadora. Hoje em dia elas já ocupam espaços que há algum tempo jamais poderíamos imaginar que viessem a ocupar (...) NOSSO LAR traz neste número um pouco das vantagens e desvantagens da mulher-empregada, aquela que viu no mercado de trabalho a maneira de ajudar seu esposo na manutenção da casa. Entre ônibus lotados, cartão de ponto e chefes mal-humorados, essas “guerreiras”, com a graça de Deus, ainda encontram forças para cuidar da família, não se esquecendo nunca de seu papel principal: o da rainha do lar.²³⁶

Interessante notar que há diferenças e semelhanças entre os dois editoriais expostos anteriormente. No primeiro há ênfase na divisão sexual/gênero do trabalho; no segundo, essa divisão encontra-se flexibilizada. Nota-se uma mulher mais ativa socialmente ao se estabelecer no mercado de trabalho. A função exercida exclusivamente pelo homem, a de trabalhar fora de casa, passa a ser exercida também pela mulher.

Alguns aspectos merecem atenção: 1. A mulher vê-se obrigada a entrar no mercado de trabalho por situações econômicas da família. A passagem demonstra a

²³⁵ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 0, p. 1, dez. 1992.

²³⁶ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 2, p. 1, ago./set. 1993.

necessidade de inserção no mercado de trabalho, e não a escolha. 2. Perda do *status* social do marido, junto à família. Nesse caso, pode haver uma atenuação na hierarquização entre os sexos/gêneros no interior da família. É suposto, à luz de uma teoria de gênero universalizante, que o marido seja capaz de prover o sustento material da família, e, quando isso não ocorre, a divisão do trabalho pautado no sexo/gênero é transformada. 3. Ainda que haja uma transformação na divisão do trabalho, a mulher ainda é considerada como subordinada na hierarquia. O papel das características ligadas ao feminino ainda constituem o primeiro plano para a identificação da imagem de mulher.

As semelhanças entre os dois editoriais pautam-se na identidade da mulher forjada através de características ligadas a uma essência feminina, já esperada, inserida no espaço doméstico ou tendo o mesmo como *lócus* de construção e manutenção de identidade.

A seguir, leia-se o editorial da revista de número quatro:

Não bastasse as inovações, esta edição tem um aspecto todo especial. Nossa homenagem a você esposa, dona de casa, trabalhadora...enfim, a você mulher... que tem nos prestigiado a cada edição e, com fervorosas orações, ajudado o nosso jornada. Maria, Fátima, Ana ou Tereza... não importa o seu nome, idade, cor ou classe social. O que importa é que, como mulher, você exerce uma papel importante no mundo, na igreja, na família, na obra de Deus.²³⁷

As duas últimas citações expressam uma imagem feminina baseada na dualidade. A mulher é representada como profissional, com uma carreira para além do espaço doméstico, inserindo-se em um *lócus* de poder, dominado pelo masculino. Mas, ao mesmo tempo, a mulher é representada como dona de casa, com a função de cuidar dos filhos e do esposo. E, mesmo quando lhe são atribuídas as duas funções – lar e trabalho –, a função ligada à domesticidade se sobrepõe. A divisão sexual/gênero do trabalho e a associação de certas características a homens e a mulheres têm por base a diferenciação biológico-social.

A diferenciação por meio biológico-social se faz presente em diversas instâncias da sociedade, até mesmo dentro da Instituição religiosa. Com base em Souza²³⁸, pode-se dizer que, no curso da história, as religiões não têm contribuído para a transformação da ordem sexual.

²³⁷ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 4, p. 1, mar./abr. 1995.

²³⁸ SOUZA, Sandra Duarte de; LEMOS, Carolina Teles. *A casa, as mulheres e a igreja: gênero e a religião no contexto familiar*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 48.

Ao contrário, reforça e legitima características tidas como essencialmente femininas. A religião, ao exercer poder simbólico na formação da identidade, sob a luz de gênero, cristaliza a violência simbólica. A submissão feminina é autorizada e perpetuada através da religião que legitima tal ordem a partir da Bíblia. Apesar da CPAD ter caráter independente da Assembleia de Deus, a mesma encontra-se ligada à igreja através da CGADB e, desta maneira, utiliza a mesma linha de pensamento da igreja. O trecho da matéria a seguir permite compreender que não houve mudança na linha de pensamento no decorrer dos anos:

Acordar, fazer o café, arrumar a casa, preparar o almoço, arrumar as crianças, leva-las ao colégio, fazer compras, lavar a roupa, pegar as crianças no colégio, passar a roupa, preparar o jantar, lavar a louça, pôr as crianças para dormir (...). “Algumas donas de casa ficam tão envolvidas com seus afazeres domésticos, e os maridos tão envolvidos com os problemas do trabalho, que se esquecem de um momento muito importante: seu momento a sós com Deus.”²³⁹

Os trechos acima fazem parte da matéria intitulada, *que espaço Deus ocupa em sua vida?* escrita por Adilson Faria Soares, à época pastor presidente da Assembleia de Deus Mutuá, no Rio de Janeiro. Nota-se que tanto a Redação quanto o autor convidado tratam com a mesma perspectiva os papéis ocupados por homens e mulheres na sociedade, construída a partir da diferenciação biológica entre os sexos.

O masculino assume, de forma naturalizada, características do tipo dominador, forte, racional, objetivo. O feminino assume características como frágil, subjetivo, dominado, emocional²⁴⁰.

A hierarquização dos sexos/gêneros, construída de maneira natural, institucionaliza a sociedade patriarcal, sobrepujando a mulher. Os lugares de mulher e de homem são construídos pela sociedade e legitimados pelas instituições detentoras de capital simbólico. A partir da construção de um *lôcus* bem marcado, a divisão do trabalho baseada na diferenciação sexual é instituída.

Nessa perspectiva, a mulher se encaixa na esfera do privado, quer dizer, dona de casa, mãe de família, reprodutora; enquanto o homem se encaixa na esfera do público, da rua, do trabalho, da política. O homem, como *dominante*, é responsável pelo provento do material e do financeiro. Já a mulher, *submissa*,

²³⁹ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 3, p. 26-27, jan./fev. 1995.

²⁴⁰ SOUZA, Sandra Duarte de; LEMOS, Carolina Teles. *A casa, as mulheres e a igreja: gênero e a religião no contexto familiar*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 32.

incumbe-se das responsabilidades do lar, como arrumar a casa, cuidar das crianças, de forma geral, do trabalho doméstico. Acredita-se que várias vezes a hierarquia entre os sexos/gêneros não é percebida pelas próprias mulheres.

Em uma matéria escrita por Ana Daysi Araujo e Débora de Almeida, leitoras falam sobre o que pensam da mulher trabalhar fora de casa. A citação seguinte corresponde à fala de uma das leitoras: “A mulher pode trabalhar, desde que o trabalho não esteja em primeiro plano em sua vida, deixando o lar em segundo”²⁴¹.

A fala da leitora evidencia o que Bourdieu²⁴² chama de violência simbólica, que exerce influência de forma suave e invisível, sem ser notada pelos atores que fazem parte desta. A leitora não tem consciência de que seu posicionamento advém da imagem feminina que a igreja impõe.

Na mesma matéria, é reificado o papel de submissão feminino:

Deus reservou o papel de adjutora para a mulher (...). Ela nasceu para ser a adjudadora do seu esposo, em todos os aspectos da vida em família. Hoje, devido à crise estabelecida no país, esta ajuda tem se traduzido no lançamento da mulher no mercado de trabalho, embora o cuidado do lar ainda seja a prioridade.²⁴³

Nota-se mais uma vez a mulher aparecendo em segundo plano, comparada ao homem. O diferencial dessa matéria é a saída da mulher para o mercado de trabalho. Aqui, a mulher assume o espaço marcado como masculino, o espaço público. Contudo, a prioridade feminina ainda é centrada na casa. Nesse e em quaisquer outros casos em que a mulher, por necessidade, precisa se lançar para o espaço público, as qualidades femininas não de se sobrepor às masculinas.

Não é negado à mulher trabalhar fora; quando necessário, porém, a domesticidade permanece. Importante salientar que nesse caso há perda de poder simbólico do esposo, incapaz de manter a estabilidade financeira do lar.

Em uma reportagem intitulada *Amor: via de mão dupla*, escrita por Ubirajara Crespo, tem-se quais são os papéis que cada par do casal deve representar:

Diversas pesquisas demonstram que a necessidade da mulher de receber afeto é tão grande quanto a do homem de se satisfazer sexualmente (...). O marido ganha o coração da esposa suprimindo suas necessidades de afetividade, enquanto a mulher o faz sentir-se importante como homem²⁴⁴.

²⁴¹ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 3, p. 16, 1993.

²⁴² BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 7.

²⁴³ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 3, p. 16, 1993.

²⁴⁴ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 4, p. 6, mar./abr. 1995.

O trecho acima expressa o androcentrismo naturalizado na ordem social. Relaciona a mulher à afetividade, ao emocional, à submissão; em contrapartida relaciona o homem ao dominador, ao sexual (presença do falo). Observa-se, nas trezes edições de *Nosso Lar*, a mesma perspectiva sobre os papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade. E esses papéis são legitimados sempre através da Bíblia.

Sobre a participação das mulheres na confecção da revista, pode-se dizer que entre os cinco profissionais, considerados no item anterior, que compõem o núcleo profissional, apenas uma é mulher. Em uma revista destinada ao público feminino, somente 20% do corpo editorial – núcleo profissional – é composto por mulher, como explicar esse movimento contrário?

Percebe-se na revista um esforço, não alcançado, em construir uma imagem feminina associada à modernidade, atuando profissionalmente para além do lar. Em algumas passagens anteriores, fica evidente a projeção dual na imagem feminina. Já foi dito que a imagem que se sobressai é a da mulher inserida no ambiente doméstico, na qual se constata uma divisão sexual/gênero do trabalho e com a consequente hierarquização entre os sexos/gêneros. Tendo por base esse ideal de imagem feminina nas páginas de *Nosso Lar*, o corpo editorial da revista não poderia ser composto de outra forma. Para além, talvez se o corpo editorial fosse composto por mais mulheres, a imagem feminina projetada pela revista poderia assumir características diferentes daquelas encontradas.

Nem todas as matérias da revista são assinadas. Entre as 241 matérias, somente 80 são assinadas. Dessas, 26 são assinadas por mulheres e 54 são assinadas por homens. A correspondência é de 32,5% autoras para 67,5% autores. As matérias, quando assinadas, trazem os cargos exercidos por seus autores. Quando se trata de homens, os mesmos são: presbíteros, coordenadores de núcleos religiosos, professores universitários, economistas. Quando se trata de mulheres, a maior parte das autoras compõe a redação da revista, com destaque para Ana Daysi Araujo.

Em uma revista que se destina ao público feminino, 67,5% das matérias assinadas são de autoria masculina. A composição do quadro de funcionários e as frases a seguir retratam a imagem feminina projetada pela própria revista: “No lar ou

no emprego, elas mostram que o papel de adjutoras não tem fronteiras”²⁴⁵; “Toda mulher cristã tem obrigação de ser serena”²⁴⁶. A imagem feminina projetada pela revista representa uma mulher subordinada ao homem, dona de casa, com a principal função de ser auxiliar do homem, seja no trabalho ou em casa.

²⁴⁵ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 2, p. 16, ago./set.. 1993

²⁴⁶ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 4, n. 10, p. 46, mar./abr. 1996.

3. REVISTA *MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ*

A análise da Revista *Mulher, Lar & Família Cristã*, revista direcionada principalmente à mulher, dá algumas pistas de qual imagem feminina é passada através de suas páginas. A relação encontrada entre a imagem feminina identificada na revista *Nosso Lar* com a imagem feminina identificada na revista *Mulher, Lar & Família Cristã* será de suma importância. A partir da relação entre as duas revistas, poder-se-á identificar continuidades e rupturas ligadas à imagem feminina.

Nas páginas a seguir serão apresentadas a organização, conteúdo e análise de *Mulher, Lar & Família Cristã*. Serão utilizadas tabelas, feitas a partir da análise de todo o material escaneado, além de imagens fotografadas e escaneadas das vinte e sete edições do periódico com objetivo de fundamentar base para a argumentação.

A revista publicada entre os anos 2000 e 2006, apresenta vinte e sete edições. A análise desse material é justificada a partir do ponto no qual, ao direcionar-se às mulheres, permite-se identificar a imagem feminina relacionada a Assembleia de Deus nos primeiros anos do atual milênio. O mesmo que foi dito para a revista *Nosso Lar* vale para *Mulher, Lar & Família Cristã*. O trabalho não pretende afirmar de maneira alguma que só exista uma imagem feminina compartilhada por todas as Assembleias de Deus. A relação das revistas com a CPAD e CGADB deve ser levada em consideração, permitindo que a análise represente um tipo de imagem feminina ligada à Convenção Geral.

Para a apresentação e análise, que se seguem, serão apresentadas nove tabelas relacionadas a *Mulher, Lar & Família Cristã*: 1. *Mulher, Lar & Família Cristã*: periodização; 2. Seções fixas direcionadas às mulheres; 3. Percentual de assuntos retratados nas capas; 4. Relação de cargos no total de publicações; 5. Relação de ocupações no total de publicações; 6. Núcleo de profissionais; 7. Núcleo de funções; 8. Seções Fixas; 9. Matérias que evidenciam a participação da mulher no espaço público.

As tabelas criadas a partir do programa Excel, somadas às ilustrações das revistas, além de servirem como base para argumentação, tornam o texto mais interessante e estimulante. Para além, sintetizar as informações em tabelas permite ao leitor uma visão panorâmica das vinte e sete edições da revistas *Mulher, Lar & Família Cristã*.

3.1. Estruturação e organização da revista

Mulher, Lar & Família Cristã se descreve em seu corpo editorial da seguinte maneira: “*Mulher, Lar & Família Cristã*: Revista evangélica, bimensal, lançada em 2002. Editada pela CPAD”²⁴⁷. A mulher é o público alvo da revista, dessa forma, grande parte das reportagens lhe é direcionada.

Mulher, Lar & Família Cristã, editada e distribuída pela CPAD, teve seu primeiro volume publicado em julho de 2000. A última edição da revista ocorreu em maio de 2006. Foram vinte e sete revistas publicadas ao longo de cinco anos e dez meses. A periodicidade da revista, descrita como bimensal, teve algumas alterações ao longo do período de publicação.

Nos anos de 2002, 2003 e 2004, a revista publicou quatro edições. Já no ano de 2005 foram cinco edições publicadas. Em visitas ao CEMP²⁴⁸, a bibliotecária informou que *Mulher, Lar & Família Cristã* nada mais é que a revista *Nosso Lar* com nome diferente. Após análise dos conteúdos, percebe-se que há uma diferenciação nas linhas de pensamento entre as duas revistas, não podendo se tratar de um mesmo material. Cabe dizer, então, que as diferenças não se restringem ao nome das mesmas.

No período de publicação de *Mulher, Lar & Família Cristã*, somam-se vinte e sete edições. A tabela 21 sintetiza as informações referentes às publicações de *Mulher, Lar & Família Cristã*.

²⁴⁷ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 1, p. 2, jul./ago. 2000.

²⁴⁸ Fala de Vera Garcez, bibliotecária do CEMP, em visita em 24 fev. 2014.

Tabela 21 – *Mulher, Lar & Família Cristã*: periodização.²⁴⁹

Ano	Número	Ano
1	1	2000
1	2	2000
1	3	2000
1	4	2001
1	5	2001
1	6	2001
1	7	2001
1	8	2001
1	9	2001
2	10	2002
2	11	2002
3	12	2002
3	13	2003
3	14	2003
3	15	2003
3	16	2003
4	17	2004
4	18	2004
4	19	2004
5	20	2004
5	21	2005
5	22	2005
5	23	2005
6	24	2005
6	25	2005
6	26	2006
6	27	2006

Os volumes iniciais da revista apresentam em torno de noventa páginas; no decorrer das publicações, as edições foram enxugadas. O último volume de *Mulher, Lar & Família Cristã* apresenta cinquenta e seis páginas. A revista traz em suas edições entre três e seis artigos, os quais abordam diversos temas ligados à mulher, família, igreja e também a Deus.

Somado aos artigos de cada edição, *Mulher, Lar & Família Cristã* traz em suas páginas uma seção, denominada de fixa para este trabalho. As seções são alteradas no decorrer das publicações. Contudo, pode-se dizer que algumas são

²⁴⁹ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD.

direcionadas às mulheres. Na primeira edição da revista, 44,44% das seções se dirigem às mulheres, à luz de um viés hierárquico entre os sexos/gêneros. As seções serão comentadas a seguir, porém, como forma de dinamizar, as imagens e trechos retirados da revista não serão apenas oriundos do primeiro volume. As seções encontram-se na tabela.

Tabela 22 – Seções fixas direcionadas às mulheres.²⁵⁰

Seções fixas	Direcionadas às mulheres
Aconteceu Comigo	
Arte de Cozinhar	x
Assim como nós	x
Atualidades	
Casa e Decoração	x
Com Estilo	x
Educando	
Ela em Destaque	x
Entre Amigas	x
Entre nós, mulheres	x
Entrevista	
Estética	x
Família	
Feito por mim	x
Lazer	
Mamães & Cia	x
Mãos no Arado	
Missão de Vida	
Na ponta da Agulha	x
No tom Certo	x
Nutrição	x
O Médico Responde	
Opinião	x
Painel	
Pelo Brasil	
Saúde	
Usadas por Deus	

²⁵⁰ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD.

A seção *Arte de Cozinhar* não está presente em todas as edições da revista, mas, quando aparece, é sempre ao final do periódico. A coluna apresenta receitas culinárias que são preparadas, sempre, por mulheres ligadas a Assembleia de Deus. A relação entre mulher e cozinha fica clara nessa coluna. Não há homens cozinhando em nenhuma edição. Ao apresentar somente mulheres no espaço da cozinha, pode-se dizer que a revista emprega valores relacionados à divisão sexual/gênero do trabalho. A imagem feminina projetada revela-se inserida no espaço doméstico, representado pela dona de casa, que cozinha, passa, lava.

Imagem 14 – Seção *Arte de Cozinhar* – 2000.²⁵¹



As páginas da seção são coloridas e trazem em seu corpo grande número de fotos. As fotos mostram o preparo das receitas, a cozinheira com a receita pronta e as comidas arrumadas em mesas compostas de louças delicadas e flores. Não há em *Mulher, Lar & Família Cristã* a predominância do rosa, em seções direcionadas às mulheres, como se verifica em *Nosso Lar*. O direcionamento à mulher é percebido a partir da construção das imagens com base no histórico de publicações da revista.

²⁵¹ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 1, p. 84, 2000.

Imagem 15 – Seção *Arte de Cozinhar* – 2000.²⁵²

A seção *Assim como Nós* é escrita tanto por mulheres quanto por homens. Não tem o *layout* modificado em todas as edições. Apresenta um fundo amarelo ou rosa claros e a imagem de uma mulher, sempre de túnica na cabeça. A coluna retrata características ligadas ao feminino, tal qual a divisão biológico-social, presente nas mulheres bíblicas. A coluna é interessante, pois busca incentivar nas leitoras um comportamento feminino “ideal” cristão e utiliza a Bíblia como forma de legitimação.

Dentre todas as seções direcionadas a mulheres, *Assim como Nós* é a que chama maior atenção. Nela são informados de forma direta qual o comportamento e qual a forma de agir esperado de uma mulher, sempre em conexão com as características “essenciais” femininas. “Fiel às Escrituras, Eunice se tornou mãe de um dos grandes companheiros do apóstolo Paulo.”²⁵³ Nota-se a valorização da mulher hierarquicamente inferior no trecho acima. Sua importância baseia-se no papel de mãe que desenvolveu. O reconhecimento da importância de Eunice deve-se à maternidade, e os adjetivos relacionados a ela no corpo da matéria são amorosa, carinhosa, perseverante. Não se vê o reconhecimento de Eunice por si, mas por ter sido mãe.

²⁵² MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 1, p. 85, 2000.

²⁵³ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 6, p. 16, 2003.

A seção *Com Estilo* é uma coluna de moda, na qual são apresentadas as tendências para o período. A seção contém fotos das modelos com os *looks* e pequenas explicações sobre cores e tecidos ao lado. Em muitas edições, a coluna é voltada para uma ocasião especial como Natal, Reveillon, Casamentos. Nota-se que as tendências são sempre de acordo com os usos e costumes da igreja, ou seja, as saias e vestidos são sempre abaixo do joelho, sem muitos decotes. Destacam-se as cores e tecidos delicados, ligados à feminilidade.

Imagem 16 – Seção *Com Estilo* – 2000.²⁵⁴



A seção *Ela em Destaque* traz em suas páginas matérias com mulheres que se destacam, de alguma forma, para além do espaço doméstico. As mulheres destacadas na coluna são reconhecidas por suas carreiras profissionais. Essas mulheres, todas ligadas a Assembleia de Deus, são policiais, arquitetas, professoras, assistentes sociais, turismólogas, promotoras. Algumas têm seus trabalhos ligados à igreja, utilizam a profissão na evangelização e nos trabalhos sociais feitos através da Assembleia de Deus. Outras são destacadas em suas carreiras profissionais “por intermédio de Deus”, conforme cita a revista.²⁵⁵ A coluna

²⁵⁴ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 3, p. 56, 2000.

²⁵⁵ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 6, p. 52, 2001.

No tom certo apresenta mulheres envolvidas no meio musical gospel e que se destacam para além do espaço doméstico. Pode-se dizer que as colunas fazem contraponto com a seção *Assim como Nós*. Enquanto *Ela em Destaque* e *No tom certo* exaltam a mulher profissional, de sucesso em sua carreira, *Assim como Nós* exalta a mulher “dona de casa”, inserida no espaço privado, submissa ao marido, à fé, à igreja.

Imagem 17 – Seção *Ela em Destaque* – 2001.²⁵⁶



As seções são relevantes na medida em que permitem creditar dois tipos de imagens femininas projetadas pela revista. Ao mesmo tempo em que em *Mulher, Lar & Família Cristã* transparece uma imagem feminina ligada às características de inserção no espaço doméstico, relativas à maternidade e à fragilidade, a seção *Ela em Destaque* e *No tom certo* mostram a mulher inserida no espaço público. A mulher é reconhecida por seu sucesso profissional e não por ser dócil, frágil, carinhosa, dona de casa.

Entre Amigas é o espaço destinado às leitoras que têm interesse em se corresponder com outras leitoras. Na coluna, são compartilhados os endereços, nomes, profissões e igrejas dessas mulheres.

O objetivo desta seção é estimular a amizade entre as leitoras de *Mulher, Lar & Família Cristã* em todo o país. A distância não vai ser obstáculo para esse vínculo.

²⁵⁶ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 5, p. 52, 2001.

Se você quer ter uma nova amiga, preencha o cupom abaixo e envie para a revista *Mulher, Lar & Família Cristã*, Avenida Brasil nº 34.401, Bangu, Rio de Janeiro. CEP 21852-000.²⁵⁷

A seção se destina às mulheres, e essa intenção pode ser notada através da passagem acima. Nenhuma edição traz o nome e endereço de homens. Porém, há um espaço no cupom para o preenchimento da profissão do marido. Ainda que a coluna não seja destinada aos homens, esses se fazem presentes. Quanto maior o cargo do marido dentro da Assembleia de Deus, maior o *status* social da mulher. Nesse caso, o reconhecimento social da mulher é reflexo da posição de seu esposo e não de si própria.

Opinião se assemelha à seção *Entre Amigas*. Na página, há o endereço da revista para que as leitoras deem sugestões sobre o periódico. Interessa salientar que a coluna está presente em todas as edições e em nenhuma delas se encontra a opinião masculina. A coluna não se dirige, exclusivamente, às mulheres. No entanto há algo implícito.

Entre nós, mulheres é uma coluna escrita por Sonia Pires Ramos, psicóloga clínica, na qual se discutem temas relacionados à família e à vida religiosa. A seção ocupa apenas uma página, e, nela, as passagens bíblicas são utilizadas constantemente para legitimar o argumento da autora.

A coluna *Estética* destina-se às mulheres na medida em que, em suas páginas, apenas fotos femininas são mostradas. E em algumas edições as autoras – sempre mulheres – dirigem-se de forma direta à mulher, como no seguinte caso: “Escova definitiva: uma novidade que está fazendo a cabeça das brasileiras.”²⁵⁸ Porém, também são abordados assuntos de cunho unissex. Entretanto, na vitrine – espaço destinado à propaganda de produtos – os produtos são ligados à higiene feminina.

²⁵⁷ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 12, p. 21, 2002.

²⁵⁸ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 15, p. 33, 2003.

Imagem 18– Seção Estética – 2003.²⁵⁹

Feito por mim e *Na ponta da agulha* assemelham-se à seção *Casa e Decoração* da revista *Nosso Lar*. Nessas seções, são encontradas instruções para confeccionar enfeites para enfeitar a casa, presentear amigos ou mesmo para serem vendidos. São encontradas também informações para confecções de bordados variados em roupas de cama, panos de prato, toalhas. *Na ponta da agulha*, no editorial da quarta edição da revista, mostra para qual público está direcionada: "Outro lançamento é *Na ponta da agulha*, para mulheres que têm aptidão para bordados, tricô, crochê e ponto cruz, mas também para aquelas que acham que não têm."²⁶⁰

²⁵⁹ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 4, n. 17, p. 33, 2003.

²⁶⁰ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 4, p. 3, 2001.

Imagem 19 – Seção *Feito por mim* – 2003.²⁶¹

Mamãe e Cia está presente em todas as edições da revista *Mulher, Lar & Família Cristã*. A coluna ocupa o espaço de uma página, e vários assuntos são tratados em uma mesma edição de forma breve. A coluna, ao se dirigir, exclusivamente, às mulheres, sugere nas entrelinhas uma divisão sexual/gênero do trabalho. À mulher cabe o cuidado dos filhos e da casa e, ao homem, cabe o sustento e a estabilidade financeira, o que sugere uma desigualdade entre os sexos. Com base em Strathern²⁶², essa desigualdade, interpretada como fenômeno universal, tem a biologia como fator determinante que constrói a partir dela o gênero, com forma dual.

A primeira edição de *Mulher, Lar & Família Cristã* mostra que não se deve pensar que a mesma assuma igual postura adotada pelo periódico dos anos de 1990, o que é considerado por alguns. A revista, logo de início, traz uma imagem de mulher moderna, na qual a realização profissional é valorizada. Entretanto, há também a imagem de uma mulher inserida no espaço privado, no qual se vê uma valorização da mulher como dona de casa, mãe de família.

O *layout* da revista é dinâmico e moderno. As cores de predominância são: azul, amarela e rosa. A forma como as cores influenciam e causam sensações já foi

²⁶¹ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 15, p. 52, 2003.

²⁶² STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora UNICAMP, 2006. p. 63.

explicada anteriormente, e, assim como a revista *Nosso Lar, Mulher, Lar & Família Cristã* utiliza as cores de forma objetiva. Há uma modificação entre as duas revistas da cor predominante; enquanto *Nosso Lar* – destinada à família – prioriza os tons de rosa, *Mulher, Lar & Família Cristã* – destinada à mulher – prioriza os tons de azul. A partir do estudo das cores utilizadas nas revistas, nota-se uma irregularidade entre o público a que as revistas se dirigem e para quais públicos dizem se dirigir.

Nosso Lar diz se dirige à família cristã, entretanto suas páginas – com a predominância de tons rosas – destinam-se em sua maioria às mulheres. Já a revista *Mulher, Lar & Família Cristã* que pretende se dirigir prioritariamente à mulher, tem predominância da cor azul. A mudança no enfoque de cores pode significar uma flexibilização nas ideias referentes aos gêneros. Com uma maior adaptação à modernidade, o periódico não se limita aos tons de rosa.

As capas da revista relacionam-se sempre com a reportagem de destaque e 77,78% delas trazem a imagem feminina em suas capas.

Tabela 23 – Percentual de imagens retratadas nas capas.²⁶³

Imagem	Quantidade	Percentagem
Mulher	21	77,78%
Casal	4	14,81%
Criança	1	3,70%
Mãe e Filho	1	3,70%

Durante todo o período de publicação, *Mulher, Lar & Família Cristã* teve seu corpo editorial reformulado. Contabiliza-se um total de doze funções, entre as quais os cargos de Design Gráfico, Editor Chefe, Editora, Fotografia e Redator aparecem em todas as edições. Quanto aos profissionais, quatro – Antonio Pereira de Mesquita, Eduardo Souza, Regina Coeli e Solmar Garcia – exercem funções em todas as edições da revista.

²⁶³ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD.

Tabela 24 – Relação de cargos no total de publicações.²⁶⁴

Função	Ocorrências	Porcentagem
Design Gráfico	27	100,00%
Editor Chefe	27	100,00%
Editora	27	100,00%
Fotografia	27	100,00%
Redatoras	27	100,00%
Tratamento de Imagens	20	74,07%
Editoria de Arte	19	70,37%
Pauta	10	37,04%
Editoria de Arte	6	22,22%
Ilustrações	4	14,81%
Editoria Eletrônica	2	7,41%
Fotomontagem	2	7,41%

A tabela 24 foi criada a partir do corpo editorial dos vinte e sete volumes de *Mulher, Lar & Família Cristã*. Foram construídas vinte e sete tabelas no programa Excel para se chegar à tabela 24. A mesma representa as informações das vinte e sete tabelas de forma sintetizada. Não foi possível identificar de forma direta uma relação entre os cargos e as matérias, entre as cores e os conteúdos.

A tabela indica sete cargos principais nas edições da revista, com destaque para cinco dele: Design Gráfico, Editor Chefe, Editora, Fotografia, Redatoras. Comparada à revista *Nosso Lar*, a revista *Mulher, Lar & Família Cristã* tem um quadro de funções mais extenso. Essa diferença pode ser notada desde a capa até a última página da revista; ao contrário do periódico dos anos de 1990, *Mulher, Lar & Família Cristã* traz mais cores e imagens em suas páginas. Nem mesmo o papel utilizado nas publicações é o mesmo. Credita-se essa transformação à função de Design Gráfico, responsável por tornar a leitura mais convidativa e interessante a partir da escolha de cores, ilustrações e fontes.

²⁶⁴ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD.

Tabela 25 – Relação de ocupações no total de publicações.²⁶⁵

Profissional	Ocorrências	Porcentagem
Antonio Pereira de Mesquita	27	100,00%
Eduardo Souza	27	100,00%
Regina Coeli	27	100,00%
Solmar Garcia	27	100,00%
Claudio Marques	20	74,07%
Sandra Freitas	11	40,74%
Gilda Júlio	10	37,04%
Eugênia Santos	8	29,63%
Eveline Ventura	7	25,93%
Andreia D Mare	6	22,22%
Alexandre Diniz	4	14,81%
Mauro Souza	3	11,11%
Oseas F Maciel	2	7,41%
Eveline Ventura	2	7,41%
Oseas F Maciel	2	7,41%
Rafael Paixão	2	7,41%
Mauro Luiz	1	3,70%
Mauro Souza	1	3,70%
Jose Ignácio	1	3,70%
Mauro Luiz	1	3,70%
Silvia Cadeiro	1	3,70%

Apesar da grande flutuação de cargos e funcionários, a revista manteve, em todas as suas edições, um núcleo uniforme tanto relacionado ao campo profissional quanto relativo às funções. Esse núcleo permitiu que a revista mantivesse a mesma linha de pensamento, de conteúdo e de *layout*, do primeiro ao último exemplar.

Tabela 26– Núcleo de profissionais.²⁶⁶

Base de profissionais
Antonio Pereira de Mesquita
Eduardo Souza
Regina Coeli
Solmar Garcia
Claudio Marques

Tabela 27 – Núcleo de funções.²⁶⁷

Base de Funções
Design Gráfico
Editor Chefe
Editora
Fotografia
Redatoras

²⁶⁵ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD.

²⁶⁶ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD.

²⁶⁷ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD.

O próximo subitem expõe os conteúdos abordados nas vinte e sete publicações da revista *Mulher, Lar & Família Cristã*. A análise desses conteúdos será abordada posteriormente, na busca de revelar a imagem feminina projetada a partir das publicações impressas assembleianas - *Mulher, Lar & Família Cristã* e *Nosso Lar*.

3.2. Conteúdo da revista

Em todas as edições de *Mulher, Lar & Família Cristã*, pode-se perceber uma linearidade nos temas trabalhados. Acredita-se que a manutenção de um núcleo profissional responsável pela criação contribua para a manutenção de posturas de pensamentos. A tabela 28 traz as colunas fixas da revista.

Tabela 28 – Seções Fixas.²⁶⁸

Aconteceu comigo	Lazer
Arte de cozinhar	Mamães & Cia
Assim como nós	Mãos no arado
Atualidades	Missão de Vida
Casa e Decoração	Na ponta da agulha
Com estilo	No tom certo
Educando	Nutrição
Ela em destaque	O Médico responde
Entre amigas	Opinião
Entre nós, mulheres	Painel
Entrevista	Pelo Brasil
Estética	Saúde
Família	Usadas por Deus
Feito por mim	X

Grande parte do conteúdo da revista aborda questões referentes à mulher e ao papel doméstico desta. Porém, saltam aos olhos certas diferenças que *Mulher, Lar & Família Cristã* tem em relação à *Nosso Lar*. A diferença inicia-se na confecção das capas das revistas. Enquanto *Nosso Lar* enfatiza a figura do casal, *Mulher, Lar & Família Cristã* enfatiza a figura da mulher moderna, capaz de conciliar atividade doméstica à vida profissional. Importante salientar que grande parte das mulheres que está nas capas das publicações exerce algum tipo de função para além da

²⁶⁸ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD.

doméstica. As capas abaixo estão expostas em ordem de publicação, partindo da primeira fileira no sentido da esquerda para a direita.

Imagem 20 – Mulher, Lar & Família Cristã – CPAD.²⁶⁹



As capas expostas acima ilustram as vinte e sete edições da revista *Mulher, Lar & Família Cristã*. Nelas, encontram-se a matéria central de cada edição e as matérias mais relevantes. A questão racial não é tema abordado em nenhuma edição da revista, e a percentagem de mulheres negras nas capas é de 7,4%. Os assuntos que abordam temas políticos e relacionados a drogas que aparecem nas capas representam 2,74% cada um. A percentagem que retrata o relacionamento entre casais é de 37,04%, o relacionamento entre pais e filhos figura em 18,52%, o tema família aparece em 14,81%; em nenhuma capa aparece o tema economia.

Alguns fatores, listados a seguir, chamam atenção no que diz respeito às capas de *Mulher, Lar & Família Cristã*: 1. Dentre as vinte e sete edições, o título aparece em cor vermelha em vinte e cinco delas. Em uma edição, o título aparece na cor verde e, na outra, o título aparece em cinza. 2. Ao analisar a relação entre as capas e as funções responsáveis pela arte gráfica, verificou-se que as duas capas

²⁶⁹ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD.

com os títulos em cores diferentes foram feitas pela mesma pessoa responsável pelas demais, Eduardo Souza. 3. Entre trinta e duas pessoas que aparecem nas capas, vinte e seis são mulheres.

A partir da análise das capas, percebe-se uma transformação entre a revista *Nosso Lar e Mulher, Lar & Família Cristã*. Em *Nosso Lar*, reportagens relacionadas à família aparecem em 100% das capas, enquanto em *Mulher, Lar & Família Cristã* o tema aparece em 14,81%. O foco central foi transferido da família para a mulher. A questão relacionada à política, ainda que de forma tímida, aparece duas vezes. Entretanto assuntos ligados a economia e questões raciais não participam da pauta.

Chama atenção a centralidade do papel da mulher transmitido através das capas. Retrata-se uma mulher moderna, com capacidade de conciliar tarefas domésticas com o lado profissional.

Os assuntos abordados tanto nas capas quanto no interior da revista não divergem quanto aos temas; os mesmos são recorrentes e ligados à pauta feminina. Assuntos como política e economia, considerados como “assuntos masculinos”, não são encontrados nas páginas da revista, salvo as duas aparições de Marina Silva. *Mulher, Lar & Família Cristã* propõe uma imagem de mulher mais moderna e atuante, mas até que ponto? O artigo *Mulheres na linha de frente*, escrito por Hosana Marinho da Silva, membro da Assembleia de Deus de Cordovil, sugere esse limiar.

Elas se organizam no serviço social e em grupos de oração, de visitas, de louvor, de apoio específico à família nos núcleos familiares, realizando cultos edificantes (...) a submissão foi dada à mulher pelo Senhor, como um princípio que não pode ser ignorado. Primeiramente ao Senhor, e depois ao homem, a quem Deus constituiu como “cabeça” da mulher (...) ser feminina é diferente de ser feminista.²⁷⁰

A passagem evidencia homem e mulher como duas variantes, superior e inferior. De acordo com a revista, não se deve questionar a submissão da mulher, uma vez que o homem é a parte racional do casal. A liderança feminina, nesse ponto, está ligada a um homem – ser pensante, racional – para direcionar a mulher – dotada de sentimentalismo e emoções – à liderança. As linhas sugerem um princípio de divisão entre masculino – ativo – e feminino – passivo e, por conseguinte, uma hierarquia fundamentada na divisão sexual/gênero. As reuniões femininas retratadas

²⁷⁰ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 58 e 60, p. 35, 2003.

na revista estão em consonância com a reportagem anterior ao mostrarem mulheres atuantes.

Tais reuniões como a UNEMAD (Nacional de Esposas de Ministros das Assembleias de Deus), UFADERJ (União Feminina Das Assembleias de Deus), UNEMADES (União de Esposas de Ministros das Assembléias de Deus no Espírito Santo), UFADEB (União Feminina da Assembleia de Deus do Brasil) são recorrentes nas páginas de *Mulher, Lar & Família Cristã*. Nessas matérias, a imagem feminina passada relaciona-se com a importância da participação feminina na igreja. As mulheres destacam-se no meio missionário, mas, sobretudo, destacam-se a partir de seus maridos. Duas das três Uniões acima guardam semelhanças, inclusive pelos nomes. Nelas o que se vê é o cargo que o marido exerce na instituição religiosa. Antes de serem mulheres, elas são esposas de Ministros da Assembleia de Deus.

Imagem 21 – Congresso da UFADEB. ²⁷¹



A reportagem acima destaca o 1º Congresso Nacional das Assembleias de Deus no Brasil, realizado em Belo Horizonte. O objetivo da reportagem é mostrar o aumento da participação feminina dentro da igreja e a importância da mulher para construção e manutenção da instituição. Em um Congresso feminino, é de se

²⁷¹ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 4, p. 25, 2001.

esperar que a mulher tenha papel preponderante, caso que não ocorre no que diz respeito à organização do evento.

O evento para comemorar a participação feminina na Assembleia de Deus não só foi organizado, mas também presidido, por um homem. Como explicar essa discrepância entre objetivo e prática? Bourdieu²⁷² dá dicas sobre o assunto ao afirmar que há um aumento na participação das mulheres no campo profissional, mas que esse aumento não significa que as mulheres exerçam cargos de autoridades e responsabilidades. O mesmo ocorre dentro da igreja; as mulheres que participaram do Congresso são importantes para a instituição, assumindo funções de esposas, missionárias, coordenadoras de círculos de orações. Quando se trata de cargos com alto grau de poder, esses são relegados aos homens. Como então a revista constrói a imagem feminina?

3.3. Análise da revista

Para identificar a construção da imagem feminina, alguns dados são importantes. Assim como a revista *Nosso Lar, Mulher, Lar & Família Cristã* não traz todas as suas matérias assinadas. Entre 68 matérias com autoria, 47 são assinadas por mulheres e 21 assinadas por homens. São 69,11% de autoras para 30,80% de autores. Os números mostram uma postura diferente se comparada com a revista *Nosso Lar*. Em uma revista direcionada ao público feminino, a maior parte das reportagens é feita por mulheres. Dois editoriais possibilitam demonstrar a imagem de mulher construída por *Mulher, Lar e Família Cristã* e permite fazer um paralelo com a imagem feminina construída na revista *Nosso Lar*.

A primeira publicação do corpo editorial de *Mulher, Lar & Família Cristã* talvez seja um bom exemplo de transformação em relação às posturas de pensamentos entre as duas revistas.

Estamos aqui diante de um novo e agradável desafio. Produzir uma revista direcionada à mulher cristã. Ativa no campo profissional, político e no lar, a mulher que serve a Deus concilia tudo isso com uma participação dinâmica nas atividades da igreja, precisa estar consciente dos propósitos divinos para a sua vida e bem preparada para os desafios diários (...). A difícil tarefa de conciliar trabalho e carreira profissional é o tema abordado na reportagem de capa. A tarefa da mãe moderna não mais se resume a cuidar da organização da casa. Além de se dedicar aos filhos, ela também se preocupa com

²⁷² BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 108.

a carreira profissional. A repórter Patrícia Scott ouviu como algumas mulheres cristãs lidam com essa questão e descobriu que elas dão prioridade à estabilidade do lar²⁷³.

É possível notar uma postura mais flexível em relação à imagem feminina. Nesse primeiro editorial, percebe-se a preocupação da revista em mostrar uma mulher atuante no espaço público. *Mulher, Lar & Família Cristã* adapta-se às transformações ocorridas na sociedade, projeta uma imagem feminina cristã e, ao mesmo tempo, ativa na sociedade. Na primeira edição, seis matérias evidenciam a mulher no espaço público.

Tabela 29. Títulos de matérias e assuntos – *Mulher, Lar & Família Cristã* – 2000.²⁷⁴

Matéria	Ano	n.º	Ano
Liderança respeitada num país em reconstrução	2	10	2002
Sem barreiras para servir	2	10	2002
Nos céus com Jesus	2	10	2002
10º Congresso feminino	1	4	2001
Vitoriosas pela oração	1	6	2001
Fieis Seguidoras	3	14	2003
Instrumento de Deus para evangelizar e alfabetizar os índios	6	26	2006

A primeira edição da revista traz seis matérias que inserem a mulher no espaço público. Cinco delas expressam a necessidade da mulher conciliar a vida doméstica com a vida pública. Nelas, apesar da inserção fora do espaço doméstico, a preponderância é dada ao papel de mãe e esposa.

Simplemente mulher (...) No lar, na igreja e na sociedade a participação feminina é fundamental e faz a diferença (...) Mulher que luta, mas nunca esquecendo seu papel dado por Deus de esposa e mãe.²⁷⁵

Mãe e profissional: como conciliar? Mostra as dificuldades que as mães encontram para manter suas carreiras, sem que isso prejudique sua relação com os filhos (...) Mesmo trabalhando fora, mulheres investem na estruturação da família (...) Primeiro lugar está Deus, em segundo, a família e depois, a profissão.²⁷⁶

Wanda Freire Costa conta de seu trabalho na igreja, de sua responsabilidade como esposa do presidente da CGADB e compartilha experiências com Deus (...) Auxiliadora no ministério do

²⁷³ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 1, p. 4, 2000.

²⁷⁴ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 1, 2000.

²⁷⁵ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 1, p. 48, 2000.

²⁷⁶ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 1, p. 7, 2000.

marido (...) acompanha o marido e ainda encontra tempo para administrar a casa.

As matérias supracitadas retratam mulheres que assumem papéis no espaço público na sociedade, *lócus* considerado masculino. Atuam no espaço público através da igreja ou através de suas profissões. Importante notar que em todas as matérias, ainda que essas mulheres tenham rompido com a ordem dominante, ao se inserirem no espaço público, ainda assumem a função doméstica como prioridade.

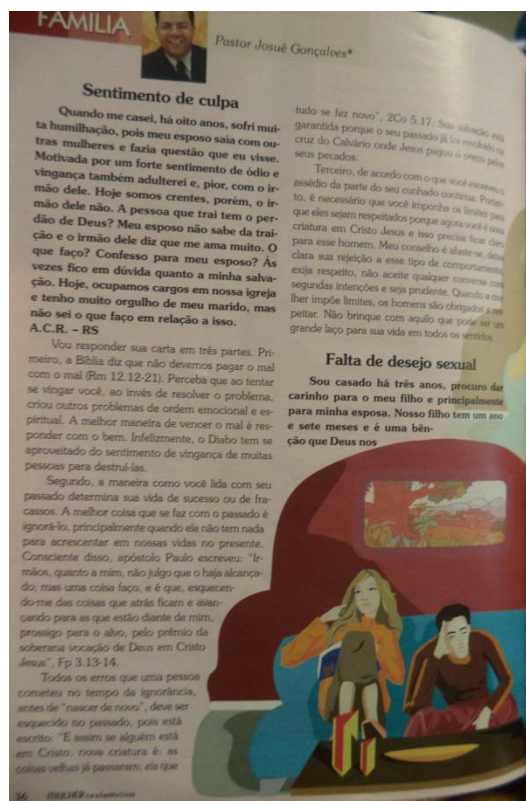
As mulheres que aparecem de alguma forma inseridas no espaço público – mulheres anônimas, mulheres públicas, mulheres negras, mulheres brancas, mulheres casadas, mulheres solteiras, mulheres jovens, mulheres idosas – têm, mesmo em meio a tantas diferenças, um aspecto em comum, a religião. Todas fazem parte da igreja Assembleia de Deus.

Tais mulheres que atuam no trabalho social, na educação, na política e em missões em outros países não podem ser classificadas como “apenas submissas aos maridos”. Muitas delas não são casadas, e outras, mesmo quando casadas, decidiram abrir mão de uma vida centrada no doméstico a favor de uma vida pública. Nota-se que estas mulheres fazem política²⁷⁷ ao passo que precisam construir parcerias e relações para obtenção do resultado pretendido.

Vale ressaltar aqui, a título de curiosidade, um caso recorrente nas publicações analisadas. Em alguns volumes, existe uma coluna intitulada: *Família*. Nela, o pastor Josué Gonçalves²⁷⁸ responde às perguntas dos leitores, em grande maioria formulada por mulheres. Não é difícil encontrar, nesta coluna, relatos de mulheres que têm ou tiveram relacionamentos extraconjugais. Notadamente, a preocupação destas mulheres gira em torno da submissão à religião e não ao marido.

²⁷⁷Entende-se, aqui, como política um sistema de relações de poder ligado a hierarquias valorativas.

²⁷⁸De acordo com a revista, o mesmo é: pastor, terapeuta familiar, escritor e conferencista. Características que o tornam capaz de “ajudar” as pessoas.

Imagem 22 – Seção Família – 2003.²⁷⁹

As mulheres retratadas – atuantes na esfera política – saíram da esfera doméstica e ganharam o espaço público, visto como *locus* masculino. Outras, mesmo na esfera doméstica, demonstram não ser submissas aos maridos, tal qual o exemplo citado. Com base nessas mulheres, a imagem feminina projetada pela revista vai de encontro à representação de uma mulher submissa. Contudo, a imagem que a revista projeta não pode ter como base apenas esses exemplos.

Para fazer contraponto à imagem de mulher moderna, atuante na esfera pública, não submissas, o editorial de nov./dez. de 2000²⁸⁰ será um bom exemplo.

Transformação só em Jesus! Muito se tem falado na violência contra a mulher no casamento, mas o Cristo que há dois mil anos deu visão ao cego, fez paralítico andar e ressuscitou os mortos é o mesmo que faz milagres ainda hoje. As injustiças domésticas são feridas que precisam ser expostas, reconhecidas e tratadas. Será que as pessoas que vivem essa realidade acreditam na restauração de seus lares? Com base bíblica afirmamos que isso é possível. Basta ter fé e submissão a Deus do impossível (...) A reportagem de capa mostra mulheres que viveram a angústia de ter um lar despedaçado pela violência. De um lado, maridos opressores. De outros, mulheres – e em consequência filhos – tristes, amargurados e acuados. Elas,

²⁷⁹ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 15, p. 5, 2003.

²⁸⁰ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 3, p. 3, 2000.

porém, venceram ao buscarem em Cristo a transformação, o perdão e a reconciliação para seus casamentos.²⁸¹

A inferioridade hierárquica feminina é retratada no editorial acima em forma de violência, e a legitimação desse comportamento parte da Bíblia. Traço marcante da projeção de imagem feminina submissa e presa ao espaço público é a seção *Assim como nós*, publicada em todas as edições da revista. Nessa coluna, são ressaltadas as características ligadas à feminilidade, responsáveis pelo sucesso das mulheres bíblicas.

À disposição de Deus (...) Maria, mãe de Jesus, um exemplo de obediência e fé (...) Em todas as ocasiões em que se faz menção à mãe de Jesus nos Evangelhos, ela sempre demonstra espírito de solidariedade, doação, generosidade, tranquilidade, observação²⁸².

Há esforço das instituições tradicionais, produtoras de sentidos no processo de produção simbólico-religioso, de secundarizar a mulher. A imagem feminina não é vista como papel central dentro da religião, mas, sim, em um papel secundário.

O discurso baseado na inferioridade natural da mulher se baseia na diferenciação biológico-social, na qual se vê a construção sociocultural baseada em uma diferenciação a partir do sexo, repercutindo na divisão do trabalho. Essa visão se infiltra dentro das Igrejas e gera a disparidade entre homem/mulher. Boa parte das matérias publicadas e já citadas aqui evidencia a dominação masculina, na qual há uma divisão social do trabalho e a legitimação da hierarquização dos sexos pelas instituições detentoras de capital simbólico.

Importante a aplicação das teorias de gênero para a compreensão de um paradoxo dentro da Igreja Assembleia de Deus. Apesar de redatoras da revista publicada pela CPAD, a essas mulheres é negado o acesso a cargos superiores, como, no caso, de Diretora ou redatora-chefe.

Conclui-se que a imagem da mulher projetada pela revista, apesar de inseri-la em um contexto contemporâneo, no qual a mesma tem lugar no espaço público, sugere em suas entrelinhas um “ideal” de mulher ligada ao espaço privado.

²⁸¹ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 3, p. 3, 2000.

²⁸² MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 3, p. 16-17, 2000.

CONSIDERAÇÕES

As revistas analisadas trazem similaridades e disparidades. Suas semelhanças começam por se tratarem de revistas direcionadas às camadas superiores da população. Com base no cálculo proporcional ao preço das revistas em relação ao valor do salário mínimo, atualmente a revista *Nosso Lar* custaria R\$ 30,73, e a revista *Mulher, Lar & Família Cristã* custaria entre R\$ 36,01 e R\$ 15,52.

Outra similaridade é a projeção de mulher ligada ao espaço privado, centrada nas atividades domésticas, em oposição ao marido, centrado no trabalho. Apesar de *Mulher, Lar & Família Cristã* projetar a mulher no contexto contemporâneo, a imagem que se sobressai é a de uma mulher submissa.

Ao relacionar as duas partes propostas para essa dissertação, pode-se concluir que a imagem feminina na revista *Nosso Lar* é consonante com os períodos compreendidos entre 1911 e 1988. Nesse caso, a identidade assembleiana assumia uma postura mais conservadora e ainda mantinha certa distância do mundo. A imagem feminina de submissão ao marido, inserida no espaço privado e no espaço doméstico, conecta-se a essa antiga postura de pensamento. O trecho abaixo, escrito por Beverly LaHaye, evidencia essa ideia:

A dona de casa perfeita (...) A mulher casada é dona de casa, cuidando do lar para o marido e os filhos. Deus criou a mulher para ser auxiliar. A mulher virtuosa é aquela que atende ao bom andamento de sua casa.²⁸³

Já a revista *Mulher, Lar & Família Cristã* se relaciona de melhor maneira com o perfil mais moderno assumido pela Assembleia de Deus a partir de 1988. Nota-se na revista um ideal de mulher centrado no privado, mas com a possibilidade de interação no espaço público, principalmente, quando há relação com a Igreja e com a religião.

²⁸³ NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 4, p. 14, mar./abril. 1995.

Imagem 23 – Entrevista com Marina Silva – *Mulher, Lar & Família Cristã* – 2003.²⁸⁴



A entrevista realizada pela revista *Mulher, Lar & Família Cristã*, no ano de 2003, com Marina Silva, demonstra como o periódico mantém relações com o perfil adotado pela igreja Assembleia de Deus após 1988. Não bastasse a inserção no campo político pelos homens, a revista mostra também a inserção das mulheres no campo público, sobretudo no domínio político, *lócus* de poder, no qual há predominância masculina. No entanto, a credibilidade feminina no espaço público deriva-se da submissão à religião.

²⁸⁴ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 15, p. 5, 2003.

CONCLUSÃO GERAL

Com o objetivo de identificar a imagem feminina nos periódicos publicados pela CPAD, ligados a Igreja Assembleia de Deus²⁸⁵, houve necessidade de investigar a longo alcance como a identidade assembleiana é construída dentro da igreja e a partir de quais influências. A investigação da origem e implantação do movimento pentecostal de forma geral, mas, sobretudo no Brasil, abriu caminhos para a compreensão da identidade assembleiana.

Perceber como a perspectiva escatológica e as visões pré-milenarista e pós-milenaristas influenciam o comportamento do ser pentecostal como sujeito dotado de ações teve sua relevância. Quando se buscou identificar a identidade sob um viés milenarista, o trabalho de identificação e compreensão das transformações ocorridas no interior da Assembleia de Deus foi facilitado. A partir da periodização de Alencar²⁸⁶, pôde-se associar visões pré-milenaristas e pós-milenaristas a períodos distintos da Assembleia de Deus.

Partindo da premissa de que a Igreja Assembleia de Deus, maior igreja pentecostal do Brasil, na atualidade²⁸⁷, é heterogênea em sua composição, algumas observações foram consideradas: 1. O trabalho se propôs investigar a imagem feminina a partir de periódicos publicados pela CPAD. Isso significa que a imagem feminina identificada em *Nosso Lar e Mulher, Lar & Família Cristã* relaciona-se a uma vertente da Assembleia de Deus ligada à CGADB; 2. Mesmo as igrejas ligadas à Convenção Geral assumem estruturas e formas de organização distintas, apesar de obedecerem aos mesmos *Usos e Costumes*; 3. A pesquisa de caráter puramente bibliográfico não permite afirmar que a imagem feminina passada através das publicações servem para as leitoras, de forma direta, para a construção da identidade. Assim, não há como afirmar se essas leitoras ressignificam a imagem passada pelas revistas, nos seus cotidianos; 4. Em hipótese alguma o trabalho pretende afirmar que o resultado encontrado, relativo à imagem feminina, é o único presente no interior da Assembleia de Deus.

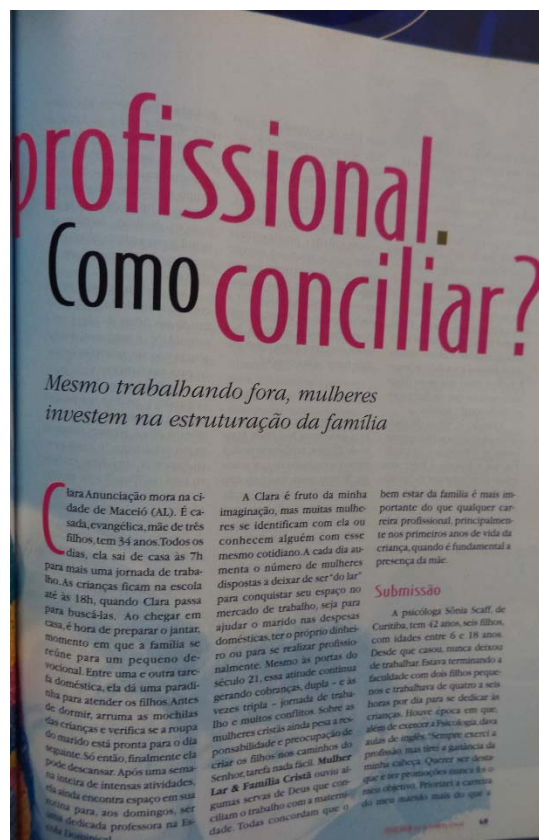
²⁸⁵ *Nosso Lar e Mulher, Lar & Família Cristã*.

²⁸⁶ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911 – 2011*. 2012. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

²⁸⁷ IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/index.php>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

O primeiro ponto a ser considerado, com base na análise das revistas *Nosso Lar e Mulher, Lar & Família Cristã*, revelou-se inesperado. O estudo identificou duas formas de imagem feminina. Em um tipo de imagem feminina, a mulher é representada de forma contemporânea e moderna – ativa, que trabalha fora. No outro tipo, a mulher é projetada de forma mais conservadora – adjutora do esposo e “rainha do lar”. Interessante notar dois pontos. Primeiramente, como se vê no exemplo abaixo, as duas imagens femininas não se opõem.

Imagem 24. Mulher, *Lar & Família Cristã* – 2000.²⁸⁸



O segundo ponto a ser notado é que, na revista *Nosso Lar*, a imagem de uma mulher ligada ao espaço privado aparece com mais frequência do que na revista *Mulher, Lar & Família Cristã*.

Os dois tipos de imagens femininas verificados na revista *Nosso Lar*, com sobreposição de uma imagem mais conservadora, retrata o corpo editorial da revista. A maior parte das reportagens é escrita por homens em uma revista ligada ao público feminino. A marca da dominação masculina é encontrada com maior

²⁸⁸ MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 1, p. 49, 2000.

facilidade no periódico dos anos de 1990. A forma e o conteúdo da revista ligam-se de melhor forma a uma concepção mais conservadora de Assembleia de Deus, na qual mulheres e homens devem exercer suas funções de acordo com a divisão sexual/gênero do trabalho.

Já a revista *Mulher, Lar & Família Cristã*, apresenta as duas imagens femininas de maneira mais equiparada. A maior parte das reportagens é escrita por mulheres, demonstrando uma transformação na linha de pensamento de uma revista para outra. Entretanto, mesmo as reportagens que retratam a mulher no espaço público priorizam a mulher no espaço privado. Dessa forma, em todas as matérias que possibilitam a construção da imagem feminina, a função preponderante ligada à mulher recai sobre a vida doméstica.

Outro fator que merece destaque são os temas abordados nos dois periódicos. Assuntos ligados à política e à economia aparecem de forma tímida. Quando se veem matérias relacionadas a temas políticos, a política não é o tema central, mas, sim, a submissão e a fé da mulher em Deus e na religião. Quando o tema abordado é economia, o mesmo aparece de duas formas: 1. Economia doméstica; 2. Consumismo. Ou seja, a abordagem do tema economia é feita de modo a referenciar o feminino, tendo por base a teoria de gênero de caráter universal. Nota-se nas entrelinhas a mulher ligada à economia do lar, por desempenhar o papel de dona de casa, e ao consumismo de bens supérfluos, gerado pela emoção do momento da compra.

Após análise do material, pode-se dizer que as imagens femininas encontradas a partir das revistas passam a ideia de uma mulher subordinada a Deus e ao marido, exercendo como função principal as tarefas de dona de casa e mãe de família. Nota-se a mulher assembleiana presa a uma hierarquia valorativa de dominação, na qual a submissão é legitimada com base na Bíblia. Passagens tais como: “E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores”²⁸⁹ e “E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele”²⁹⁰ são constantemente utilizadas para legitimar a posição e o papel da mulher – hierarquicamente inferior – no interior da igreja e na vida privada.

²⁸⁹EFÉSIOS 4:11. In: *BÍBLIA SAGRADA*. São Paulo: Editora Paulinas, 2009.

²⁹⁰GÊNESIS 2:18. In: *BÍBLIA SAGRADA*. São Paulo: Editora Paulinas, 2009.

Por hora, basta a ideia de que a imagem feminina nas revistas mantém um ideal de mulher submissa e subalterna ao homem. A relação de desigualdade entre gêneros/sexo se constata verdadeira. O papel da mulher dentro da igreja e na sociedade, ao longo do tempo, vem sendo transformado. No entanto, a credibilidade dada a ela e a responsabilidade ainda são inferiores àquelas incumbidas aos homens. O poder é distribuído de maneira desigual entre homens e mulheres, naturalizando o papel de submissão feminino na Igreja, no lar, no trabalho.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia -1911 – 2011*. 2012. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ALMEIDA, Abraão et al apud ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 1.
- ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- ARAUJO, Isael de. *Álbum comemorativo dos 70 anos da CPAD: história da casa publicadora das assembleias de deus - 1940 a 2010*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- ARAUJO, Isael de. *100 mulheres que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- BANDINI, Claudirene Aparecida de Paula. Um olhar sobre as transformações de identidades e práticas sociais de líderes femininas pentecostais. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ano 2, n. 5, set. 2009.
- BELLOTTI, Karina Kosicki. *Delas é o reino do céus: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (anos 1950-2000)*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2010.
- BELLOTTI, Karina Kosicki. Gênero e religião. *Revista Aulas*, n. 4, abr./jul. 2007.
- BELLOTTI, Karina Kosicki. Joyce Meyer: bem-estar espiritual e emocional na mídia evangélica. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ano 4, n. 10, maio 2011.
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Editora Paulinas, 2009.
- BIRMAN, Patrícia. Mediação feminina e identidades pentecostais. *Cadernos Pagu*, p. 201-226, 1996. Disponível em: <<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Media%C3%A7%C3%A3o-Feminina-e-Identities-Pentecostais/566077.html>>. Acesso em: 3 jun. 2013.
- BIRMAN, Patrícia. O Espírito Santo, a mídia e o território dos crentes. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 41-62, out. 2006.
- BIRMAN, Patrícia. O poder da fé, o milagre do poder: mediadores evangélicos e deslocamento de fronteiras sociais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 133-153, jan./jun. 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos e mídia no Brasil: uma história de acertos e desacertos. *Revista de Estudos da Religião*, p. 1-26, 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/r3_2008/t_campos.pdf>. Acesso em: 15 set. 2013.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva. *Revista USP*, São Paulo, n. 61, p. 146-163, mar./maio 2004.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira: católicos e evangélicos entre 1940 e 2007. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, p. 9-47, dez. 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv42008/t_campos.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2013.

CARVALHO, Anabela. Opções metodológicas em análise de discurso: instrumentos, pressupostos e implicações. *Comunicação e Sociedade* 2, v. 14(1-2), p. 143-156, 2000.

CARVALHO, Maristela Moreira de. Teologia(s) feminista(s) e movimento(s) feminista(s) na América Latina e no Brasil: “origens” e memória. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/M/Maristela_Moreira_de_Carvalho_40.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2013.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Rio de Janeiro: IBGE, v. 1. 2012.

CHRYSOSTOMO, Elba Oliveira. A mulher negra evangélica e a rejeição do homem negro evangélico. Disponível em: <<http://cnnbca.blogspot.com.br/2007/09/mulher-negra-evangelica-e-rejeio-do.html>>. Acesso em: 13 jul. 2013.

CORRÊA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. Alterações das características da igreja Assembleia de Deus no bairro Bom Retiro em São Paulo. *Azusa*, jul. 2011.

CORRÊA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. *A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil*. 2012. 351f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

COUTO, Márcia Thereza. Gênero, família e pertencimento religioso na redefinição de ethos masculinos e femininos. *ANTHROPOLÓGICAS*, ano 6, v. 13(1), p. 15-34, 2002.

COUTO, Márcia Thereza. Na trilha do gênero: Pentecostalismo e CEBS. *Estudos feministas*, ano 2, p. 362, 2002.

CUNHA, Magali do Nascimento. *Vinho novo em odres velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil*. 2004. 347f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

DELUMEAU, Jean apud ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

DESROCHE apud ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

DINIZ, Débora; FROLTRAN, Paula. Gênero e feminismo no Brasil: uma análise da Revista Estudos Feministas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, set./dez. 2004. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300026> >. Acesso em: 15 jul. 2013.

EFÉSIOS 4:11. In: *BÍBLIA SAGRADA*. São Paulo: Editora Paulinas, 2009.

FRESTON, Paul. As duas transições futuras: católicos, protestantes e sociedade na América Latina. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 12, n. 12, p. 13-30, out. 2010.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 67-99.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 303f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

FROSSARD, Miriane Sigiliano. *Caminhando por terras bíblicas: religião, turismo e consumo nas caravanas evangélicas brasileiras para a Terra Santa*. 2013. 407f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

GÊNÊSIS 2:18. In: *BÍBLIA SAGRADA*. São Paulo: Editora Paulinas, 2009.

GOMES, Angela de Castro. Ideologia e trabalho no estado novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p.53-72.

IBGE: instituto brasileiro de geografia e estatísticas. Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=POP60&t=populacao-religiao-populacao-presente-residente>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

LOPES, Noêmia de Fátima Silva et al. Religião, família e gênero entre lideranças comunitárias católicas de Soledade/MG. *Revista de Ciências Humanas*, Viçosa, v. 11, n. 2, p. 331-343, jul./dez. 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. A análise do discurso e suas fronteiras. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, p. 13-37, jan./jun. 2007.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a Teologia da Prosperidade. *NOVOS ESTUDOS*, n. 44, p. 24-44, mar. 1996.

MARIANO, Ricardo. Sociologia do crescimento pentecostal no Brasil: um balanço. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, ano 43, n. 119, p. 11-36, jan./abr. 2011.

MARTINELLI, Lindolfo Anderson. O Pentecostalismo em Alteridade ao Comunismo: Construções Imaginárias sobre “o Mal que Precede o Fim dos Tempos. In: ANPUH: XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2009, Fortaleza.

MENDONÇA, Antônio. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *REVISTA USP*, São Paulo, n. 67, p. 48-67, set./nov. 2005.

MENDONÇA, Antônio. Sinais de cansaço no protestantismo. *IHU ON-LINE*, São Leopoldo, dez. 2005.

MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, dez. 1930.

MESQUITA, Wania Amélia Belchior. Um pé no reino e outro no mundo: consumo e lazer entre pentecostais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 117-144, jul./dez. 2007.

MIRANDA, Fernanda Honorato. *Religião e mulher*. liderança feminina no pentecostalismo evangélico. 2009. 86 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

MIRANDA, Florencia. Gêneros de texto e tipos de discurso na perspectiva do interaccionismo sociodircurso: que relações. *Estudos Linguísticos*: Edições Colibri, Lisboa, p. 81-100, 2008.

MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo: um conceito obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, p. 1-19, jun. 2010. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv2_2010/t_moraes.pdf. Acesso em: 10 jun. 2013.

MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 1, n. 1 2000.

MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 1, n. 2, 2000

MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 1, n. 3, 2000.

MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 1, n. 4, 2001

MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 1, n. 5, 2001

MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 1, n. 6, 2001.

MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 1, n. 7, 2001.

MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 1, n. 8, 2001.

MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 2, n. 9, 2001.

- MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 2, n. 10, 2002.
- MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 2, n. 11, 2002.
- MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 3, n. 12, 2002.
- MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 3, n. 13, 2003.
- MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 3, n. 14, 2003.
- MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 3, n. 15, 2003.
- MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 3, n. 16, 2003.
- MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 4, n. 17, 2004.
- MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 4, n. 18, 2004.
- MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 4, n. 19, 2004.
- MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 5, n. 20, 2004.
- MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 5, n. 21, 2005.
- MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 5, n. 22, 2005.
- MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 5, n. 23, 2005.
- MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 6, n. 24, 2005.
- MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 6, n. 25, 2005.
- MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 6, n. 26, 2006.
- MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 6, n. 27, 2006.
- NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 1, n. 0, dez. 1992.
- NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 1, n. 1, maio/jun. 1993.
- NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 1, n. 2, ago./set. 1993.
- NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 3, n. 3, jan./fev. 1995.
- NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 3, n. 4, mar./abr. 1995.
- NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 3, n. 5, maio/jun. 1995.
- NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 3, n. 6, ago./set. 1995.
- NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 3, n. 7, set./out.. 1995.
- NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 3, n. 8, nov./dez. 1995.

NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 4 n. 9, jan./fev. 1996.

NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 4, n. 10, mar./abr. 1996.

NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 4, n. 11, maio/jun. 1996.

NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 4, n. 12, jul./ago. 1996.

NOVAES apud ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostalismo: dinheiro e magia. *ILHA*, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 71-85, nov. 2001.

ORO, Ari Pedro. O neopentecostalismo macumbeiro. *Revista USP*, São Paulo, n. 68, p. 319-332, dez./fev. 2005-2006.

PASSOS, Mauro; ROCHA, Daniel. *Em tempos de pós-pentecostalismo: repensando a contribuição de Paulo Siepierski para o estudo do pentecostalismo brasileiro*. Disponível em: <
http://www.usp.br/ran/ojs/index.php/angelusnovus/article/viewFile/143/pdf_41>. Acesso em: 23 ago. 2014.

PUGLIESE, Gabriel. *Sobre o “caso Marrie Currie”: a radioatividade e a subversão do gênero*. São Paulo: Alameda, 2012.

REILY apud ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

ROCHA, Daniel. *Dando a Deus o que é de César: escatologia, pentecostalismo e política em três atos*. Disponível em: <
http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=417&cod_boletim=23&tipo=Artigos>. Acesso em: 23 jul. 2014.

ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de conteúdo e análise de discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. *ALAE*, v. 7, n. 2, p. 305-322, dez. 2005.

ROCHA, Maria José Pereira. Gênero e religião sob a ótica da redescrição. *Revista da Abordagem Gestáltica*, p. 102-108, jan./jun. 2008.

RODRIGUES, Elisa. *A mão de Deus está aqui: estudo etnográfico da igreja mundial do poder de deus*. 2014. 340f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SANTANA, Anabela Maurício de; BRABEC, Júlio César Alves. O espaço da mulher na igreja evangélica: um estudo das relações familiares de gênero e poder. In: V COLÓQUIO INTERNACIONAL: EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 2011, São Cristóvão.

SANTOS, Ariadna de Oliveira. *Discurso pentecostal e diálogo inter-religioso: um estudo sob a perspectiva da Metáfora Conceptual*. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SANTOS, Maria Goreth. In: XI CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2003, Campinas.

SCAVONE, Lucila. Religiões, gênero e feminismo. *Revista de Estudos da Religião*, p. 1-8, dez. 2008.

SIEPIERSKI, Paulo D. Pós-Pentecostalismo e Política no Brasil. *Estudos Teológicos*, v. 37, n. 1, p. 47-61, 1997.

SILVA, Edlene Oliveira. As filhas de Eva: religião e relações de gênero na justiça medieval portuguesa. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, jan./abr. 2011. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100004>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

SILVA, Janine Targino da. Lideranças pentecostais femininas: notas sobre a reelaboração da identidade feminina no meio pentecostal e sua influência nas demais esferas sociais. In: FAZENDO GÊNERO 8: CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 2008, Florianópolis.

SILVA, José Maria da; SILVEIRA, Emerson Sena da. *Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas*. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

SOARES, Vera. Muitas faces do feminismo no Brasil. Disponível em: < http://www2.fpa.org.br/portal/uploads/feminismo_brasil.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2013.

SOM ALEGRE. Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, dez. 1929.

SOUZA, Moacir Benedicto. *Do Estado unitário ao Estado regional*. *Revista Informação Digital*, Brasília, ano 22, n. 95, p. 125-138, jan./mar. 1985.

SOUZA, Sandra Duarte de. Experiências editoriais feministas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, set./dez. 2004. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300014>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

SOUZA, Sandra Duarte de; LEMOS, Carolina Teles. *A casa, as mulheres e a igreja: gênero e a religião no contexto familiar*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora UNICAMP, 2006.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. Aborto, sexualidade e reprodução na Igreja Universal. In: JORNADAS DE ANTROPOLOGIA DA UNICAMP, 2011, Campinas.

TOLEDO-FRANCISCO, *Passagens híbridas: relações de gênero e pentecostalismo*. 2002. 249 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

VINGREN, Frida apud ARAUJO, Isael. 100 mulheres que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

VOESE, Ingo. Desafios para uma análise do discurso. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 3, n. 1, p. 187-210, jul./dez. 2002.